

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



Expediente

Comissão Editorial

Andréa Gonçalves

Cléia Margarete Macedo da Costa Tonin

Débora Taís Batista de Abreu

Guilherme Reichwald Junior

Margarete Maria Chiapinotto Noro

Patrícia Hammes Strelow

Simone Valdete dos Santos

Suzana Trevisan

Comissão Organizadora

Débora Taís Batista de Abreu

Guilherme Reichwald Junior

Margarete Maria Chiapinotto Noro

Patrícia Hammes Strelow

Suzana Trevisan

Projeto gráfico e diagramação

Giovana Smialowski

Guilherme Adriani

Guilherme Silva dos Santos

Marco Mello

Patrícia Hammes Strelow

Periodicidade

Semestral

Impressão

Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul

#histórias que merecem ser contadas
Sapucaia do Sul, RS, V.4, N.2, 2017



INSTITUTO FEDERAL

Sul-rio-grandense

Câmpus Sapucaia do Sul

Avenida Copacabana, 100, bairro Piratini

www.sapucaia.ifsul.edu.br

Sumário

- 9 Apresentação | Guilherme Reichwald Jr.
- 11 Prefácio | Jane Paiva
- 20 Um sonho antigo, uma oportunidade: PROEJA no IF Sertão | Adreildo Simplício Gomes Júnior (IF Sertão)
- 21 Ocupação do Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti | Alex Sander Souza da Silva (IFRS)
- 23 Menina da cabeça de vento | Amanda Almeida Bezerra (IFPB)
- 25 Minha vida no PROEJA | Ana Paula da Silva da Rocha (IFRS)
- 27 Uma vida transformada pelo ensino | Andrea de Souza Silva (IFMG)
- 28 Minha trajetória de vida | Angelina Camargo Marques (IF Sertão)
- 30 A história de Antão | Antão Gari Dias (Colégio Técnico Industrial)
- 32 Minha vida mudou | Antonio Bernardo da Silva (IFPE)
- 33 Eu sou Técnico | Árion Douglas Ferraz Santos (IFSul)
- 35 Memórias, sonho e conquista | Aristéia Mesquita (IFB)
- 37 A volta por cima | Arley Batista Paim (IFMG)
- 39 A aluna: uma história de foco e determinação no PROEJA da Rede Federal de Ensino | Arminda Lucia Oliveira da Silva (IFMG)
- 41 O mundo pertence a quem se atreve | Auxiliadora Maria da Silva (IFPE)
- 42 Vencer pela vontade e contribuir pelo ideal | Bernadete Maria Motta Silveira (IFSul)
- 43 De filho para mãe e de mãe para filho | Cleusa Sirlei Coleraus (IFRS)
- 45 Esperança, luta e conquista | Cristiane Rambo Casais de Lima (Colégio Pedro II)

- 47 *Vivendo e aprendendo!* | Dani Ielson Matos da Rosa (IFRS)
- 50 *Esperança e valorização social* | Diana Alves de Assis dos Santos (IFPE)
- 51 *50 anos de lembranças* | Eduardo Faustino dos Santos (IFAL)
- 52 *Superação* | Elisabete Miranda Bronzoni (IF Farroupilha)
- 55 *Nascida para casar* | Evanildes da Silva Cruz (IFB)
- 57 *Vida de surdo* | Fabiano Pereira Dias (IFMT)
- 59 *Volta às aulas* | Flávia Vieira da Costa Barbosa (Colégio Pedro II)
- 60 *Todo mundo tem um dom* | Francisco Josimar Pereira (IF Sertão)
- 62 *Minha vida depois do PROEJA* | Giovane de Matos Silveira (IFSul)
- 63 *Dizendo adeus ao passado* | Ilma Marcolino Moraes (IF-Sul)
- 65 *Caminho da vitória* | Isabela Marques dos Santos (IFPB)
- 67 *Eu quero! Eu posso!* | Jaci da Cruz Nobre (IFFar)
- 69 *Mudanças que os estudos fizeram em minha vida* | Jackson Felipe da Silva Santos (IFAL)
- 71 *O silêncio da dor* | Jamilê Vargas de Souza (IFRS)
- 73 *O recomeço* | Josete Florêncio Cavalcante (IFAL)
- 75 *Ser artista* | Jusciléia Oliveira da Silva (IFAL)
- 76 *O PROEJA mudou a minha vida* | Lafaiete Ferreira Oliveira (IFPB)
- 78 *História da minha vida* | Lucas Candido dos Reis Silva (IFMT)
- 80 *Quem almeja e deseja, um dia começou no PROEJA* | Lucas Eduardo Carlos Cravo (IFSP)
- 82 *Voltei* | Márcia Regina Ferreira e Silva (IF Sudeste MG)
- 84 *Não existe tempo perdido* | Maria Cristina Vieira (IFRS)
- 85 *Minha vida em versos* | Maria da Consolação Toledo Cos

ta (IFB)

89 *Nunca desista dos seus sonhos* | Maria de Fátima Soares Coelho (IFPB)

91 *Esta é minha história e ela merece ser contada* | Maria de Lourdes Borges Spadotto (IFSul)

93 *Meu momento* | Maria Inês de Oliveira Nascimento (IFMG)

94 *Já posso comprar maçã e Danone, mas isso é só o começo!* | Marinete Lopes da Silva (IFMT)

96 *Realizando um sonho* | Mariza Terezinha Garcia Joaquim (IFSul)

97 *Minha história no 1º* | Marli Regina Mallet Grifante (IFRS)

99 *Uma estratégia de romance* | Marlon Gross (IFSul)

100 *Reaprendendo* | Mayk José da Silva (Colégio Pedro II)

101 *Minha entrada no 1º* | Michele Fátima Luza (IFRS)

102 *O papagaio aprendiz* | Pedro Cassiano dos Santos (IFAL)

104 *Minha vida, meus desafios* | Rafael de Souza (IFRS)

106 *Minha trajetória* | Renata da Silva Mendes Nascimento (IF Sudeste MG)

108 *É tu, de que precisas?* | Ricardo Corrêa Moreira (UFSM)

112 *Um sonho a ser realizado* | Robinson Flores Ribeiro (UFSM)

117 *Minha história de vida* | Sandra Janaina Nunes Pacheco (IFRS)

119 *A volta à escola* | Severina da Silva dos Santos Luz de Oliveira (Colégio Pedro II)

120 *PROEJA: A certeza da mudança* | Silvania Aparecida Braga Leite (IFMG)

122 *Educação de Jovens e Adultos: Janelas que se abrem* | Simone Berizonze Manoel Machado (IF Sudeste MG)

124 *Nunca é tarde para recomeçar* | Solange Ferrão Chuquel (IF Farroupilha)

127 *O resgate da credibilidade em Instituições Públicas*

de Ensino por meio da Inclusão Social | Suelen Mendonça Nogueira Souza de Lima (IFSP)

129 *Reencontro | Tânia Maria Conceição dos Santos (Colégio Pedro II)*

131 *Posfácio: Frente Parlamentar fortalece luta pela EJA no Rio Grande do Sul | Stela Farias – Deputada Estadual PT/RS*

Apresentação

“A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.”
– Carolina Maria de Jesus, em “Quarto de despejo”. São Paulo: Francisco Alves, 1960, p. 160.

Cara leitora e caro leitor,

Esta obra é fruto do trabalho de muitas mãos em todo o Brasil. Seu protagonismo está em reunir e materializar histórias das pessoas que constituem o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – o PROEJA. Recebemos cinquenta e nove histórias de diferentes campi, de quatro macrorregiões e de um número significativo de Institutos Federais (IFs). Tivemos a difícil tarefa em escolher apenas trinta dos textos recebidos, pela restrição do número de páginas, mas o nosso desejo era incluir todos. A Comissão Editorial, inspirada por Freire, fez leituras atentas, tanto individuais quanto coletivas, além de diálogos em grupo, com intencionalidade pedagógica, para chegar à escolha final. Cada campus que enviou textos, possui uma história no livro. Também selecionamos, de forma especial, as narrativas de dois estudantes de inclusão, além de um estudante idoso e uma egressa do EMA – Ensino Médio de Adultos - existente até 2007 no IFSUL. Assim, quisemos representar a diversidade que o PROEJA possui na sua práxis e também lembrar que este Programa surge com base nas experiências e demandas que já existiam anteriormente à criação do decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006.

A história deste livro começa com o protagonismo de uma educadora, a Professora Suzana Trevisan, que iniciou o projeto “Histórias que merecem ser contadas” com estudantes do quarto semestre do Curso Técnico em Administração-PROEJA do IFSUL/Sapucaia do Sul no ano de 2013.

Hoje temos o orgulho de já possuir uma coleção, de edição semestral, com nove volumes. Tendo como base esta experiência de sucesso, sugerimos à Comissão das Festividades dos Dez Anos do PROEJA, composta pelos três Institutos Federais do Rio Grande do Sul – IFSUL, IFFar e IFRS, pelo Colégio Técnico Industrial de Santa Maria (CTISM/UFSM), pela FACED/UFRGS e pelo Fórum Estadual de EJA-RS, que organizássemos um volume nacional, o “Histórias que merecem ser contadas – PROEJA Dez Anos”. Com a criação da Frente Parlamentar em Defesa da EJA no Rio Grande do Sul, também parte das comemorações dos Dez Anos do PROEJA, a publicação passou a ter o apoio do legislativo estadual que viabilizou sua impressão.

Em tempos de perdas constantes dos direitos de trabalhadoras e trabalhadores, este livro deseja ser marca de que o Brasil possui uma demanda de mais de trinta milhões de pessoas jovens e adultas para o ensino médio. Os Institutos Federais são patrimônios públicos presentes nas comunidades brasileiras, oportunizam educação pública, gratuita, inclusiva e de qualidade. Que o legado de Paulo Freire por uma educação popular e emancipatória nos inspire sempre para defender o PROEJA e outras práticas educativas, que fomentem visibilidade e afirmação da cidadania de todas as pessoas neste país.

Primavera de 2017- 20 anos sem Paulo Freire e
40 anos sem Carolina M^a de Jesus

Em nome da Comissão Editorial,
Guilherme Reichwald Jr.
IFSUL/Sapucaia do Sul

Prefácio

Jane Paiva¹

Prefaciando um livro como este, em que os autores e suas histórias estão vivos diante de nós, experimentando a ansiedade de ver suas histórias de vida, suas trajetórias escolares, seus percalços e sucessos flagrados no instante que um livro é capaz de capturar, não é fácil. Difícil porque trata de biografias — todas elas em movimento, que eram ontem, e que, quem sabe, quando o livro sair "do forno", já não são mais as mesmas... Não é fácil para alguém que, como eu, acompanho há tanto tempo os percursos, as mudanças e contribuo com elas quando se trata da educação de jovens e adultos (EJA).

Com o Proeja não foi diferente: ajudei a pensar, a construir a proposta, a balizar as urgências e emergências de atendimento pelo ensino médio integrado à educação profissional na modalidade EJA bem no início, cercada de outros companheiros que, como eu, acreditavam que era possível defender um novo desafio para a rede federal e produzir um lugar de direito para muitos da nossa gente.

Nesse livro, essa nossa gente mostra que nunca estivemos errados em nossa proposta, e que todos os embates vividos valeram — e continuam valendo a pena. Essa gente é formada por homens e mulheres e por todas as identidades que carregam, com que contam os sentidos que o Proeja produziu em suas vidas, transformando-as, reescrevendo-as. Mais que lê-los, cabe ouvi-los contarem...

Encontrei textos em forma de poesias e a maioria em prosa. Propus, então, uma sequência para apresentá-los e a seus autores, segundo as marcas mais fortes que eu — como leitora privilegiada do que escreveram, mesmo antes da publicação do livro — capturei das entranhas dessas muitas histórias. Tanto pelo que tinham de comum, quanto pelo que trazem de singular, de únicas, de pessoas que, quem sabe, um

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no campo da educação de jovens e adultos e da educação ao longo da vida. Pesquisadora e autora de artigos e publicações.

dia ainda irei conhecer.

Assim, chamei de viver da arte a temática que uniu Eduardo Faustino dos Santos em seus 50 anos de lembranças; Jusciléia Oliveira da Silva no Ser artista; e Aristéa Mesquita com Memórias, sonhos e conquistas nas primeiras poesias dessa obra.

Em seguida, Maria da Consolação Toledo Costa cantando Minha vida em versos mostra como se tornou uma mulher com direitos, empoderada, ao descobrir rede feminista de economia solidária, em contraste com a submissão que atravessou a vida de Evanildes da Silva Cruz, que em Nascida para casar narra uma história de repressão feminina e subserviência ao machismo que não lhe permitiram estudar.

Mas as poesias também teceram loas ao Proeja e às mudanças que ele produziu nas vidas de Adreildo Simplício Gomes Júnior, em Um sonho antigo, uma oportunidade: Proeja no IF Sertão-PE, que conta como chegou ao IF e o quanto reconhece a qualidade do espaço e o que pode vir a ser com o curso; de Michele Fátima Luza em Minha entrada no IF que poetiza mudanças na vida a partir da chegada no Proeja; de Cristiane Rambo Casais de Lima em Esperança, luta e conquista que divide conosco o segredo de quem amava a dança e não conseguiu se fazer professora dessa arte, e de como o Colégio Pedro II lhe abriu as portas para o reconhecimento social; de Giovane de Matos Silveira que em Minha vida depois do Proeja nos conta em versos o quanto sua vida mudou.

O segundo conjunto de textos — mais extenso, agora — revela prosadores que, cada um a seu modo, contam suas histórias: sempre com pedaços mais sofridos, mas com muita disposição de luta e esperança de vencer a partir do direito à educação conquistado pelo Proeja, mesmo quando ele chegou bem tarde na vida. Adultos, em maioria, revelam suas idades, os longos tempos em que estiveram afastados da escola... mas sonhando com a possibilidade de um dia poder voltar a estudar!

Marcaram-me muitos sonhos. Tânia Maria Conceição dos Santos em Reencontro assim revela sua disposição de torná-los realidade: "O que mais importa é ter levantado a cada tomo que levei e o fato de ter vencido a mim mesma saindo

do labirinto que me aprisionava. [...] oportunidade de reencontrar minha vida através do retorno à sala de aula. Encontrei no Proeja o caminho para me levar de volta ao encontro dos meus sonhos."

E esses sonhos não ficam aí. Seguem com Árley Batista Paim que em *A volta por cima* nos conta sua história desde o tempo da roça, sem estudar, e hoje, com o Proeja, sonha ser prefeito de Passos, sua cidade. Um grande sonho, mas rigorosamente necessário para garantir a representação digna de brasileiros, reconhecendo os iguais que, como ele, lutaram para produzir a vida em uma sociedade tão desigual como a nossa. Jaci da Cruz Nobre, mulher de 61 anos, que não estudava há 42 anos, em *Eu quero! Eu posso!* trança sua história com seus aprendizados, dizendo-nos: "Mas logo me veio o pensamento de Einstein", para contar que, em seu curso, "em 2016, apresentei uma 'ambrosia de forno'. Sendo eu uma mulher rural, fui questionada sobre a ambrosia ser de forno, o que não é nada tradicional na fronteira São Borja. Minha resposta convenceu a todos, pois expliquei que a mulher do campo se modernizou. Vejo por mim, tenho redes sociais, participo da vida na minha comunidade, não tenho tempo de ficar na beira do fogão mexendo uma ambrosia", demonstrando ser uma mulher conectada a seu tempo, e que a experiência rural não lhe impede de usufruir dos produtos e artefatos tecnológicos que ocupam, também, espaços de aprendizados em nossas vidas. E revela, como já anunciado no título, o sonho de quem quer e pode mudar: "O que esperar do futuro? Me formar e lançar meu livro de culinária e, quem sabe, crônicas, e nesse dia as palmas serão para mim!!!! A vida nos oportuniza escolhas e eu escolhi a evolução."

Elisabete Miranda Bronzoni, de 46 anos, dos quais 17 sem estudar, em *Superação* conta o que significou voltar ao Proeja. "O estudo renovou a minha vida, trouxe felicidade aos meus dias e confiança, não canso de expressar a alegria que sinto em estar na sala de aula, compartilhando experiências juntamente aos meus professores e colegas". Mas é Maria de Fátima Soares Coelho que nos alerta, freireanamente: Nunca desista dos seus sonhos, pois "O ser humano está constantemente em construção, e é através da educação que podemos

fazer a diferença independentemente da idade que tenhamos."

Angelina Camargo Marques, de 60 anos e pouco estudo, como ela diz, volta à escola depois de mais de 24 anos, e em Minha trajetória de vida afirma que se encontra no curso porque sempre quis estudar administração — era um sonho a realizar. E Pedro Cassiano dos Santos nos conta a história de um escultor artesão que só vai encontrar formação aos 74 anos, como estudante no Proeja, em O papagaio aprendiz, em alusão ao velho mito de que pessoas idosas não são capazes de aprender, porque "papagaio velho não aprende a falar", como repete o ditado popular.

Antão Gari Dias em A história de Antão conta como de uma história de orfandade aos 10 anos chegou ao sucesso, já tendo feito não um, mas três cursos no Proeja! Mas também há prosadores que contam histórias do silêncio da dor, como Jamilê Vargas de Souza.

Os textos também revelaram como o Proeja tem acolhido a diversidade de sujeitos que, antes, tinham passado muitas dificuldades nas trajetórias escolares, por causa de uma condição que a sociedade vê só como diferença, não os reconhecendo como iguais. Como se não fôssemos todos diferentes, como mostram as histórias desses tantos sujeitos que estão nos Proeja por todo o país, e em todas as cidades, escolas, ruas, praças etc. Fabiano Pereira Dias em Vida de surdo conta as dificuldades que vivenciou para estudar, até que teve assegurado o direito a ter um intérprete ouvinte, que se comunicava com ele na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Rafael de Souza em Minha vida, meus desafios relata sua história de adulto que só com mais de 30 anos se assumiu homossexual (gay, como ele diz) e que o Proeja lhe acolheu muito bem, o que não acontecera antes na vida, humilhado que fora por também ser gordo. Marlon Gross narra-se em Uma estratégia de romance; Ilma Marcolino Moraes, Dizendo adeus ao passado relata um acidente na juventude que muda toda sua vida e como o poder da fé lhe traz a esperança de volta que consolida ao frequentar o Proeja. Nossos "diferentes" tornaram-se, assim, mais iguais ao cursarem o Proeja e encontra-

rem em professores e companheiros de turma ajudas mútuas para que permanecessem e tivessem sucesso.

Mas muitas outras histórias se seguem, relatando como pessoas corajosas e lutadoras interrompem o ciclo da pobreza e da interdição à educação vivida na infância ou na adolescência e assumem o rumo de suas vidas, ao decidirem cursar o Proeja. Cleusa Sirlei Coleraus em *De filho para mãe e de mãe para filho* conta como esse processo se deu em sua vida e como a influência de um filho se fez na sua história, e como a dela, agora, se faz na dele também, mutuamente: "Fiz ambos os cursos e com eles aprendi que não foram frutos que recebi, mas sementes que me ajudaram a plantar, que são sonhos e esperanças que transformaram minha vida". E segue: " Hoje não tenho medo nem vergonha de falar em público, reclamar quando acho que estou sendo enganada, pois a Instituição e os bons professores que tive me ensinaram quais são meus direitos e deveres, sempre revendo meus valores. Quanto mais estudo, mais vejo o muito que ainda tenho para aprender."

Em *Educação de Jovens e Adultos: janelas que se abrem*, Simone Berizonze Manoel Machado fala de seu retorno à escola depois de adulta, quando "Mandeí embora a descrença e o desânimo. Hoje me sinto confiante, aprendi que todos somos capazes, basta acreditarmos!" Mas entre essas histórias, a da Menina da cabeça de vento — Amanda Almeida Bezerra, de 39 anos — atestou e mostrou que aquele título ficou lá atrás, pois: "A caminhada é longa e vão existir momentos difíceis, mas nada na vida vem fácil, não vou desistir. Não importa quanto tempo passou e quanto tempo perdi sem estudar. Agora vou aproveitar essa oportunidade e fazer valer a pena".

Maria de Lourdes Borges Spadotto, já formada pelo Proeja, em *Essa é minha história* e ela merece ser contada relata uma história de vida de abandono em casa de família e de quem parou de estudar, vendo a mesma vida se repetir com a própria filha; e como o estímulo de um neto que estudava no mesmo IF a levou ao Proeja, interrompendo o círculo vicioso das populações pobres que vivem toda a sorte de desigualdades. A disposição e o desejo permanente de estudar de Renata da Silva Mendes Nascimento em *Minha*

trajetória conta a vida de interrupção de estudos até chegar ao Proeja. O recomeço de Josete Florêncio Cavalcante, de 46 anos, atesta o quanto "Nesses anos de curso aprendi muito e estou aprendendo. Cada dia é uma aula diferente, gosto de todas, mas a que eu mais gosto são as aulas práticas de culinária, é cada uma melhor que a outra". Mayk José da Silva em Reaprendendo, depois de 20 anos fora da escola, tendo feito o ensino fundamental também na EJA, destaca as ajudas mútuas para vencer as dificuldades que ele encontrou no Proeja, o que foi um diferencial no processo de reaprender.

Lucas Cândido dos Reis Silva narra a História da minha vida, confirmando as idas e vindas em moradias e emprego, até sentir a necessidade dos estudos e, mais tarde, encontrar o IF. O que também acontece com Lafaiete Ferreira Oliveira que, em O Proeja mudou a minha vida conta ter vindo de família humilde e enorme, só chega bem mais tarde ao Proeja, quando decide retomar os estudos, já casado e com dois filhos: "De fato, o PROEJA mudou a minha vida", afirma ele.

São muitas as histórias que se assemelham de abandono da escola na infância — por não gostar, não ver utilidade, não ter estímulo, pelas migrações, para casar, por ter engravidado etc. — e elas nos podem ser contadas por Flávia Vieira da Costa Barbosa, de 32 anos e mãe de um jovem de 18, em Volta às aulas; por Severina da Silva dos Santos Luz de Oliveira de 40 anos, migrante de Pernambuco, feliz por voltar a estudar em A volta à escola; por Solange Ferrão Chuquel, de 48 anos e 25 afastada da escola em Nunca é tarde para recomeçar; por Isabela Marques dos Santos em Caminho para a vitória que conta a história de uma mulher que vai ao IF levando a filha desde que ela tinha 3 anos, e que não imaginava que a Instituição permitisse a presença cotidiana de uma menina; por Maria Inês de Oliveira Nascimento, que afastada 32 anos do ambiente escolar conta sua história em Meu momento; por Silvânia Aparecida Braga Leite que retorna aos estudos em 2011, com 43 anos, e daí considera ter vivido uma história de lutas e sucesso, vencendo a depressão e a crença de que nada mais havia a fazer na vida, em Proeja – a certeza da mudança; por Márcia Regina Ferreira e Silva de 55 anos,

37 afastada da escola, em Voltei; por Andrea de Souza Silva que, aos 40 e tantos anos, como ela mesma se refere, conta a história de Uma vida transformada pelo ensino; por Bernardete Maria Motta Silveira de 55 anos, estando há 25 afastada da escola, que mostra como Vencer pela vontade e contribuir pelo ideal; e por Marli Regina Mallet Grifante em Minha história no IF que tem razão em agora só pensar na formatura... e já com saudade dos amigos que fez; por Auxiliadora Maria da Silva, de 50 anos que, em O mundo pertence a quem se atreve, relata seus aprendizados no curso em que aprendeu normas de trabalho confinado etc.

Mulheres, muitas. Cabe refletir por que são tantas as mulheres adultas e já mesmo idosas no Proeja. A história da educação no Brasil tem demonstrado, por um lado, que foram elas as mais interdidas ao direito, na infância, por motivos relacionados à cultura machista da sociedade que esperava delas "boas esposas" para um "bom casamento" e que, para isto, não precisavam ler nem escrever, nem estudar muito; por outro, que se esperava delas subserviência e compromisso com a família e os filhos, renegando projetos pessoais de desejos de conhecimento e aprendizados. Mas também a história vem mostrando que tão logo foi dada a elas oportunidades de retomar os projetos aniquilados do passado, são as mulheres as que mais respondem às ofertas de cursos e, por isso, são elas, hoje, as mais escolarizadas na sociedade brasileira, em todos os níveis de ensino.

Mas alguns homens estão ainda representados nessa interrupção dos ciclos de pobreza e interdição ao direito à educação. Ouçamo-los: Antonio Bernardo da Silva, de 50 anos, que ficou 30 sem estudar, conta-nos em Minha vida mudou que quando voltou à escola concluiu o ensino fundamental e depois chegou ao Proeja, e relata seus aprendizados no curso que fez; Francisco Josimar Pereira, em Todo mundo tem um dom relata como um pedreiro prático buscou o Proeja e se formou em construção civil, o que agora lhe abre portas antes fechadas.

Uma última temática foi por mim capturada nos escritos das pessoas do Proeja: os desejos de continuar e aprender por toda a vida... Assim, Jackson Filipe da Silva Santos em

Mudanças que os estudos fizeram em minha vida trata a história do ingresso no curso em cozinha, os êxitos em projetos de extensão e pesquisa (PIBIC), as viagens pelo êxito obtido e que, agora, faz curso superior em gestão ambiental no mesmo IF; Árion Douglas Ferraz Santos orgulhosamente afirma: Eu sou técnico! e conta-nos a trajetória escolar que o fez como estudante chegar ao curso de engenharia metalúrgica na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Ana Paula da Silva da Rocha o faz em Minha vida no Proeja; Suelen Mendonça Nogueira Sousa de Lima em O resgate da credibilidade em instituições públicas de ensino por meio da inclusão social conta como desacreditava em instituições públicas, e como recuperou sua percepção a partir da experiência vivida no Proeja; e revela como deu continuidade aos estudos, concluindo agora o ensino superior em curso do próprio IF; e Diana Alves de Assis dos Santos em Esperança e valorização social confirma que nunca é tarde para aprender.

Por fim, fechando esta longa apresentação de tantos autores, Arminda Lúcia de Oliveira Silva, de 57 anos, em Aluna: uma história de foco e determinação no PROEJA da Rede Federal de Ensino conta-nos filosoficamente o significado de voltar a estudar depois de já ter feito o ensino médio com técnico aos 23 anos. "Nem por isso deixei de sonhar, sempre pensei que o corpo pode até ser aprisionado, mas nunca se prende a alma; essa pode ir onde quiser sem que ninguém possa interromper". Hoje, Arminda já está indo para o curso superior, depois de voltar a fazer o ensino médio integrado no Proeja.

São muitas histórias. Boas histórias. Têm dor, sofrimento, mas na totalidade revelam o acerto de uma política que nasceu tarde para sujeitos jovens e adultos que não tiveram o direito de estudar garantido na infância: o trabalho, a sobrevivência, a falta de perspectivas, como resultantes da desigualdade social, foram as justificativas internalizadas que creditam a eles próprios os insucessos e as impossibilidades de aprender do passado. Fica certo que professores fizeram e continuam a fazer a diferença fundamental em suas vidas: foram estes profissionais que antes, e hoje, animaram, estimularam, motivaram e garantiram a eles que todas as pessoas são

capazes de aprender... independentemente da idade. Estes os que, mesmo tarde, foram evocados por sua perseverança em impedir que abandonassem a escola, os estudos. E continuam sendo os braços aos quais se enlaçam uns aos outros para se manterem firmes, nas adversidades que precisam enfrentar para estar à noite, depois das lidas da vida e do trabalho, aprendendo. Todos, no país, passaram pela mão de professores; todos, sem exceção. O lugar desses profissionais marca nossas histórias, mas nem sempre o poder político reconhece, enaltece, valoriza. Que o Proeja possa contar muitas histórias de mudança: aos 10 anos, aos 20, aos 30... infinitamente, porque inscreve uma nova história na educação de jovens e adultos no Brasil.

Rio de Janeiro, 30 de setembro de 2017.

Um sonho antigo, uma oportunidade:
PROEJA no IF Sertão - PE

Adreildo Simplício Gomes Júnior
Orientadora: Camila Coelho Silva
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Sertão Pernambucano - Câmpus Serra Talhada



Um anjo em forma de amigo
Deu-me uma dica fenomenal
Falou que só assim eu prossigo...
Se estudar e crescer no Instituto
Federal.

Boa estrutura física, professores
de primeira
Me diz, onde vou encontrar no
sertão de Pernambuco
Uma chance dessas, tão certa?

Realizarei o sonho de ter o ensino médio,
E de quebra ainda a formação de um curso técnico.
Tu acreditas que vou ajudar na construção de um prédio?

A idade não é barreira.
Difícil é não ter oportunidade!
Não é só uma questão financeira...
O estudo me garante mais sabedoria e dignidade!
Com esposa e três filhos para sustentar,
Não posso deixar a vida passar,
Preciso estudar e me dedicar.

Estou no primeiro semestre, o curso começou agora
Empolgado com as aulas estou demais.
Estimulo até meu filho mais velho, toda hora.
Pra não abandonar o estudo, desistir jamais!
Quero ser um cidadão por completo
É meu caminho, garantido pelo PROEJA, é certo:
É ser técnico em edificações, é ter um futuro concreto!

Alex Sander Souza da Silva
Orientadora: Fabiana Cardoso Fidelis
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Rio Grande do Sul Campus Canoas

Em 1987, na cidade de Canoas, muitas pessoas não tinham moradia adequada e existia um conjunto habitacional em fase de término da obra. Já fazia anos que o governo prometia a entrega das moradias e nada. Assim, algumas pessoas, vendo o mato tomar conta das casas e apartamentos, tiveram a ideia de ocupar as moradias.

Eu tinha 12 anos de idade. Meu pai era funcionário da Corsan. Minha mãe era do lar e cuidava dos meus irmãos: Cristina, Adriana e Tiago, o caçula. Lembro, como se fosse hoje, o meu pai chegando e dizendo para minha mãe:

- Vamos sair do aluguel!

Minha mãe perguntou:

- Onde vamos morar?

- Vamos lá pro Guajuviras. Meus colegas da empresa estão todos lá.

Então, no dia 17 de abril ao meio dia estávamos eu, meu pai e minha mãe na frente do conjunto habitacional. Havia um verdadeiro aparato policial na frente para não deixar a comunidade entrar. Havia brigadianos¹ por tudo que é lado, com cachorro, com arma, com escudo, com gritos de ordem. Mas sempre tem aqueles que lutam pelo melhor da comunidade. Então, no lugar em que estávamos um dos brigadianos gritou:

- Passem agora!

Saiu aquele bando de gente correndo e passando por baixo do arame. Saímos cada um para um lado. Minha mãe me puxando pela mão e naquele puxa-puxa me perdi dos meus pais. Que loucura! Mesmo com medo de tudo que estava acontecendo, fiquei firme e fui atrás deles. Por acaso do destino, encontrei minha mãe me procurando e, claro, louca para bater meu brim².

Assim fomos procurar uma casa para ver o que ia acontecer. Achamos uma no setor três. Era uma casa de dois quar-

1 Diz-se de soldado da Brigada Militar do RS.

2 Bater o brim – surrar alguém.

tos, sala, banheiro e cozinha, muito boa mesmo. Eu já estava só pela folia ali, quando minha mãe disse:

- Alex, fica aí que vamos buscar teus irmãos.

Aquilo me deu um frio na espinha. Ali era terra de ninguém. Eles estavam tirando as pessoas das casas. Quando não era a polícia, eram os marginais. Mas me mantive firme, me achando o machão da mamãe. Isso era meio dia e meus pais saíram. Eu, muito esperto, achei um ferro de obra e fiz uma lança para defender a residência. Passaram-se as horas e nada deles aparecerem. Eu estava com sede e fome, pois já estava começando a escurecer. Havia os vizinhos com quem eu já tinha feito amizade e, claro, se chegasse alguém ali, eu pediria ajuda. O brilho nos meus olhos voltou quando ouvi a voz do meu pai:

- Vem comer, guri!

Tinha pão com banana e um guaraná.

Na primeira noite, eu e meu pai ficamos, pois era final de semana. Eu, muito esperto, achei muita macela, aquela erva com que se faz chá e já pensei em lucrar. Colhi muita, mas muita mesmo e escrevi na parede da casa com carvão: “Vende-se marcela”. Hoje sei o mico que paguei, pois o povo estava preocupado com as moradias e as invasões, e eu querendo ganhar dinheiro. Assim passamos os primeiros dez dias.

Mas o que estava bom ia ficar pior. Meu pai teria que voltar a trabalhar novamente e ficou para mim a tarefa de cuidar a casa na parte do dia. O tempo foi passando. As noites iam chegando, as velas se acendendo nas janelas, pois era a única fonte de luz que existia ali. Água, só na bica. Era uma fila, todos com latas, potes e tudo que coletasse água. Assim foram os primeiros anos ali.

Cresci junto com o bairro, vi e vivi todas as coisas ruins e boas que ele nos dá. Vi amigos morrerem; vi pessoas nascerem. Vi amigos serem presos, mas sempre me mantive firme em um só caminho. Hoje estou com 43 anos, casado, com uma família constituída. Criei meus filhos no bairro que moro e amo. Esse pra mim é o melhor bairro de Canoas: Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti, mais conhecido como Guajuviras.

Menina da cabeça de vento

Amanda Almeida Bezerra
Orientadora: Adriana Rodrigues Pereira de Souza
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia da Paraíba
Campus Campina Grande

Quando eu tinha uns onze, doze anos de idade era uma tortura ir para a escola, eu me sentia como se estivesse sendo mandada para uma masmorra, era um castigo para mim. Eu não conseguia entender o porquê de ir para a escola, na minha cabeça achava que quando crescesse iria trabalhar e pronto! Ficava admirando as secretárias, advogadas, aeromoças... usando aquelas saias lápis e seus tailleurs, seus scarpins de salto agulha, seus cabelos bem penteados e suas maquiagens impecáveis, e daí, então, tirava minha conclusão. Para que estudar, se posso fazer isso quando eu crescer? Nessa época minha tia, Jeane, me chamava de “cabeça de vento”. Só agora entendo o porquê da expressão.

Às vezes me pego a pensar, tentando achar respostas para explicar esse comportamento ou o que me levou a pensar aquelas tolices. Mas então começo a comparar o meu tempo passado com os dias de hoje, e vejo que nada mudou. Adolescente é adolescente, e não importa se é década de oitenta, noventa ou século XXI, na cabeça dele estudar é um “saco”, a vida é um “saco”, pai e mãe são um “saco”...

Quando de repente você se dá conta de que não é mais adolescente, que o tempo passou e que é uma esposa e mãe de família, quando seus filhos perguntam por que você não estudou, quando você se depara com as situações cotidianas, como por exemplo, ensinar a tarefa da escola aos filhos, e nesse instante percebe que não lembra ou não sabe. Manifesta-se, então, aquele sentimento de arrependimento... que fica martelando na sua mente. Junto a esses pensamentos também estão as frases de incentivo que vez ou outra escutamos dos nossos parentes e amigos: “volta a estudar”, “você ainda está jovem”, e blá, blá, blá.

Às vezes me pego imaginando como teria sido se tivesse terminado os estudos, que faculdade teria escolhido, se seria uma profissional bem sucedida. Mas observo que muitas pessoas que estudaram e se formaram jovens não fizeram uma boa escolha, ou a escolha certa. Não que isso justifique

minha falta de força de vontade e determinação, mas agora tenho mais confiança e certeza do que pretendo alcançar. O mais importante é que estou de volta!

Mas essa volta não aconteceu do dia para noite, foi um processo longo, que somam duas décadas. Durante esses anos, muitas coisas aconteceram, foram dois casamentos e três filhos. E nem tudo corre bem como ansiamos. Hoje estou no meu segundo casamento, são dezoito anos de convivência e experiência que me influenciaram muito para esse meu retorno à sala de aula.

Às vezes acho que é coisa divina, outras vezes penso que é maturidade mesmo o fato de ter criado coragem e posto em prática de verdade essa vontade que tinha de terminar os estudos. Mas tenho de confessar que boa parte dessa coragem devo aos meus filhos. Eles são a inspiração e força que me levam todas as noites para o mergulho no conhecimento. É para eles que eu quero mostrar que com esforço e convicção é possível transformar nossas vidas, não só para eles, mas para todos que estão condicionados a viver uma vida sem graça, sem objetivos e sem expectativas. Então, finalmente, depois de receber incentivo de toda minha família, esposo, mãe, irmã... posicionei-me, e pesquisando na web encontrei o edital do PROEJA, através do qual me inscrevi e estou cursando há quase seis meses o curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio.

Hoje a experiência é bastante diferente, vejo tudo de outro ângulo, os professores, os alunos. A escola não é mais uma masmorra, agora parece um castelo! Eu não sou mais a mesma. A garota cabeça de vento, que, confesso, se achava bem esperta, agora é uma mulher com 39 anos, que não sabe o que seria da sua vida hoje se tivesse estudado no passado e tão pouco tem o poder de saber sobre o futuro. Tenho a certeza de que as coisas vão melhorar, com o antes e o depois do IFPB fazendo parte da minha vida. A caminhada é longa e vão existir momentos difíceis, mas nada na vida vem fácil, não vou desistir. Não importa quanto tempo passou e quanto tempo perdi sem estudar. Agora vou aproveitar essa oportunidade e fazer valer a pena. Agradeço desde já o empenho, a dedicação e esforço de todos os professores que fazem parte do PROEJA - Campus Campina Grande.

Minha vida na PROEJA

Ana Paula da Silva da Rocha
Orientadora: Divane Floreni Soares Leal
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio
Grande do Sul - Câmpus Restinga



Em 2011 fiquei muito emocionada, pois fui selecionada para a primeira turma do Curso Técnico em Recursos Humanos. No mesmo dia em que comecei a estudar, comecei a trabalhar, tive bastante dificuldade em relação ao horário e ao trajeto, mas eu es-

tava determinada a me formar e a me capacitar. Depois de dois anos nessa rotina, fui demitida do meu trabalho. Foi então que estive atenta às oportunidades que o Câmpus disponibiliza para os seus alunos, e numa delas, inscrevi-me para participar da seleção de bolsista da Professora Fernanda Beron da Cunha. Que orgulho, fui a primeira aluna do PROEJA a ser selecionada para ser bolsista no Câmpus Restinga. Desde então, trabalhei, juntamente com a minha orientadora, em um projeto de pesquisa sobre Diabetes Mellitus e inclusão nas escolas.

Participamos com este projeto de alguns eventos promovidos pelo IFRS Câmpus Restinga, recebendo premiação em dois deles. Um foi na 4ª edição da Mostra Científica do Câmpus Restinga, ganhando o 2º lugar em nossa categoria, foi muito gratificante. No ano de 2015 a minha orientadora deu início à parte II do projeto, novamente fui surpreendida com a seguinte fala da minha orientadora: “Ana pelo teu empenho e determinação na pesquisa, vou renovar o teu contrato de bolsista!” Mais uma realização saber que desempenhei bem em meu primeiro projeto de pesquisa e não perdi o foco nos estudos. Fui também convidada a representar o Câmpus no primeiro evento PROEJA que aconteceu em Bento Gon-

çalves, fiquei maravilhada tamanha a honra e responsabilidade.

Foi um momento muito importante, o auditório estava cheio, pensei comigo: agora devo mostrar o que aprendi e amadureci com a primeira turma de PROEJA.

Em 2015, apresentamos a parte II do projeto no 4º Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. Neste evento, tive algumas surpresas: uma hora antes da minha apresentação fui à recepção do hotel e descobri que o banner para a apresentação do trabalho havia sido esquecido dentro do ônibus, apavorei-me, telefonei para a rodoviária da cidade e descobri que o ônibus já havia passado por ali e seu trajeto final era Uruguaiana. Desesperei-me, mas não desanimei. Eu tinha alguns pôsteres dentro da bolsa, foi então que, em pouco tempo, tive que ter criatividade e imaginação, então a professora Gabriela Fontana me emprestou o seu computador para fazer a apresentação. Eu estava tão nervosa como na primeira vez, mas bem confiante, segurei uma caneta nas mãos para não demonstrar que eu estava nervosa e fui apresentando o projeto. Mas como eu realmente tinha me dedicado a ele, pedi forças a Deus, as palavras fluíram melhor do que eu imaginava. Quando era interrogada sobre o meu banner, eu respondia tranquila: “Tivemos um pequeno contratempo, mas tenho uma demonstração do projeto nestes pôsteres e vou te explicar no que ele consiste.”

Assim que fiz minha apresentação, após alguns momentos terminou a bateria do computador. As pessoas acharam tão interessante a minha explicação sobre o projeto que os pôsteres acabaram. Consegui realmente apresentar com confiança o meu projeto e foi um sucesso. Durante a premiação, eu pensava comigo mesma: “Como seria bom ganhar algum prêmio.” Neste momento ouvi chamarem meu nome e o do projeto! Foi tão especial, pois eu não acreditei que era eu. A alegria foi imensa, ganhamos o prêmio destaque! Foi maravilhoso eu ter recebido o prêmio, então eu pensei: cresci como aluna e pesquisadora, pois entre tantos projetos o meu foi selecionado!

No retorno ao Campus, participamos da 5ª Mostra Científica do Campus Restinga. O meu banner, porém, não chegou a tempo da gráfica. Para provar minhas habilidades e conhecimentos logo pensei, isso não será empecilho. Liguei

um computador no stand, coloquei uns fôlderes sobre a mesa e seguí apresentando o meu projeto. Tive uma surpresa: novamente ganhei o 2º lugar na minha categoria.

O Curso Técnico em Recursos Humanos tinha como duração seis semestres, eu concluí em oito semestres, mas isso não me abalou, aproveitei bem o tempo e me preparei para ir adiante em busca de meus objetivos. Logo após o término desse curso PROEJA, ingressei no Curso Técnico Subsequente em Administração, no qual estou me formando. No IFRS Campus Restinga, participei do processo seletivo para o nível superior, no qual consegui uma boa colocação, pois tive uma ótima preparação no PROEJA.

Uma vida transformada pelo ensino

Andrea de Souza Silva
Orientadora: Kelly Cristina D'Angelo
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul
de Minas Gerais Campus Passos

Estudar para mim sempre foi algo do qual eu gosto muito e me faz bem. É um mundo mágico de conhecimento, que eu nunca vou esquecer e que vai ficar guardado no meu pensamento.

Depois de quase duas décadas, resolvi voltar a estudar porque eu não tinha o ensino fundamental completo. Quando eu ia tentar alguma vaga de emprego, não conseguia devido ao grau de escolaridade. Eu me sentia muito humilhada, mas um dia fiquei pensando: “eu vou terminar meus estudos!” Assim, eu teria um objetivo na vida, de me transformar e ter uma mudança que pudesse me trazer um crescimento profissional.

Com todas as dificuldades da vida ao longo dos anos, eu me esqueci de mim. Porém, com o incentivo de algumas professoras, que sempre acreditaram em meu potencial, eu seguí adiante e concluí o Fundamental por meio de um suplemento.

E não parei por aí. Conheci um novo espaço, que me abriu as portas, que é o Instituto Federal. No começo, quando cheguei aqui, me senti como uma criança perdida, sem saber para onde ir, mas com o tempo fui adquirindo um conhe-

cimento que transformou toda minha vida. Foi uma longa caminhada, que foi ficando cada dia melhor. Contamos com a dedicação de professores que tem nos ensinado a ter um objetivo cheio de luz e sabedoria, para que estejamos preparados para o futuro e para evoluirmos em nosso aprendizado.

Hoje, aos meus quarenta e tantos anos, eu me sinto muito feliz por conseguir terminar o Ensino Médio integrado ao Curso Técnico em Orientação Comunitária.

Sei que agora tudo mudará em minha vida.

Minha trajetória de vida

Angelina Camargo Marques
Orientadora: Ivete Scariot
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Câmpus Sertão



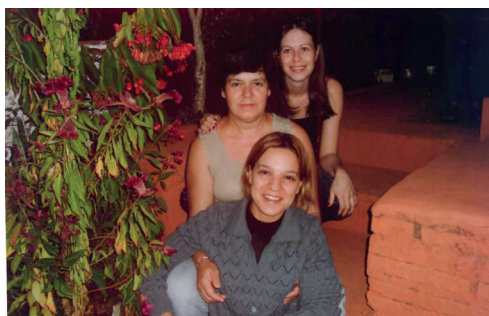
Eu vou contar um pouco da minha vida. Eu nasci em uma família muito pobre, comecei a trabalhar muito nova para ajudar meus pais, com oito anos de idade comecei a frequentar uma escola no município de Passo Fundo/RS, onde estudei até a quarta série. Aos doze anos parei de estudar, pois tinha que trabalhar com meus pais para ajudar a criar meus irmãos, éramos nove filhos.

Quando precisei parar de estudar, chorei muito e fiquei bem triste, mas não tinha outra opção, precisava ajudar a família. O tempo foi passando...Um dia conheci um rapaz e me casei, meu casamento durou somente sete anos, pois ele sofreu um acidente de trabalho e faleceu. Fiquei sozinha com duas filhas para criar, mais tarde tive mais quatro filhos, que são a riqueza da minha vida. Eu morava no interior, mas mudei para a cidade de Sertão/RS. Comecei a trabalhar na câmara de vereadores, um tempo depois fiz um concurso de

zeladora para a prefeitura municipal.

Hoje, estou no mesmo emprego, só que na função de cozinheira da Escola Municipal de Linha Seco. Nesta trajetória de vida tive momentos muito tristes, perdi uma filha assassinada pelo seu ex-marido, e agora, se não bastasse, perdi um neto em um acidente de moto, lá se foi mais um tesouro da minha vida. Dizem que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar, mas, infelizmente, na minha vida já caiu três vezes! Apesar do sofrimento, segui em frente, a vida continua! Sempre levantei a cabeça e continuei firme. Agora estamos todos bem, uns casados outros trabalhando e estudando.

Um dia, em uma conversa com uma das minhas filhas, disse que gostaria de voltar a estudar. Ela me disse que na escola onde trabalhava tinha o EJA, se eu quisesse ela faria a minha matrícula. Disse a ela: - Só se você for estudar no Instituto Federal – Câmpus Sertão, e minha filha começou a estudar. Hoje, está cursando Tecnologia em Alimentos e eu, aos sessenta anos de idade, também voltei à escola,



la onde trabalhava tinha o EJA, se eu quisesse ela faria a minha matrícula. Disse a ela: - Só se você for estudar no Instituto Federal – Câmpus Sertão, e minha filha começou a estudar. Hoje, está cursando Tecnologia em Alimentos e eu, aos sessenta anos de idade, também voltei à escola,

depois de quarenta e oito anos sem ter contato com livros.

Recomecei os estudos em 2015, completei o ensino fundamental em 2016 na Escola Estadual de Ensino Fundamental Engenheiro Luiz Englert, e, hoje, em 2017 estou cursando o 2º semestre do PROEJA – Técnico em Comércio no IFRS – Câmpus Sertão. Sempre dizia para minhas colegas: - Depois vamos para a escola federal completar o ensino médio. A Adriana, minha colega, foi a primeira a ir, no ano seguinte fui eu e mais duas colegas: Enímias e Vanuza. Quando cheguei ao IFRS – Câmpus Sertão, descobri que o PROEJA era um curso profissionalizante. Sempre gostei de estudar e falava para os colegas que gostaria de fazer uma faculdade de administração.

Quando comecei a fazer o curso e o professor falou que a disciplina era administração, eu nem acreditei que já estava fazendo um curso profissionalizante. O tempo passou muito rápido, já estamos em setembro e parece que foi on-

tem que começamos. Agradeço aos professores do curso pelo incentivo e ajuda nessa etapa da minha vida, que está sendo muito boa. A cada aula que assisto aprendo coisas diferentes, que nem imaginava que existiam. Como o PROEJA além do ensino médio, qualifica também os jovens para uma profissão, é uma oportunidade que os alunos têm de se prepararem, também, para o mercado de trabalho e garantirem seu sustento.

Peço aos jovens que pararam de estudar que retornem aos estudos e valorizem as oportunidades que eles têm, pois muitos jovens não tiveram essa oportunidade e sofreram e, ainda, sofrem com isso. Angelina C. Marques, nascida em 1954. Um abraço.

A história de Antão

Antão Gari Dias
Orientador: Mariglei Severo Maraschin
Colégio Técnico Industrial de Santa Maria - CTISM

Eu sou um rapaz de muita sorte porque consegui ir para outro país, para quem era bêbado e drogado. Ter a oportunidade de estudar em uma escola técnica, como o Colégio Técnico Industrial de Santa Maria foi fundamental para meu crescimento pessoal e profissional. Por isso, fiquei muito feliz por ser convidado para o aniversário de 10 anos do PROEJA.

Eu mudei muito ao longo dos três anos de curso, tive muitos amigos, professores que me aconselharam e ajudaram a me transformar. Já faço parte da história do PROEJA no CTISM. Lembro que, quando fui ao Instituto São José, no I Encontro Estadual dos Estudantes PROEJA em 2010, conheci a professora que me fez o convite para os 10 anos do curso.

A respeito de minha trajetória, aos dez anos de idade fiquei sozinho porque minha mãe morreu. Tudo era difícil. Fiquei perdido. Na oitava série, quando eu estava estudando no colégio do CAIC¹, uma professora me falou que ia abrir um curso para jovens e adultos. Eu tinha um sonho: estudar na Universidade Federal de Santa Maria. Era meu maior so-

1 Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente.

nho.



Quando é que eu teria mais de um curso técnico? Pois hoje estou no terceiro curso no CTISM!

O PROEJA foi muito importante para mim, fiz muitos amigos e me reintegrei na sociedade. É por isso que tenho saudade dos professores

e dos colegas. Eu sempre fui um lutador e acreditei no meu esforço.

Ainda hoje converso com alguns colegas que estudaram comigo, outros ficaram pelo caminho. Eu e amigos iremos nos reunir para fazer um churrasco em comemoração aos 10 anos do PROEJA.

Eu espero que o PROEJA não termine porque dá chance para muitas pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar.

Esta é a minha história e merece ser contada. Assim como a de muitos outros batalhadores do PROEJA.

Minha vida mudou

Antonio Bernardo da Silva
Orientador: Koenigsberg Lee Ribeiro de A. Lima
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Pernambuco
Campus Ipojuca

Contarei um pouco da minha história. Tenho 50 anos e com 11 anos de idade comecei a trabalhar no corte da cana e também a estudar. No ano de 1982 concluí a terceira série e não estudei mais, até que em 2012 consegui um trabalho que me permitiu a volta aos estudos, entrei no PROEJA. Concluí o ensino médio, sou estudante do Curso de Qualificação Profissional em Agente de Observação de Segurança na Indústria, PROEJA, no Instituto Federal de Pernambuco.

Hoje trabalho em uma usina de cana de açúcar, sou conferente agrícola. Depois do PROEJA minha vida mudou, pois o trabalho que faço atualmente é menos cansativo que o de antes. Se eu não tivesse voltado a estudar, não teria conseguido.

No curso adquiri conhecimentos sobre a norma regulamentadora 33, que regula os trabalhos em espaço confinado. Sobre a norma regulamentadora 35 tenho conhecimento dos procedimentos segurança para o trabalho em altura, bem como a importância da permissão de trabalho. Tenho conhecimento também das exigências para promoção da saúde do trabalhador, contidas na norma regulamentadora 7.

Então é isso, um pouco do que aprendi no curso, não pretendo parar mais. Agradeço ao nosso professor que é muito paciente e atencioso com toda a turma.

Árion Douglas Ferraz Santos
Orientador: Rodrigo Klassen Ferreira
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-
grandense - Câmpus Charqueadas

Meu nome é Árion, tenho 21 anos e sou técnico em Fabricação Mecânica! Venho de uma família humilde, constituída basicamente pela minha mãe e meus quatro irmãos. Cursei todo o ensino fundamental em uma escola pública. Me formei em 2009 e, no mesmo ano, graças a minha mãe, com muito esforço e ajuda de meus tios, fiz um curso preparatório para o vestibular de verão do IFSul Câmpus Charqueadas.

Minha trajetória no câmpus começou em 2010, quando ingressei no curso técnico integrado em Mecatrônica. Com 14 anos, logo senti a grande diferença no nível de ensino em relação às outras escolas, mas tudo ocorreu bem no primeiro ano. Porém, no ano seguinte, encontrei algumas dificuldades em disciplinas mais voltadas para a eletrônica e a programação. Próximo do início do segundo semestre daquele ano, enfrentei uma série de problemas pessoais que fizeram com que eu acabasse perdendo o foco nos estudos. Reprovei em cinco disciplinas. Infelizmente, 2012 foi ainda mais turbulento em minha vida pessoal e financeira. Frente à situação em que estava, tive que começar a trabalhar informalmente. Novamente não consegui me dedicar o suficiente aos estudos, faltava muito às aulas e reprovei mais um ano.

O ano seguinte foi pouco mais tranquilo, porém já estava tendo que arcar com responsabilidades maiores, como o aluguel de minha casa. Felizmente, consegui um estágio em uma empresa da área metalmecânica em Charqueadas. Minhas atividades na empresa eram no setor de projeto mecânico, área com a qual me identifiquei muito. No entanto, a bolsa auxílio das quatro horas de estágio não era suficiente para arcar com as despesas mensais. Estava pensando em desistir do curso para procurar algo em que tivesse um retorno financeiro mais rápido. Compartilhei este sentimento com alguns professores, como o coordenador do curso, e com a responsável pela Coordenadoria de Estágios na época. Todos me incentivaram a repensar a situação, não mediram esforços para que eu não abandonasse os estudos. Foi então que surgiu a

oportunidade do curso técnico em Processos de Fabricação Mecânica na modalidade PROEJA, que estava com as inscrições abertas. Fiz o processo seletivo e ingressei no primeiro semestre de 2014.

O curso técnico em Processos de Fabricação Mecânica, noturno, com duração de três anos e de nível médio era tudo o que precisava. Somado ao fato de que eu já havia me identificado muito com a área, o curso me despertou o interesse e abriu muitas portas. Já no início do ano letivo, pude passar a trabalhar seis horas diárias. Consegui assimilar muito melhor as experiências vivenciadas no estágio, me desenvolvendo bastante na área, e me dedicar devidamente aos estudos.

Na disciplina de lógica, logo no primeiro semestre do curso, desenvolvemos um jogo para introdução dos conceitos básicos de mecânica industrial para pessoas interessadas na área. O jogo era uma forma de cativar os alunos do PROEJA e um meio de divulgação do curso para futuros alunos. O projeto foi exposto na MOCITEC¹ daquele ano e posteriormente na 4ª Mostra científica do IFRS Campus Restinga, na qual conquistamos o prêmio de primeiro lugar em nossa categoria.

No final de 2014, saí do estágio para um emprego efetivo em outra empresa de Charqueadas e concluí o ensino médio por proficiência com a nota do Enem. Em 2016, ingressei no curso de Engenharia Metalúrgica da UFRGS, o qual cursei de forma concomitante ao trabalho e ao PROEJA até a conclusão no início de 2017. Ainda em 2016, eu e um grupo de colegas desenvolvemos, como nosso projeto de conclusão de curso, uma plataforma móvel para acesso de cadeirantes no palco do auditório do campus, onde existe acesso apenas por escadas. O projeto foi exposto na MOCITEC de 2017.

Concluir o curso no PROEJA me abriu inúmeras portas e me fez enxergar que, independente das dificuldades que enfrentamos no caminho, com esforço e dedicação, sempre podemos alcançar os nossos objetivos. Tive o exemplo dos meus queridos professores e amigos que me apoiaram na trajetória e de colegas que, mesmo com muitas dificuldades, conseguiram uma nova profissão e hoje estão tomando novos rumos na vida.

1 Mostra de Ciências e Tecnologias do IFSul Campus Charqueadas.

Memórias, sonhos e conquistas

Aristéa Mesquita
Orientadora: Veruska Ribeiro Machado
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de
Brasília - Câmpus Taguatinga

Nasci no Rio de Janeiro,
Filha de uma lavadeira
E pai motorneiro de bonde.
Lutavam com sacrifício
Para criar os filhos.
Difícil não faltar nada.

Minha avó, com dó da gente,
Chamou para lá morar,
No sítio que era dela.
O convite veio a calhar,
Pois fome não passaríamos
Com tantas frutas no pomar.

Mas ao mudarmos de vez
A vovó logo falou:
“Frutas, só quando eu der
Pois não é para mexer no pé.
A fruta só vou dar
Quando começar a estragar.”

Como fomos bem-educados
A respeitar os mais velhos,
Não ponderando nem retrucando,
Assim fomos nos contentando,
Com frutas amassadas,
Mordidas e bichadas.

O dom de artesã
Já estava no meu sangue.
Eu produzia panelas
De argila para brincar.
E o sol até cooperava,

Pois as peças logo secavam.

Aos sete anos fui matriculada
Em uma escola perto de casa.
Foi a melhor fase da minha vida,
Pois pensei que estudaria
E ia ser alguém na vida,
Mas a decepção veio em seguida.

Meu pai muito machista,
Me tirou a alegria
Que eu sozinha busquei.
Até o ginásio, boa nota conquistei,
Aprovada com louvor,
Mas meu pai me barrou.

Então desisti dos estudos.
Fui aprender artesanato.
Todos os cursos que havia
Minha mãe me inscrevia
Para melhorar aprender
E boas técnicas desenvolver.

Árley Batista Paim
Orientadora: Kelly Cristina D' Angelo
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Câmpus Passos

Há alguns dias refletindo sobre minha vida, me apeguei a uma pergunta. Quem diria que eu poderia voltar a estudar? Logo eu, que acabo de completar 43 anos de idade, teria uma última e única oportunidade de voltar a estudar. Foi dessa maneira que enxerguei essa “última oportunidade” oferecida pelo IF Sul de Minas - Campus Passos.

Foram mais de 20 anos que fiquei longe da escola, por minha escolha e um pouco de comodismo. Meu pai me obrigava a estudar e a trabalhar. Sempre falava que o pai dele fez dessa forma com ele, mas a escolha dele foi pior, largando os estudos para trabalhar no sítio de meu avô. Minha rotina era bem ruim, estudava na parte da manhã e ao chegar em casa por volta de 12:30, minha mãe já estava com almoço na marmita para que eu pudesse levar para meu pai na roça. Eram 11 quilômetros que eu enfrentava todos os dias, fizesse sol ou chuva. Com isso, minhas notas despencavam na escola, eu repetia de série quase todos os anos. Férias escolares só ficavam no sonho e bem distantes, os primos reunidos no sítio de meus avós brincando e fazendo algazarra e eu e meus irmãos trabalhando duro igual a qualquer trabalhador rural.

Não culpo meu pai por minhas escolhas, apenas acho que ele deveria ter me incentivado a estudar e não fazer com que eu trabalhasse na roça. Além de ser duro e extenuante, não recebia nenhum valor ou dinheiro por meu trabalho, fazia qualquer serviço, apanhava café, ordenhava as vacas, cortava capim para as vacas leiteiras, colhia milho, era uma rotina estressante. Hoje quando alguém me fala que trabalha pesado eu pergunto se ela já trabalhou na roça. “Se não, você não trabalha num serviço pesado”.

A pessoa que mais me incentivou a voltar a estudar foi minha mãe, que, aliás, é minha verdadeira inspiração. Uma mulher de fibra, forte, encorajadora, destemida, guerreira, que além de se formar costureira, ainda mantinha uma facção de costura. Ela voltou para os bancos escolares, fez o Curso Técnico em Modelagem do Vestuário no Instituto Federal do

Sul de Minas Campus Passos, formou-se e atua na área.

Hoje minha mãe faz o Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda no mesmo Instituto. Para mim é motivo de muito orgulho, nem eu e meus irmãos cursamos faculdade, minha mãe será a primeira da nossa família a ter um diploma de curso superior. Isso é muito bom.

Com minha mãe me incentivando, não paro de estudar.

O Curso Técnico em Orientação Comunitária integrado ao PROEJA está me ajudando muito profissionalmente, pois faço planejamento de campanha política. Este curso está me abrindo um leque de opções de trabalho, como planejamento e gestão de projetos sociais, educacionais e de saúde, pois sem essa qualificação eu não teria condições de fornecer este tipo de serviço para prefeituras e ONGs, apesar de já ter trabalhado como assessor parlamentar.

Eu, que já fui desprezado por não ter diploma de nenhum curso e não ter nenhuma formação acadêmica, agora não quero parar de estudar. Vou prestar vestibular para o Curso de Administração Pública ou Administração aqui no Instituto. Estou me qualificando e quero me qualificar ainda mais, pois pretendo em breve me candidatar a prefeito de Passos, minha cidade natal, e mostrar para todos que podemos fazer uma administração pública séria, comprometida exclusivamente com o povo, esse é meu desejo.

A aluna: uma história de foco e determinação no PROEJA da Rede Federal de Ensino

Arminda Lúcia de Oliveira Silva
Orientadores: Natalino da Silva Oliveira
Roberta Brangioni Fontes
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – Campus Muriaé

Oi, meu nome é ARMINDA, tenho cinquenta e sete anos, sou casada há trinta e quatro anos e hoje faço Administração. Cursar uma faculdade sempre foi o meu sonho, desde que eu me entendo por gente quis isso pra mim. Nunca fui uma aluna brilhante, mas sempre esforçada e sempre gostei muito de estudar, ler e escrever. Fui criada em Itamuri, distrito de Muriaé, um lugar bem pequeno. Quando meu sonho maior era apenas estudar, tive que sair da 4ª série com onze anos e ficar até os quinze anos sem estudar, porque onde eu morava não tinha ensino médio.

Em 1975, chegou um padre em Itamuri com a ideia de fundar uma extensão de série, tal como era denominado o ensino de 5ª a 8ª série. Como não tinha sala disponível na Escola Coronel Francisco Gomes Campos, os alunos se matricularam e começou a luta para a construção da sala. Cada aluno era responsável por uma quantidade de tijolos. Assim, conseguimos construir uma sala e um laboratório, e os equipamentos nele existentes foram provenientes de doações da Alemanha. Deste modo, após muito esforço individual e coletivo, consegui concluir a 8ª série com 18 anos. As lutas não terminaram e minha mãe não me deixou vir à Muriaé para estudar. Todos os dias pela manhã, tomava a bênção de minha mãe e pedia para vir para Muriaé, mas ela não deixava. No dia 05 de agosto, enfim, vencida pelo cansaço ela me deixou vir a Muriaé para estudar. Vim para a cidade para trabalhar de doméstica mesmo, porque precisava de um lugar pra morar e tinha que ser no serviço. No final do mesmo ano, eu me matriculei no antigo Centro Educacional Muriaé e concluí o ensino médio juntamente com o Técnico em Contabilidade aos 23 anos de idade, em 1983. Neste mesmo ano me casei e meu marido, muito ciumento, não me deixava mais estudar e nem trabalhar fora de casa. Nem por isso deixei de sonhar,

sempre pensei que o corpo pode até ser aprisionado, mas nunca se prende a alma; essa pode ir onde quiser sem que ninguém possa interromper.

E assim passaram-se os dias, meses, anos. Até que uma amiga, precisando de alguém para ajudar nos cuidados com o filho, me convidou para que eu pudesse dedicar a ele algumas horas do meu dia. Era a Rosa, uma amiga muito querida. Sendo uma pessoa conhecida, o meu marido não se importou e, assim, foi crescendo aos poucos a minha estadia fora de casa e quando ele se deu conta, eu já havia passado o dia todo trabalhando fora. Surgiu então, o primeiro vestibular do IF Sudeste MG/Campus Muriaé e minha irmã fez minha inscrição e como ela disse que em vestibular não se leva nada, não levei. A moça, durante a prova me pediu minha identidade e eu não tinha. Saí correndo pela rua chorando muito, parei um carro, ajoelhei no chão pedindo pelo amor de Deus para que o dono do carro me levasse até minha casa para que pudesse pegar meus documentos. O moço achou que eu era louca, contudo, mesmo assim me levou. Peguei os documentos, voltei à Escola José Tanus Braz e fiquei tão feliz que não conseguia me concentrar. A vontade era de bailar nas carteiras. Resumindo: não passei. Tentei mais uma vez e não chegava nem perto, afinal havia abandonado os estudos já tinha muito tempo.

Em 2010 comecei a trabalhar no IF e foi conversando com a Virgínia, professora de direito da instituição, que questionei se eu, que já tinha feito o ensino médio, poderia fazer de novo, pois queria muito fazer uma faculdade e não conseguia passar no vestibular. Essa estratégia seria importante para recordar e aplicar na prova o que eu assimilaria. Deste modo, em 2013, consegui ingressar no PROEJA. Com muito orgulho e felicidade, eu não conseguia matar nem uma aula, porque todas eram importantes para o meu crescimento. Tive ótimos professores nesses dois anos, que com paciência conseguiram fazer com que a paixão e a vontade de ingressar numa faculdade, só aumentassem e tinha que ser numa instituição pública, porque o que eu recebia pelo meu trabalho de auxiliar de serviços gerais não conseguia pagar uma faculdade particular. Então, fiz o ENEM, vestibular, processo seletivo, tudo no mesmo ano com imensa felicidade, mas agora sem perder o foco. Fiz o vestibular e fiquei em sétimo lugar. Contudo, no grupo em que estava inserida, havia apenas três

vagas. Como também tinha feito o ENEM, joguei minha nota no SISU e fui contemplada para agregar mais conhecimento. Ter a oportunidade de cursar uma faculdade é uma realização pessoal muito importante em minha vida. Adquirir algo que ninguém conseguirá tirar de mim: o conhecimento que amplia caminhos e abre a visão para o mundo.

O mundo pertence a quem se atreve

Auxiliadora Maria da Silva
Orientador: Koenigsberg Lee Ribeiro de A.Lima
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Pernambuco
Campus Ipojuca

Durante todo esse tempo de estudo, aprendi muito e continuo aprendendo. Sei o que é espaço confinado, consumo sustentável, educação ambiental, impacto ambiental, normas regulamentadoras, equipamento de proteção individual – EPI, permissão de entrada e trabalho – PET, emergência e salvamento. Tudo isso, com certeza, será de grande importância para minha vida.

Tenho 50 anos e sempre tive uma vontade imensa de terminar meus estudos. Não pude terminar antes, porque perdi meu pai aos oito anos de idade e tive que ir trabalhar muito cedo, mas nunca perdi a esperança de terminar os estudos e hoje graças a Deus consegui. Aprendi muito e ensinei também, hoje sou extremamente feliz.

Posso dizer, eu consegui! Pois, o mundo pertence a quem se atreve e graças a Deus concluí. Conhecimento é uma coisa que ninguém toma, levarei para toda vida.

Vencer pela vontade e contribuir pelo ideal

Bernardete Maria Motta Silveira, aluna egressa Projeto EMA¹ - Ensino Médio para Adultos, 2004.

Orientador: Armando Triches Enderle
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - Câmpus Sapucaia do Sul

Depois de 25 anos afastada das salas de aula, voltar a estudar parece difícil, mas quando se tem um objetivo deixamos pra traz todo aquele pavor desnecessário. Estudar no IFSUL Campus Sapucaia do Sul foi maravilhoso. Professores sempre empenhados em nos passar segurança para que o aprendizado fosse da melhor qualidade. Então, era o momento de aproveitar o espaço ali oferecido para adquirirmos um pouco mais de conhecimentos e dar continuidade conforme nossas necessidades.

Além do aprendizado em sala de aula, tínhamos atividades fora da escola. Uma das atividades eram as saídas de campo e também tivemos trabalhos realizados com a comunidade, na inclusão social: Trabalho Informal, “a informalidade dos trabalhadores ambulantes”. Para mim foi de grande valia, o espírito de avançar e vencer a cada trabalho nos erguia. E nesses momentos que se percebe o coleguismo e o empenho de quem estava sempre ao nosso lado dando suporte, apoio, atenção com respeito ao grau de dificuldade de cada um naquele grupo, que, não era mais um grupo e sim quase que uma família de professores e alunos.

Quero aqui registrar meu carinho e reconhecimento a todos os professores do IFSUL Campus Sapucaia do Sul, que até a data de hoje trabalham com afinco nesse projeto, agora concretizado no PROEJA. Tenho certeza que vão dar continuidade realizando sonhos de pessoas que por um motivo ou outro se afastaram dos estudos.

1 O Ensino Médio para Adultos - EMA - inédito na rede federal de Educação Profissional no RS, foi instituído no Campus Sapucaia do Sul a partir do segundo semestre de 2002 e compôs uma experiência educacional que se estendeu até o final de 2007, voltada para jovens e adultos trabalhadores acima dos 25 anos de idade com a duração de quatro semestres.

De filho para mãe e de mãe para filho

Cleusa Sirlei Coleraus
Orientadora: Divane Floreni Soares Leal
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio
Grande do Sul – Campus Restinga

Meu nome é Cleusa Sirlei Coleraus, moradora da Restinga¹ e mãe de quatro filhos criados através do trabalho como empregada doméstica. Aos 58 anos, depois de 35 anos sem estudar e sem esperança de pelo menos concluir o ensino médio, estou aqui para contar uma história de filho para a mãe, mas também de mãe para filho. Incentivada pelos meus filhos, voltei à sala de aula, concluí o ensino fundamental na Escola Municipal Alberto Pasqualini.

No ano de 2011, quando eu concluiria o ensino fundamental, a minha escola recebeu a visita de alguns professores do IFRS - Campus Restinga, divulgando a Instituição e fazendo o convite para que nós continuássemos estudando. Não pensei duas vezes, fui até as dependências do Campus, fiz a seleção e graças a Deus fui aprovada para fazer o PROEJA - Curso Técnico em Recursos Humanos Integrado ao Ensino Médio. A partir da realização deste curso, eu aprendi que nunca é tarde para realizar meus sonhos e que cada aprendizado transforma em simples o que eu acreditava ser difícil. E não parei, quis subir mais alguns degraus desta escada. No ano de 2013, o Campus Restinga ofereceu dentro do programa Mulheres Mil, o Curso de Camareira Hospitalar, que seria na parte da tarde e, em 2014, o Curso de Auxiliar Administrativa. Fiz ambos os cursos e com eles aprendi que não foram frutos que recebi, mas sementes que me ajudaram a plantar, que são sonhos e esperanças que transformaram minha vida. Em dezembro de 2014, concluí o PROEJA, Técnico em Recursos Humanos e hoje estou fazendo o Técnico em Guia de Turismo. E tudo começou com o incentivo de meus filhos – DE filho PARA mãe!

No ano de 2014, meu filho Cleiton, que também estava sem estudar há cinco anos, percebendo minha alegria, empolgação pelos estudos e pelo Campus Restinga, também resolveu voltar a estudar. Fez a seleção no Técnico em Recursos Humanos e foi aprovado. Com o PROEJA, meu filho teve a oportunidade de fazer o ensino médio, já pensando em fazer um curso superior, para a minha felicidade. Que bom poder influenciar meu filho – DE mãe PARA filho!

1 Bairro da zona sul de Porto Alegre (RS) com mais de 50.000 habitantes, situado a 22 km do centro da cidade.

Antes, eu não gostava de falar que sou moradora da Restinga, hoje tenho orgulho em dizê-lo, tenho orgulho também de dizer que sou aluna do IFRS - Campus Restinga, pois acredito que o estudo é o nosso bem maior.

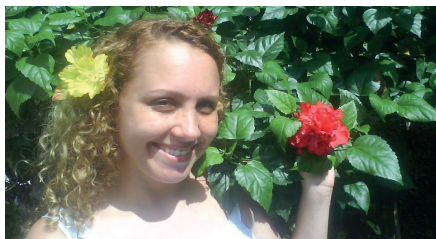
O Campus Restinga nos abriu e abre muitas portas, tanto profissionais como no nosso dia a dia, eu era uma mulher tímida, com pouco conhecimento dos meus direitos, deveres e valores. Hoje não tenho medo nem vergonha de falar em público, reclamar quando acho que estou sendo enganada, pois a Instituição e os bons professores que tive me ensinaram quais são meus direitos e deveres, sempre revendo meus valores. Quanto mais estudo, mais vejo o muito que ainda tenho para aprender. Quanto ao meu filho Cleiton, os professores, muito bem qualificados, conheceram as suas limitações e dificuldades, hoje ele é outra pessoa, vendo os seus sonhos serem realizados com a conclusão do ensino médio e pensando em fazer outros cursos.

Acredito que este também é um momento de agradecimento: em primeiro lugar, agradeço a meus filhos pelo apoio que tive deles, e agradeço também aos professores e técnicos do IFRS Campus Restinga pelo carinho e a compreensão de todos.

A foto que segue é da minha formatura no Técnico em Recursos Humanos, em breve, será a vez de meu filho Cleiton. Que orgulho! De filho para mãe e de mãe para filho!

Esperança, luta e conquista

Cristiane Rambo Casais de Lima
Orientadora: Dilma Mesquita
Colégio Pedro II - Câmpus Tijuca II



A menina que ama dançar
De repente, de surpresa,
Viu seu sonho desmoronar
Quando, por problemas de
saúde,
Precisou parar de estudar.

Seu plano precisou mudar

Pois a dança não conseguiria ensinar
Já que não havia conseguido
Os seus estudos completar.

A menina que ama dançar
Decidiu correr atrás
Mas havia muitos obstáculos
Que ela teria que superar.

Depois de muito tentar
E o sucesso dela fugir
Decidiu fazer um supletivo
Para tentar se recuperar.

A menina que ama dançar
No supletivo não entrou
Pois sem um bom emprego
Não conseguia pagar.

Ela era nova, na faixa dos 20 anos
Para a sua vida retomar
Teve que mudar os planos
E assim seus objetivos
Conseguir alcançar.

A menina que ama dançar
Perdeu as esperanças,

Pois via que seu sonho
Não iria realizar.

Com o passar do tempo
Ela não achou estudo
Ficou triste e desanimada
E quase largou tudo.

Mas a família não entendia
Que ela, humilhada se sentia,
É que lutava todos os dias
Para essa situação mudar.

Mas a menina persistiu
Levantou e sacudiu a poeira,
Focou no sucesso, teve fé
E não desistiu.
E quando menos esperava
A vida lhe abriu uma porta,
E a esperança então lhe sorriu
Entrar para o Colégio Pedro II
A Menina conseguiu.

Dani Ielson Matos da Rosa
Orientadora: Fabiana Cardoso Fidelis
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio
Grande do Sul - Campus Canoas

Por muito tempo, desde quando comecei a guardar minhas vivências, fui ensinado que os mais velhos eram os senhores da verdade, que não erravam e sempre me guiariam pelo melhor caminho possível.

Cresci acreditando que o trabalho duro, persistente e contínuo seria a melhor opção para seguir sempre e que apenas a sobrevivência dia após dia seria suficiente para o restante da minha vida. A escola seria apenas um local de reprodução de conteúdo, em vez de produção do conhecimento. Em razão disso, estudei na minha infância, como costumava dizer minha mãe, “apenas pra manter minha mente ocupada até atingir a idade apta para trabalhar”. Minha mãe me teve solteira, foi expulsa de casa por causa da gravidez, e teve que contar com os vizinhos e estranhos para me criar enquanto trabalhava. Ela completou o ensino médio, mas não pôde continuar seus estudos, como pretendia antes de engravidar.

Lembro que tive muitas tias!

Eu era muito castigado e apanhava muito na minha infância, ouvindo que eu era o motivo do fracasso e desgraça da vida de minha mãe. Aos 13 anos já fazia minhas próprias escolhas e tomava minhas próprias decisões, pois havia crescido e já tinha a estatura que tenho hoje, sendo um dos maiores na minha turma (só não fazia ideia de que ficaria com essa estatura até os dias de hoje). Já não apanhava mais da minha mãe, pois dizia a qualquer um que tentasse me bater que teria que me matar, pois eu sempre reagiria. Graças a Deus que isso nunca passou de um blefe que funcionava com a minha mãe. Só com ela funcionava, pois vivia apanhando de vizinhos que às vezes me cuidavam.

Já não frequentava mais as aulas com frequência. Aos 13 anos, sem incentivo e acompanhamento, o que eu menos queria era ir para escola. Após descobrir que eu não frequentava mais as aulas direito, minha mãe dispensou uma tia vizinha que cuidava de nós e deixou-me cuidando do meu irmão mais novo. Tínhamos sete anos de diferença. Ele era meu ir-

mão por parte de mãe, pois seu pai já havia se divorciado e pagava pensão à minha mãe.

Após seis meses sem estudar, consegui meu primeiro emprego sem carteira assinada, em uma empresa em que meu avô trabalhava como soldador. Ali eu aprendi a ter um pouco de responsabilidade. Também foi ali que ganhei minha marca no meu olho, que me acompanha até os dias de hoje, pois usava a máquina de solda sem proteção.

Ao completar 14 anos, consegui meu primeiro emprego de carteira assinada (Cia Zaffari, de empacotador), com um ótimo ambiente para trabalhar. Na época não pensava assim, fiquei até meus 20 anos, acabei pedindo para sair. Acreditava que, chegando no horário, trabalhando direito sem faltar e sem colocar atestado seria suficiente para ser promovido ou ganhar aumento de salário. O que mais me impressiona é que a maioria das pessoas que conheço ainda pensa assim até hoje.

Em 2000, entrei no ramo que estou até os dias de hoje, Marketing e Merchandising, trabalhei como promotor de vendas em várias empresas ruins e algumas boas. Essas empresas contratavam em uma época que o foco principal era desenvolver seu empregado para que ele pudesse ter conhecimento (expertise na área), sendo sinônimo de lucro e resultados positivos na empresa. Graças a isso fui me interessando mais e gostando do reconhecimento e das responsabilidades que me eram atribuídas.

Em 2006, minha noção de vida e futuro já estava totalmente alterada, mas não o suficiente ainda, pois acreditava que apenas com expertise na área seria o suficiente para conseguir mudar de função e ensinar as pessoas da minha área de atuação a trabalharem com mais produtividade, em vez de se matarem de trabalhar sem um mínimo de planejamento.

Em 2014, após ter subido cinco degraus dentro da minha área, fui barrado pelo nível de escolaridade (mais pelo diploma), pois já estava atuando em cargos que consegui apenas pelos meus resultados que me dispensavam dos processos seletivos rotineiros. Como o foco era resultado, sempre conseguia seguir adiante.

Apenas quando virei pai comecei realmente a entender que teria que pensar em longo prazo, (50 e 60 anos) e que precisaria chegar mais longe. Desde então, voltei a estudar e tenho lidado com a difícil realidade de conciliar o fato de ser pai de dois filhos com diferença de dois anos cada (que ainda

acordam na madrugada), ser gestor de uma equipe no RS em uma multinacional (sem ter o 2º grau completo) e ter escolhido estudar em uma instituição pública com aulas todos os dias (sendo que o ideal seria pagar uma instituição privada, com aulas de duas a três vezes por semana).

A oportunidade de estudar três anos, com um curso técnico junto e sem custo direto, deve ser agarrada com as duas mãos, pois, apesar de estar satisfeito provisoriamente com meu emprego, não fecho os olhos para a realidade de trabalhar em uma empresa privada como empregado, onde os números e a avaliação constante me mantêm ali, criando um cenário incerto. A falta de dinamismo em atuar em áreas diferentes e não poder exercer outra profissão me deixa bem claro que não existe outro caminho a ser trilhado a não ser o acadêmico.

Esperança e valorização social

Diana Alves de Assis dos Santos
Orientador: Koenigsberg Lee Ribeiro de A. Lima
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - Câmpus Ipojuca

O PROEJA, por ser uma modalidade de ensino profissionalizante para jovens e adultos que não tiveram por diversas razões condições de estudar no tempo regular, foi para mim um meio facilitador para que eu pudesse concluir meus estudos, trazendo diversos benefícios, sendo que me senti valorizada e com perspectiva de um futuro promissor.

Antes não tinha uma ampla visão para os estudos como tenho hoje. Em determinado momento da minha vida, meus sonhos e projetos estavam ficando para trás, e o desemprego estava crescendo. Assim, comecei a analisar meu currículo e, naquele momento, algo chamou minha atenção: escolaridade, fundamental incompleto. Enxerguei, então, tudo que havia perdido devido à falta de estudos e decidi voltar a estudar e concluir o ensino médio.

Nesse mundo em que vivemos, quanto mais qualificação tivermos, melhores oportunidades para o mundo do trabalho virão. Esse pensamento incentivou-me em diversos sentidos, como a cursar informática e fazer faculdade de administração, que é o meu sonho.

Enfrentarei de cabeça erguida os obstáculos, que estão apenas começando. O PROEJA é apenas o começo, uma etapa em minha vida. Penso em crescer culturalmente e profissionalmente. O curso trouxe-me clareza, valorização social, conhecimento, desafios, esperança de obter um emprego e ajudou-me também nos aspectos afetivos e cognitivos.

Enfim, o PROEJA trouxe muitos benefícios para minha vida. Fez-me pensar e nunca desistir dos meus objetivos. Mostrou-me que somos capazes e que nunca é tarde para aprender.

50 anos de lembranças

Eduardo Faustino dos Santos
Orientadora: Iolita Marques de Lira
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas - Câmpus Maceió



Era ainda muito jovem
Querendo sair do ninho
Conheci uma pessoa
Encontrei este caminho

Mestre nas artes e na vida
Com ele aprendi conviver
Com a beleza da arte
E com a arte do fazer

Nascido no capital
Sem ranço capitalista
Estava escrito no livro
Seu destino de artista

Foi esta a grande escola

Que me fez compreender
O valor de todas as coisas
Inclusive a do saber

Na arte o pudor e o limite
Se mistura com história e fantasia
Técnica vontade e trabalho
Emoção e sabedoria
O seu trabalho retrata
Animais e vegetais
Homens que parecem plantas
Plantas que lembram animais

Talco verde ou amarelo
Caolin lavado ou do sertão
Feldspato bruto ou alcalino
Tem que tá tudo na mão

Se mistura tudo isso

Com um pouco de saber
Mas pra ver o resultado
O forno é quem vai dizer

Vou ticando minha vida
Com o que aprendi lá
Só contei um pouquinho
Mas tem muito pra contar

Superação

Elisabete Miranda Bronzoni
Orientadores: Soraya Pereira Corrêa e
Alexander da Silva Machado
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Farroupilha – Campus São Borja

Contarei um pouco da minha trajetória pessoal nos estudos. Tenho 46 anos, moro com meu esposo, meus dois filhos e minha mãe. Sou do lar e cuido da minha mãe, que tem 88 anos, a qual precisa muito de meus cuidados. Minha trajetória iniciou-se da seguinte maneira: iniciei os estudos aos 9 anos na 1ª série, comecei tarde, pois vim do interior e foi difícil minha adaptação na cidade, era tímida e não conseguia me relacionar com os demais. Frequentava a escola por obrigação e forçada. Fui até a 7ª série, já com 17 anos de idade, com reprovações durante esse tempo. O meu primeiro casamento teve a duração de 3 anos, com uma separação traumatizante, estando eu grávida de 8 meses. Acredito que, desde esse momento, começou o meu abalo psicológico. Após o nascimento de minha filha, ficamos somente eu, ela e minha mãe, sendo que foram 4 anos dedicados aos cuidados da minha filha. Durante esse tempo, tive ajuda da minha irmã, a qual notou que eu não estava bem. Vendo que poderia fazer algo para ajudar-me, ela se propôs a pagar uma babá para minha filha e mãe para eu voltar aos estudos.

Voltei a estudar com 28 anos, realizei o supletivo. A escola ficava longe de minha casa, precisava ir de ônibus. Passaram-se meses de estudo. Quando eu estava em sala de aula,

em uma noite, lembro-me perfeitamente, foi dia 14 de julho de 1994, tive uma forte crise, que, naquele momento, não sabia do que se tratava. Fiquei sem rumo e sem chão com essa nova situação que se apresentou nessa noite. Todos os meus professores e colegas ajudaram-me naquele momento, conduziram-me ao plantão no hospital, onde não foi dado um diagnóstico, acredito que em decorrência de que não era comum essa doença. Voltei para minha casa e, desde aquela noite, minha vida não foi a mesma. No outro dia, tive o mesmo sintoma novamente, eram sensações horríveis de desespero, não sabia o que estava acontecendo. Após várias noites sem dormir, minha irmã, vendo a situação, levou-me ao especialista. Posteriormente, veio o diagnóstico: “Síndrome do Pânico”. Iniciei imediatamente o tratamento.

Com relação aos meus estudos, não houve possibilidades de retornar, pois tinha medo de voltar para uma sala de aula e ter novamente aqueles mesmos sintomas. Foi um momento muito difícil. Desde aí voltou todo um sentimento de fracasso, tristeza, insegurança e medo. O tempo passou e, com muito esforço, voltei a terminar o supletivo com a companhia da minha filha, que já tinha 4 anos, e com a força de meus professores. Comecei a ficar mais segura, com minha filha ao meu lado. Os professores autorizaram ela a me acompanhar nas aulas. Como faltava pouco tempo para concluir o supletivo, realizei provas finais, finalizando o ensino fundamental, significando enorme vitória, com esforço inexplicável em ir até a escola e ainda realizar as avaliações para concluir. Passaram-se então 17 anos. Frequentar uma sala de aula, para mim, ainda era um pesadelo total, queria distância, pois eu me sentia completamente insegura e com medo que o fato viesse a acontecer novamente. Em 2016, minha filha, já com 21 anos, visualizou, na página do Instituto Federal Farroupilha - IFFar, uma publicação de que estariam abertas as inscrições para o Curso Técnico em Cozinha na modalidade PRO-EJA. Pensei ser uma ótima oportunidade em vários sentidos para eu retornar aos estudos e me sentir mais forte e capaz de superar todo o fracasso anterior. Refleti e, corajosamente, fui fazer a matrícula. Isso para mim já foi uma vitória de realização como pessoa. No primeiro dia de aula, minha mãe e minha filha me levaram até o IFFar, foi acontecendo da melhor forma. O curso técnico em cozinha representa para mim uma nova vida, conseguindo superar aquelas dificuldades que tive

no início da vida escolar. Toda a noite que estou na escola é uma grande alegria, pois me sinto tão bem e segura, tenho toda atenção, carinho, dedicação e amor de todos os professores e colegas. Posso dizer, com toda a certeza, que hoje amo estudar, amo aprender e amo estar no IFFar, venci obstáculos e consegui superação.

O estudo renovou minha vida, trouxe felicidade aos meus dias e confiança. Não canso de expressar a alegria que sinto em estar na sala de aula, compartilhando experiências juntamente aos meus professores e colegas. Finalizo dizendo para as pessoas que passam por esse tipo de situação que todos nós temos a força e o poder de conseguir, acreditando sempre em nós mesmos, pois todos possuímos capacidade de estudar e conseguir vencer os desafios encontrados durante o caminho. “Cada cicatriz que temos é a confirmação de que uma ferida sara. Cicatrizes são marcas de superação que só um verdadeiro guerreiro possui” (autor desconhecido).

Nascida para casar

Evanildes da Silva Cruz
Orientadora: Veruska Ribeiro Machado
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília - Campus Taguatinga

Senhores leitores, vou contar minha história,
De uma jovem destinada a se casar.
Nascida numa cidade com poucas famílias,
A tradição era casar.
Naquela pequena cidade só os homens
tinham poder para mandar e falar

Nunca entendi por que mulher,
grande ou pequena,
só servia para trabalhar.
Na década de 80, via as coisas acontecer.
Por ser rebelde com meus pais, disse-lhes:
“Não quero viver aqui, quero outro destino ter

Vou embora para a cidade
Vou estudar e trabalhar
meu destino mudar”.
Tão cedo saí de casa
e comecei a trabalhar
nas casas onde morava.

Nas casas tinha direito de estudar.
Consegui o ensino fundamental terminar
Voltei à casa de meus pais para lhes falar:
“Pai, terminei meus estudos, agora vou viajar”.

Muito rebelde, fui meus pais contrariar
Com pouco tamanho e idade, fui-lhes comunicar:

“Estou indo para capital
para minha vida mudar”.
Meu destino lá era me casar.
Minha mãe disse:
“Filha moça que não casar

não tem direito de para casa voltar”.

Chegando à capital, comecei a trabalhar.

Ganhava o salário do mês

para meus pais ajudar.

Cinco anos depois engravidei.

Para revolta de minha mãe, sem casar.

Fui para mim um problema arrumar

Por não ter experiência,

nada me fez pensar.

Depois, voltei à casa de meus pais

para meus filhos apresentar

Minha mãe, com tanta raiva,

nem meus filhos quis olhar.

Foi muita decepção.

Ficamos 10 anos sem nos falar.

O sofrimento era tanto

que quase não falava

Não entendia o porquê

de ela não me aceitar

Trabalhava todos os dias

para dos meus filhos cuidar.

Nunca precisei dos meus pais

para me ajudar.

Foi então que decidi minha vida levar.

Olhava os filhos crescendo,

Nem vi o tempo passar,

Nas noites traiçoeiras

via o dia clarear.

Foi então que decidi

uma conversa chamar

Contar para minha mãe meus motivos, compartilhar.

Ela olhou para mim e começou a chorar:

“Só queria a minha filha caçula casar.

Naquela época mulher não tinha direito a nada

Só servia para a roça e o fogão”.

Disse que se casou aos 13 anos

“Filha, nunca soube o que foi o amor
Nunca me senti amada
Conheci seu pai no dia do casamento

Não tive escolha
Foi assim que fui criada
Para ser mãe e mulher
sem direito a questionar nada.
Achei que tinha que prepará-la
Da mesma forma como fui preparada”.

Os tempos mudaram, mamãe.

Vida de surdo

Fabiano Pereira Dias
Professores orientadores: Josiane Santiago de Lima; Tiago
Alquaz Matias; Karen Guimarães Cordeiro
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato
Grosso - Câmpus Campo Novo do Parecis

Quando completei oito anos, fui estudar na escola Jardim das Palmeiras. Na sala, havia apenas professores ouvintes que só sabiam falar português, não havia nenhum intérprete de língua de sinais. Certa vez, o professor começou a apontar o dedo, tentando me mostrar alguma coisa, mas eu não entendi nada e mordi o seu dedo. Então ele bateu com a régua, e eu arranquei meu sapato e joguei no ventilador. Estava tão nervoso que pulei o muro e fui para casa. No dia seguinte,



voltei à escola junto com meu pai e minha mãe, pois eles precisavam conversar com o diretor.

Eu faltava com frequência, e isso se estendeu até o 5º ano. Foi nessa série que eu mudei para a escola 4 de Julho. Lá sim havia intérpretes. Saete e Luiza me ajudaram muito,

mas eu era nervoso e achava chato estudar, mesmo assim elas sempre me incentivaram.

Quando eu estava no 8º ano, minha mãe me mandou para fora de casa, jogou minhas roupas na rua e eu tive que recolher. Um homem me chamou para trabalhar em uma fazenda e eu aceitei. Fiquei lá por dois meses, até que não quis mais trabalhar lá. Então voltei para a cidade e fiquei dois anos sem estudar. Foi então que Salete e Luíza, minhas antigas intérpretes, foram até minha casa em um sábado para pedir para que eu estudasse. Eu não queria ir por causa da vergonha de não ter sapato e roupa para ir à escola. Então um professor me presenteou com o que eu precisava e comecei a estudar, além de trabalhar.

Aos 20 anos, comecei a estudar na escola Madre Tarsila no período noturno junto com um amigo surdo, mas o intérprete tinha um desempenho abaixo do que eu esperava. Em um mês, abandonei a escola e fui trabalhar em uma loja de materiais de construção, onde fiquei por cinco meses.

Certo dia, fui a cidade de Poconé-MT passear com um amigo surdo. Fomos ao circo e lá me aproximei por Jessica, que se tornou minha namorada. No mês de novembro, quando voltei para minha cidade, Campo Novo do Parecís, eu mandei uma mensagem perguntando para a Jéssica se queria vir para cá, disse que a buscaria em dezembro. Jessica gostou da minha cidade, achou bonita, mas teve que retornar a Poconé. Em março, ela me mandou uma mensagem dizendo que queria se casar comigo, mas eu respondi “não”. Ela ficou triste, chorou muito e resolveu pedir de novo. Eu perguntei se ela iria me ajudar, limpando a casa e fazendo comida. Ela disse que sim. Então falei com minha mãe, que também aceitou nossa união e ela veio morar conosco.

Hoje nós dois estudamos juntos no PROEJA no curso de Técnico em Administração. Tem também mais um colega surdo, somos em três surdos na nossa turma. Foi a Cláudia, intérprete do campus, que foi na minha casa convidar eu e Jéssica para estudar no IF. Eu aceitei. No início, não havia intérprete, mas hoje temos a Alessandra.

Atualmente, trabalho numa loja de autopeças e gosto do que faço, mas tem sido muito difícil continuar estudando e trabalhando. Às vezes já é tarde quando os caminhões chegam para descarregar, então fico até mais tarde trabalhando e perco o ônibus que me leva ao IF. Já pensei em desistir de

um deles: do estudo no IF ou do trabalho nesta empresa. Não pretendo trabalhar nisso para sempre, quero trabalhar com colheitadeira, quero estudar Agronomia e sei que hoje preciso dos dois, do sustento para pagar minhas contas e do estudo para atingir meu objetivo no futuro.

Volta às aulas

Flávia Vieira da Costa Barbosa
Orientadora: Paula da Silva Alves
Colégio Pedro II -
Campus Engenho Novo II

Eu sou Flávia e tenho trinta e dois anos. Sou mãe de um menino de dezoito anos.

Quando jovem, aos meus quatorze anos, não levava a sério o colégio, só queria saber de farra e curtidão. Numa dessas curtições, nasceu meu filho. Com isso, minha vida deu uma parada, pois tive que tomar conta dele. Os anos foram passando e precisei arrumar um emprego para sustentá-lo.

Foi nesse momento que percebi o quanto os estudos fazem falta. Sem escolaridade, o que me restou foi trabalhar na limpeza, um trabalho digno, como qualquer outro, mas com muita discriminação e humilhação.

Já cansada de viver assim, resolvi retomar meus estudos em busca de uma profissão melhor, de um emprego mais valorizado e com mais benefícios. Comecei devagarzinho, fiz a EJA no Colégio Sarmiento e terminei o ensino fundamental. Inscrevi-me no Colégio Pedro II e estou fazendo o ensino médio com direito ao curso profissionalizante em Técnico em Administração (PROEJA).

Estou gostando bastante do colégio porque cada dia é um aprendizado. Os professores se empenham ao máximo para nos dar um ensino de qualidade, sem contar que minha turma é excelente, um incentiva o outro em tudo!

Cheguei aqui e acredito que vou muito além. Tenho uma meta e vou fazer de tudo para alcançá-la. Fácil sei que não será, todavia, no final, tudo valerá a pena!

Francisco Josimar Pereira
Orientador: Marcos Antonio Padilha Júnior
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ser-
tão Pernambucano - Câmpus Salgueiro

Foi durante 1981, que meu saudoso e querido pai (in memória) descobriu que, quando completei 14 anos de idade, já podia com uma lata d'água. Eu que gostava tanto de estudar já tinha que carregar água nas obras para ajudar meu pai a construir pequenas construções.

As dificuldades sempre existiram. Saíamos às 06 horas da manhã para o trabalho, voltando para o intervalo do almoço às 11 horas. Às 13 horas, retornávamos à obra e encerrávamos quando o sol se escondia, porque eu tinha que tomar banho, jantar e partir para uma labuta que eu amava: ir para escola estudar.

Tudo isso acontecia com maior satisfação, pois quem disse que podia fazer cara feia? Se bem que esse era um detalhe natural de um sertanejo trabalhador e sofrido, mas que mantinha muito orgulho e honestidade.

Bom, daí fui apreciando e, quando fazemos algo que gostamos, aprendemos a fazer da melhor forma possível. Entre 14 e 15 anos, já me arriscava a assentar alguns tijolos, o que, naquele tempo, era um pouco diferente de hoje. Acho que era mais difícil, mas sempre foi gratificante aprender.

Entre os profissionais existia um tratamento que eu achava o máximo. Eles sempre se dirigiam uns aos outros, quando alguém lhes pedia opinião a respeito de outro profissional, da seguinte forma: "Ah, o fulano?! Ali sim, é pedreiro de forno". Eu sempre achei que essa era a melhor indicação para um profissional da área da construção civil (significava que aquele era o CARA). E eu sempre quis ser um CARA daqueles.

Tornei-me pedreiro trabalhando com meu pai, me aperfeiçoei fazendo a mesma coisa com mais um professor da área, que faço questão de destacar aqui, seu LUIZ APRIGIO, que me levou a conhecer um pouco a capital Recife e trabalhar em acabamentos finos.

Em 1986, já adiantado na escola, tive o privilégio de passar no concurso da polícia militar do estado de Pernam-



buco, outro sonho do meu pai, maior orgulho, graças a DEUS. Quando se passaram dois anos já na corporação, fui convidado a integrar a equipe de construção civil.

Então em 2013, fui informado por um primo que estavam abertas as inscrições para um curso chamado PRO-EJÁ no Instituto Federal, que tinha a duração de 4 anos. Pensei comigo mesmo e decidi: vou fazer minha inscrição, afinal de contas quatro anos num instante passam. Me dirigi até lá, no campus Salgueiro, realizei minha inscrição e foi dado o play para mais uma conquista.

Tudo se encaixava, cada aula parecia como as peças de um quebra-cabeça que pouco a pouco ia sendo montado minuciosamente, juntando o que eu já sabia com o aprendido durante o curso. Em princípio, foram as aulas de reforço do que eu já tinha visto no passado. As matérias curriculares pertinentes ao ensino médio foram muito boas, pois pude tê-las com grandes mestres de Português, Matemática, História, entre outras.

A parte técnica foi muito gratificante, apesar das dificuldades de ter que estar presente todos os dias às aulas, contando com o cansaço da carga de trabalho diário, mas tinha que me desdobrar. Ficaram muito bem marcados os aprendizados de materiais, resistência dos materiais, elétrica, topografia dentre outras que em outra oportunidade citarei.

Lá fora, era como se as coisas ao meu redor estivessem no escuro e de repente ascendesse uma lâmpada para clarear o que já tinha a prática de fazer. Não tinha conhecimento teórico de certas coisas que usava e manipulava diariamente nos meus afazeres nas construções.

As portas de oportunidades se abriram. Consegui até agora conquistar o respeito dos colegas pelo conhecimento de muitos componentes usados no nosso dia a dia na construção civil, pela orientação de algumas técnicas de segurança aprendidas durante o curso e principalmente por ter conseguido me qualificar como um profissional capacitado e registrado no órgão que regulamenta todos os profissionais da construção civil, CREA.

Minha vida depois do PROEJA

Giovane de Matos Silveira
Orientador: Alessandro Soares
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
Sul-rio-grandense – Campus Sapucaia do Sul

Cheguei ao Instituto meio insegura
2015 era o ano
Mas logo fui acolhida
Pois no Proeja se valoriza o ser humano

Ao longo do curso de Administração
Algumas dificuldades foram surgindo
Mas nem a estatística e a matemática
Me fizeram desistir, pois continuei o curso seguindo

Estou rodeada de ótimos professores e colegas
E seguimos juntos nessa bela jornada
Com incentivo e dedicação
Pois estamos perto da formatura tão sonhada

Eu sempre quis retornar aos estudos
E o Proeja ofereceu a oportunidade
Pois hoje tenho certeza que para voltar
Nunca se tem muita idade

Sinto orgulho de fazer parte do Proeja
E de estudar nesta Instituição
Pois aqui tenho excelentes professores
Que contribuem para a minha formação

Ao longo dos semestres fizemos muitos projetos
Com direito a galetto, risoto e até sopão
Pois esse grupo da turma 6F
Tem a fama de comilão

Para fazermos uma festinha
Não é preciso um grande motivo
Até véspera de feriado
Já serviu de incentivo

Tudo que vivencio aqui
Vou sempre lembrar com emoção
Porque além do aprendizado
Conquistei amigos que guardarei no meu coração

Dizendo adeus ao passado

Ilma Marcolino Moraes
Orientadora Me Cristal Rodrigues Recchia
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

Todos nós passamos por dificuldades que uma grande maioria de pessoas não conseguiria superar. Procuramos nessas situações ensinamentos para utilizá-los como estímulo para continuar, dar a volta por cima e escrever uma nova história. Não há limites para o ser humano, eu sou uma prova viva disso. Falar da minha história é mostrar que acreditar em Deus pode mudar tudo, e assim nos tornarmos vencedores.

No ano de 1993, eu morava na cidade de Monte Sião, Minas Gerais. Era um final de semana como tantos outros que já havia passado na companhia de amigos, depois de uma semana árdua de trabalho. Foi um feriado prolongado no mês de abril, saímos em busca de diversão e momentos novos. A noite estava linda, perfeita, o céu carregado de estrelas. Estava calor e, banhados de uma alegria contagiante, desfilávamos eu e meus amigos em um Opala Diplomata. Todos jovens, só pensávamos em nos divertir.

Estava tudo normal, aproveitamos a noite, dançamos, rimos, a descontração era total. Na volta, tudo aconteceu. Não sei como, foi muito rápido, o motorista perdeu a direção e o veículo caiu em uma ribanceira de aproximadamente 50 metros, na estrada que liga Lindóia a Águas de Lindóia. Estávamos quase chegando ao nosso destino, talvez por um cochilo, uma fração de segundo e tudo se fez.

Quando acordei, estava no hospital em Campinas, São Paulo, há três semanas. Sem entender nada, assustada, não conseguia me mover, não tinha qualquer tipo de movimento, minhas pernas e meus braços estavam paralisados, apenas meus olhos respondiam aos meus comandos. Depois de três paradas cardíacas, de um minuto cada, estava com uma lesão na coluna vertebral.

Lembro-me do momento em que dois enfermeiros estavam ao lado da minha cama realizando um procedimento hospitalar, quando vi minha imagem pela primeira vez após o acidente refletida na bandeja de inox. Me assustei ainda mais, aquela jovem linda, loira e de cabelos longos já não existia mais, me deparei com um rosto deformado e meus cabelos haviam sido raspados. Pensei: meu Deus, e agora? Mas o pior ainda estava por vir. Ouvei um médico falando baixinho para a minha família: “se ela sobreviver, não vai mais andar”.

E assim se passaram longos, intermináveis meses de incertezas e complicações no meu estado clínico. Cada vez mais adoecia por consequência de estar acamada, entrando em um ciclo vicioso de dor, perda de memória, perda da fala e embolia pulmonar.



Confesso que nunca estive tão triste e abatida, tudo havia mudado em minha vida, os amores se foram e os amigos... Ah, amigos sobraram poucos.

Os anos foram se desenrolando, eu tive que me acostumar com a nova realidade, todos os planos e sonhos teriam que esperar mais um pouco. Tudo me foi tirado, arrancado à força. Só me restavam inseguranças e dúvidas. O que eu precisava naquele momento para mudar minha história não estava na Medicina, sequer estava em mim mesma, mas sim em uma força maior, superior, incontestável, Deus. Quando Ele me foi apresentado, gradativamente a esperan-

ça foi plantada dentro de mim.

Aos poucos, surgiu uma luz no fim do túnel. Os dias não eram mais cinzentos, as cores voltaram a me fazer companhia e comecei a acreditar em tempos melhores. Meus passos aos poucos foram devolvidos. Minha vida em passos curtos foi voltando ao normal. O coração voltou a bater por alguém e, quando me dei conta, já estava casada e esperando uma linda menina. Hoje, ela tem 19 anos e, com certeza, foi um presente de Deus. Atualmente, tenho uma vida normal, pratico esportes, dirijo meu carro, faço trabalhos sociais voluntários.

Carrego algumas sequelas e limitações, que não me impedem de estar numa sala de aula escrevendo a minha histó-

ria. Quando questiono Deus por não compreender por que estive sozinha quando mais precisava Dele, a resposta que tenho é que, nos tempos de aflição, quando havia apenas um par de pegadas na areia, era porque Ele me carregava no colo.

Caminho para a vitória

Isabela Marques dos Santos
Orientadora: Adriana Rodrigues Pereira de Souza
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Para-



Em um dia ensolarado, fui à escola onde meu filho Caio, de treze anos, estuda, para renovar a matrícula. Foi quando vi o cartaz do IFPB – Campus Campina Grande, com informações sobre a inscrição para o Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio.

Fiquei feliz, pois precisava terminar o Ensino Médio e, além disso, iria ganhar um presente, o Curso Técnico. Faltando apenas um dia para acabarem as inscrições, fui no mesmo instante ao IF e fiz a pré-matrícula. Foram várias etapas até chegar ao resultado final. Recebi uma ligação por parte do IF avisando que eu fui selecionada, tinha conseguido a tão sonhada oportunidade de fazer parte da família IFPB. Meu coração ansioso pôde bater mais aliviado, eu já era uma aluna do IF, mas eu tinha um desafio, que, para mim, não é e jamais será um obstáculo, minha filha Emyly, de três anos.

O curso seria à noite, e não teria com quem deixá-la, teria de levá-la comigo, pois, no mundo em que vivemos, com tanta violência, é muito difícil confiar em alguém, principalmente quando se trata dos filhos e, sobretudo, de mulher. Levá-la para o curso foi a maneira que busquei para mantê-la segura e poder terminar os estudos tranquila. Como se diz por aí, tentei “unir o útil ao agradável”. Ainda assim, tinha medo de perder a oportunidade, eu não sabia o que

poderia acontecer quando a coordenação do curso soubesse que eu iria estudar com uma criança, sim, meus planos para o futuro iriam por água abaixo. Tudo o que eu havia feito para ingressar no IF seria em vão, caso a instituição não permitisse criança em sala de aula, como inúmeras não permitem.

Para minha surpresa, todos os responsáveis pelo curso me apoiaram e me incentivaram a seguir em frente, independentemente de qualquer situação. Do primeiro dia até o ano em que estamos, exatamente há um ano e sete meses, vou ao curso sem falta todos os dias, de segunda a sexta-feira, e, às vezes, aos sábados. Eu e a minha pequena Emyly vamos sem reclamar, só agradecendo. Com orgulho do que estamos buscando para o nosso futuro juntas, caminhamos meia hora para chegar ao IF. Os desafios nos são postos, e não são poucos, mas o arriscar é a persistência dos fortes. Falta um ano e meio para o curso terminar, e sei que esse caminho não será em vão, o esforço valerá a pena, pois novas portas se abrirão, a partir da realização de um sonho, proporcionando a minha família o que há de melhor em termos de educação.

Em maio de 2019, finda o curso, mas já estou triste por saber que tudo que é bom acaba. Mas é assim que tem que ser, deve-se seguir em frente sempre. Ao longo dessa jornada, conheci ótimas pessoas, fiz novas amizades, passei por coisas boas e ruins. O importante é o conhecimento que adquirimos e as experiências da vida que nos tornam melhores cidadãos.

Escrevo essa história, que é parte da minha vida, em homenagem a minha filha, que entrou no IF com três anos de idade, em 2016, faltando alguns meses para completar quatro, e que agora, em 2017, neste mês de setembro, dia 28, completa mais um aniversário no IF, para honra e glória do Senhor Jesus, que tem nos protegido e guardado de todo o perigo e do mal de cada dia em nossa caminhada juntas. Agradeço a Deus por ter me enviado esse anjo, que tem me ajudado nas horas difíceis da minha vida. Sentadinha na sala de aula, sem saber, ela me dá a chance de terminar os meus estudos. Só tenho a agradecer, primeiramente, a Deus e, segundo, à família IFPB, por me dar essa imensa oportunidade. Deus abençoe o IFPB!

Eu quero! Eu posso!

Jaci da Cruz Nobre
Orientadores: Soraya Pereira Corrêa e Alexander da Silva
Machado
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha - Câmpus São Borja

Sempre participei da Semana Gastronômica do IFFar como convidada. Nunca perdi nada: oficinas, palestras, exposições e debates.

Em 2016, apresentei uma “ambrosia de forno”. Sendo eu uma mulher rural, fui questionada sobre a ambrosia ser de forno, o que não é nada tradicional na fronteira São Borja. Minha resposta convenceu a todos, pois expliquei que a mulher do campo se modernizou. Vejo por mim, faço parte de redes sociais, participo da vida na minha comunidade, não tenho tempo de ficar na beira do fogão mexendo uma ambrosia.

Saindo da apresentação, uma pessoa desconhecida pediu licença para sentar na nossa mesa e perguntou por que eu não fazia o Técnico em Cozinha- PROEJA. Minha resposta foi: “Não vou conseguir enfrentar a estrada todos os dias, principalmente nos dias chuvosos, chegar até a BR 278 não é fácil. É, sem estudar por quarenta e dois anos, não iria conseguir acompanhar, nem passar na seleção”.

Mas logo me veio o pensamento de Einstein: “O primeiro dever da inteligência é desconfiar de si mesma”. Foi uma luz... Meu esposo estava comigo, prontificou-se a me acompanhar todos os dias. Foi uma decisão consciente, assim como essa história, pois pensei muito se deveria e saberia escrever.

Fiz minha inscrição e fui selecionada. Com o PROEJA, aprendi a ver ao meu redor, percebi horizontes mais claros a serem vistos com mais dignidade e alegria. Essas coisas se tornaram imensamente importantes para uma pessoa simples como eu, dedicada à família.

Eu amo cozinhar, estou aprendendo muito e me superando. O que ontem era dificuldade vejo hoje como oportunidade e uma fonte de possibilidades.

Os atropelos na bancada em dia de cozinha, as dificuldades de saúde, inclusive, exigem de mim muita paciência para suportar e não desistir.

Apreendi que, com cuidado, posso realçar qualquer sabor, já sei usar os condimentos que acompanham harmonicamente um prato. O que mais gosto é o resgate das raízes culinárias, ao mesmo tempo as combinações e inovações na Cozinha Contemporânea, isso na História da Alimentação.

Independentemente do resultado deste texto, quero agradecer ao coordenador do Proeja e aos professores e colegas. Muitos adotei e por muitos fui adotada. Agradecimento muito especial dedicó a meu esposo e meus filhos, que, mesmo distantes, acompanham meu desenvolvimento, esse apoio é essencial para quem quer e precisa continuar.

Para mim, o Técnico em Cozinha - PROEJA do IFFar é feito de pessoas apaixonadas e apaixonantes, que fazem o possível e o impossível para que tenhamos mais conhecimento e, assim, vamos somando pequenas realizações.

Se temos alguma dúvida ou insegurança, nossos professores sempre estão prontos a nos ajudar e, juntos, sempre encontramos a melhor solução. O PROEJA mudou a forma de eu ver o mundo. Sempre ouvi dizer que não se deve acreditar em sonhos, mas estou vendo que o meu tem algo de verdadeiro.

Procuro agradecer a oportunidade que o IFFar, Técnico em Cozinha – PROEJA, está me oferecendo, participo de todos os eventos com total dedicação. Sei que amanhã saberei mais que hoje.

Aos sessenta e um anos, com filhos formados e marido aposentado, acredito que foi um bom momento para recomeçar.

Neste momento em que completa 10 anos, o PROEJA merece muita atenção dos governantes, principalmente das autoridades responsáveis pela educação.

O que esperar do futuro? Me formar e lançar meu livro de culinária e, quem sabe, de crônicas, e, nesse dia, as palmas serão para mim!!!! A vida nos oportuniza escolhas e eu escolhi a evolução.

Mudanças que os estudos fizeram em minha vida

Jackson Filipe da Silva Santos
Orientadora: Maria de Fátima Feitosa Amorim Gomes
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas - Câmpus Marechal Deodoro

Me chamo Jackson Filipe da Silva Santos, tenho 25 anos, sou filho de Antônio Fernandes e de Josefa da Graça, ele pescador e ela funcionária pública municipal. Moro no município de Marechal Deodoro, Estado de Alagoas.

Meus pais sempre incentivaram a mim e meus irmãos para estudarmos, sempre frequentamos escola pública. Em 2011 obtive uma das melhores oportunidades da minha vida, que nunca imaginei conseguir, pois, após tantas lutas e tentativas, consegui ter acesso a um ensino melhor, de qualidade, oferecido pelo IFAL, Instituto Federal de Alagoas, campus Marechal Deodoro.

O curso que eu iria começar a fazer era o de Técnico em Cozinha, oferecido através do PROEJA. Eu mal imaginava o que DEUS estaria preparando para mim.

No início, foi um pouco difícil, mas nada é impossível quando você quer vencer na vida. Um dos desafios foi a distância, pois moro um pouco distante da escola, no interior da cidade, na zona rural, e o curso era à noite.

Uma outra questão foi a adaptação no âmbito escolar. Lembro-me bem de uma aula que estava tendo com uma professora. Logo no início impliquei com ela, mas, com o passar de duas semanas, tudo correu bem. O tempo passou e certa vez me peguei, como agora, escrevendo uma ideia, alguns rabiscos foram saindo em uma folha de caderno, era um projeto onde eu queria que a escola pudesse ajudar a comunidade onde eu morava.

Quando eu mostrei a folha de caderno àquela professora já citada, ela ficou encantada, chegou a mostrar aqueles rabiscos para outros professores do campus e o projeto tornou-se real. Foram feitos os ajustes necessários e ele foi inscrito em um edital de extensão. Após a avaliação, foi aceito e posto em prática lá na associação de moradores da comunidade onde eu morava. Depois desse participei de projetos de

extensão todos os anos e de pesquisa com o PIBIC¹.

Outras oportunidades começaram a surgir até mesmo de sair do Estado para representar meu campus em um evento mundialmente conhecido: o Fórum Mundial de Educação, que foi realizado na cidade de Florianópolis. Fizemos uma oficina de gastronomia, com um prato chamado delícia de Alagoas. A sala estava cheia: professores do IFAL, pessoas de outros estados e até o reitor.

Com o incentivo de outros professores, participei de vários eventos fora de Alagoas, onde ganhei premiações, realizei oficinas, participei de concursos de publicação de receitas idealizadas por mim, realizados por empresas do ramo alimentício conhecidas no norte e nordeste.

Os anos passaram, com tudo isso adquirir experiência, as responsabilidades aumentaram, até em programas de TV fui convidado para participar, eu lá estava.

No final de 2014, concluí meu Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Cozinha, me formei e fui o orador da minha turma. Foi uma noite linda, muito especial, cheia de emoção, foi algo que eu jamais poderia imaginar.

Mas daí, a vida e DEUS nos ajudam e, logo que eu concluí o ensino médio, me inscrevi no ENEM e consegui obter nota para cursar o ensino superior em Gestão Ambiental. Este curso é oferecido pelo IFAL Campus Marechal Deodoro. Hoje estou cursando e está sendo outra realidade, é algo de grande importância em minha vida e na vida da minha família.

Outro momento marcante foi em um processo seletivo aberto pela Secretaria de Educação. Me inscrevi e fui selecionado para ser instrutor de artes em uma escola infantil do município, estou lá até hoje.

Tudo isso agradeço primeiramente a DEUS, segundo ao PROEJA do Campus Marechal Deodoro e à professora com quem lá no início tive um conflito, mas ela nunca desistiu de mim, sempre me incentivou e me mostrou verdadeiramente quem sou eu hoje.

1 Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

O silêncio da dor

Jamilê Vargas de Souza
Orientadora: Fabiana Cardoso Fidelis
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio
Grande do Sul - Câmpus Canoas



Anita é uma mulher amorosa e guerreira, apesar de sua trajetória de muito sofrimento e feridas abertas até hoje. Anita tem dois filhos, uma menina de treze do primeiro casamento e um menino de cinco do atual. Trabalha como doméstica e a noite faz faculdade. As pessoas que convivem com Anita não percebem o quanto sofrida foi sua vida, pois está sempre sorridente. Mas, lá no seu íntimo, guarda

a dor profunda de sua infância, dor essa que explica sua trajetória de muitos erros e tropeços até aqui.

Anita vivia em um lar muito conturbado, sua mãe era vítima de violência doméstica. Diversas vezes viu sua mãe apanhando de guaiaca. Só isso já bastaria para que ela fosse revoltada, triste e amargurada, mas era uma menina dócil, carinhosa e muito estudiosa. Com o passar dos anos, as sessões de espancamento em sua mãe foram diminuindo, mas as discussões e surras nela e em sua irmã mais velha não cessaram. Anita continuava sonhando que um dia tudo acabaria, que sua mãe iria se cansar e se separar de seu pai.

Em uma manhã de quarta-feira de 1995, sua irmã Gisele, de quinze anos, saiu para procurar emprego com sua amiga. Anita, que estava com onze anos de idade, ficou em casa com seu pai, pois estudava na parte da tarde. Seu pai estava desempregado pela milésima vez. Ela estava lavando a louça quando seu pai a chamou no quarto, onde estava deitado. Seu pai lhe pediu para sentar na cama. Ela obedeceu, pois tinha medo de contrariá-lo. Ele disse que iria ensinar-lhe o que fazer para agradar o namorado no dia em que tivesse um.

Neste momento, passaram milhões de coisas por sua

cabeça: “Isto era errado, pois ele era seu pai, isto não podia acontecer”. Ela gritava em silêncio, pedindo a Deus que aquilo fosse um pesadelo, mas não era. Ele a deitou na cama, tirou sua bermuda e calcinha, encostou seu pênis em sua vagina. Disse para não gritar, que ela iria gostar e que não contasse a ninguém. Ela estava em pânico, mas, sem reação alguma, só o que fazia era orar. Seu pai a largou, pois havia escutado a voz de Gisele, que voltou, pois tinha esquecido seu RG. Anita vestiu-se e saiu correndo para o banheiro antes que sua irmã a visse chorando. Chorou por horas no banheiro, se perguntando sobre o que ela haveria feito para provocar aquele ato do pai, se aquilo acontecia com todas as crianças, se sua irmã também passara por aquilo. Eram tantas dúvidas e, ao mesmo tempo em que se questionava, pedia a Deus para apagar tudo de sua memória e que lhe desse outro pai.

O tempo foi passando e Anita se transformava em uma menina revoltada e com muito medo. Nunca mais ficou a sós com o pai e à noite dormia com uma faca sob o travesseiro. Tentou diversas vezes contar a sua mãe, porém o medo e a vergonha a faziam desistir. Contara somente a Adriana, sua melhor amiga, que sempre a chamava para sua casa para não deixá-la sozinha.

Somente após terem se passado quatro anos, Anita teve coragem de contar para Jorge, namorado de sua mãe, que estava separada de seu pai há um ano. Ele ficou chocado, mas prometeu não contar a ninguém. Como era de esperar, Jorge contou para sua mãe. Ela abraçou Anita aos prantos e a questionou o porquê de ela não ter contado. Ela respondeu: “Medo, vergonha e tristeza; medo dele, medo de você me odiar, vergonha do que iriam pensar de mim e uma tristeza profunda por nunca ter tido um pai de verdade”.

Hoje Anita pode ser considerada uma vitoriosa, pois passar tudo o que passou lhe deixou muitas marcas e traumas. Muitas de suas atitudes perante as decisões e escolhas que teve ao longo dos anos foram reflexos desta quarta-feira tão marcante em sua vida. O pai de Anita atualmente mora longe. Ela o vê mais ou menos de dois em dois anos. Já o perdoou e o ódio que um dia sentira por ele se foi, porém não confia mais nele. Se perguntarem a Anita qual o sentimento que tem pelo seu pai, quatro letras apenas definirão tal sentimento: “PENA”.

O recomeço

Josete Florêncio Cavalcante
Orientadora: Maria de Fátima Feitosa Amorim Gomes
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Alagoas
Campus Marechal Deodoro

A minha volta às aulas foi um pouco demorada. Quando deixei de estudar, por força maior, tinha 18 anos. Tive que trabalhar desde cedo em casa de família. Quando retornei à sala de aula, já estava com 38 anos, mas acabei desistindo novamente, não estava mais conseguindo aprender.

Foi quando surgiu essa oportunidade de voltar a estudar e ainda ter uma profissão. Minha sobrinha me inscreveu e me falou que os cursos do PROEJA são muito importantes para aquelas pessoas que não terminaram os estudos e que querem ter uma profissão. Como ela sabia, eu sempre gostei de cozinhar, juntaria o útil ao agradável, o que seria uma oportunidade única para mim.

No início foi bem difícil, tinha matéria que eu já tinha esquecido, mas depois foi tudo melhorando. Comecei a entender as matérias, todos os professores são excelentes. Então fui melhorando, já participei de projeto de extensão, já participei de workshop de gastronomia, enfim, já estou no quinto módulo do Curso Técnico em Cozinha e até agora não perdi nenhuma matéria.

Estou muito feliz. Os coordenadores dão a maior força, não só eles mas também o monitor, por quem tenho o maior carinho. Sempre que tem um evento no IFAL, ele me convida para fazer parte, só tenho que agradecer a ele. Se eu for falar tudo que estou vivendo e já vivi nesses quase três anos de curso, teria que escrever um livro, pois são muitas alegrias e aprendizagem, partilha e troca de conhecimento em algumas coisas em que já tenho experiência como empregada doméstica, uma profissão que tenho muito orgulho.

O PROEJA é o melhor curso para restaurar o tempo perdido. Hoje estou recuperando a minha vida e agora trouxe o meu filho para cá, porque é uma oportunidade para ele ter uma profissão e esse programa é maravilhoso para quem quer ter uma oportunidade de trabalho.

O meu filho está começando agora, ele veio através de mim, ele está desempregado há quase dois anos, desde que

saiu do exército, e, de lá para cá, não conseguiu nenhum emprego. Pensando nisso, falei com ele sobre o curso e chegamos à conclusão de que era melhor ele voltar a estudar. Ele não pensou muito e aceitou na hora. Fiquei muito feliz e tenho certeza que tudo dará certo, tanto para mim quanto para ele. Só tenho a agradecer a oportunidade que estão dando a mim e ao meu filho.

Também tenho um sonho, que é conseguir um trabalho fixo. Quando isso acontecer, eu vou entregar o meu cartão do bolsa família, que está bloqueado há quase um ano, mas, mesmo assim, eu devolverei. Direi para eles que não preciso mais, que passem para outra pessoa.

Nesses anos de curso, aprendi muito e estou aprendendo. Cada dia é uma aula diferente, gosto de todas, mas as que eu mais gosto são as aulas práticas de culinária, é cada uma melhor que a outra. Sem falar nas visitas técnicas... Ah! Quanta alegria que eu sinto aprendendo coisas novas. Por fim, sou muito grata a todos por me darem essa oportunidade depois de tantos anos sem estudar, mas agora chegou a minha vez.

Vou aproveitar tudo com muito carinho e atenção, só tenho que agradecer a todos que fazem parte desse grupo do PROEJA. MUITÍSSIMO obrigada e continuem proporcionando e realizando sonhos de todos que buscam dias melhores assim como eu.

Eu me chamo Josete Florêncio Cavalcante, tenho 46 anos e sou aluna do PROEJA no IFAL. Que Deus abençoe a todos.

Ser artista

Jusciléia Oliveira da Silva
Orientadora: Ana Cristina Santos Limeira
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Alagoas
Campus Maceió

Desde a minha infância
sonhava em ser artista,
quando me perguntavam
eu pronta dava uma pista

Sempre me colocavam pra baixo
dizendo, isto não pode ser
a arte não sustenta ninguém
Isso não é pra você!

Logo que ouvia,
entendia bem o conceito,
naquela cidade pequena
Cheia de preconceitos

Crescia sem esperança
arte podia servir,
mas numa depressão
a pintura me chegou a sorrir

Fui buscar em outros meios
o sustento da vida
rejeitei a minha historia
minha infância querida

Nesse desalento, sem visão a seguir
o PROEJA chegou como presente
conheci pessoas bondosas,
quando eu estava descrente

Acreditei em mim
passei a dar valor
naquilo que sempre estive comigo
nunca me abandonou

Hoje multiplico a arte
Cada lugar que vou
Já é uma profissão
Um ato de amor.

O PROEJA mudou a minha vida

Lafaiete Ferreira Oliveira
Orientadora: Maria Célia Ribeiro da Silva
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia da Paraíba
Campus Campina Grande

Minha família sempre teve uma condição humilde e a única opção era começar cedo no trabalho, para ajudar meus pais a colocar comida na mesa. Muitas foram as dificuldades para estudar, pois apareciam o cansaço e a falta de estímulo, já que meus pais também tinham este pensamento: de que trabalhar era a prioridade e, na época, não exigiam de mim e dos meus irmãos que fôssemos até o fim dos nossos estudos. Com o tempo as coisas foram mudando, as condições financeiras melhorando e meus irmãos mais novos tiveram outros privilégios, conseguindo terminar seus estudos, fazer cursinhos e ingressar bem no mercado de trabalho. No meu caso, continuei sempre trabalhando, entrei no mercado de trabalho informal muito cedo. Logo que completei os 18 anos, consegui o meu emprego graças ao conhecimento do meu pai, que me levou para trabalhar com ele numa emissora de rádio, em que trabalha até hoje. Foram três anos trabalhando nesta rádio, mas as dificuldades de deslocamento, por ser em outra cidade, fizeram com que eu preferisse procurar algo melhor na minha cidade, e, com isso, os estudos sempre foram deixados de lado. Quando voltei para Campina Grande, resolvi fazer um supletivo para terminar o ensino fundamental e iniciar o ensino médio, pois o mercado de trabalho está muito competitivo e sem um bom currículo e conhecimento não tem como competir nesse setor.

Foram 12 anos sem estudar, até saber do PROEJA, momento em que conheci professores maravilhosos que me incentivaram a buscar novos projetos para a minha vida em relação aos estudos. Professor Elias Almeida e professora So-

nia sempre reforçaram este sentimento de conquistar algo melhor para mim e para meus colegas de sala, para que não parássemos apenas ali, no ensino fundamental e médio. E foi graças à ajuda destes professores da Educação Básica que veio o incentivo para procurar o IFPB para a conclusão dos estudos e, consequentemente, para buscar um curso técnico que me colocasse no mercado de trabalho com melhores condições do que antes. E, para minha satisfação, o curso técnico era de Administração, área que já faz parte da minha vida, pois tenho uma microempresa para administrar. Graças a esse curso técnico, estou me aperfeiçoando e fazendo com que minha empresa cresça junto comigo.

Hoje estou nesta instituição de ensino graças ao PRO-EJA e a estes professores que com muito carinho não desistiram de nós e conseguiram fazer com que nós também não desistíssemos de alçar voos maiores em busca de nossos sonhos. Antes mesmo de procurar o IFPB para fazer a inscrição para a seletiva, a coordenadora do curso, France, esteve em nosso colégio para divulgação do curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio (modalidade Proeja), e foi neste momento que vi de perto este sonho com a possibilidade de se concretizar. Ouvi atenciosamente a simpática coordenadora falar sobre a oportunidade que estava em nossa frente, de nos tornarmos técnicos em Administração, preparados por uma das melhores instituições de ensino do nosso país.

Hoje posso agradecer a Deus por esta vitória, que com certeza mudou e continuará mudando a minha vida. Observando hoje esta oportunidade de cursar administração, vejo o quanto perdi tempo na minha vida. Voltar a estudar, depois de tanto tempo, é sacrificante, por conta de outros compromissos, como trabalho e família, mas ao mesmo tempo é muito gratificante ver pessoas próximas orgulhosas, por me verem nesta batalha, incentivando a continuar no caminho. A parte mais difícil é ver o sofrimento dos meus filhos ao me ver sair de casa, à noite, para estudar, depois de passar o dia inteiro longe deles, trabalhando. Com certeza, não é fácil para crianças de dois anos e meio e quatro anos entender que essa ausência é para conquistar melhorias para eles mesmos.

Aperfeiçoar-me na minha área profissional, adquirir conhecimento, ter um currículo melhor, dentre outros benefícios, representam tudo, pelo amor que tenho aos meus filhos. Antes de ser pai, eu não tinha este interesse de crescer

como profissional, certamente eles são meu combustível para continuar nessa caminhada e realizar outros sonhos que vieram a existir depois deste recomeço nos estudos. De fato, o PROEJA mudou a minha vida.

História da minha vida

Lucas Candido dos Reis Silva
Orientadores: Josiane Santiago de Lima, Karen Guimarães
Cordeiro e Tiago Alquaz Matias
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Mato Grosso
Campus Campo Novo do Parecis

Sou de uma família humilde, mas honesta e trabalhadora. Meu pai se chama Antônio e minha mãe se chama Alderina. Éramos sete irmãos, porém um nosso senhor levou. Quando eu tinha seis anos de idade, morávamos em um pequeno sítio cedido por meu avô por parte de pai. Ali cultivávamos mandioca para fabricação de farinha e polvilho, de onde tirávamos nosso sustento. Porém, como a comunidade era pequena, chegou uma fase que não conseguíamos mais vender nossa produção. Foi quando meu pai começou a sair pelas redondezas à procura de serviço como fazer cercas, currais, roça, pastos, etc. Como ele bebia muito, quando não conseguia nenhum serviço, passava na casa de meu avô, que possuía uma pequena fábrica de cachaça, um alambique. Assim, várias vezes o vi chegar em casa bêbado e quem sofria as consequências era minha mãe, que, por várias e várias vezes, apanhava, isso se repetiu por muito tempo. Um dia, meu pai resolveu procurar outro lugar para morar e, assim, mudamos para Apiacás MT, em 1986. Eu tinha 7 anos e nunca havia frequentado a escola. Porém, a cidade não tinha estrutura nenhuma, era de difícil acesso. Chegamos a ficar seis meses isolados na cidade, porque a chuva alagou todas as estradas, só saía de lá quem tinha condições de fretar aviões. Meu pai enfrentava o garimpo fazendo fretes com a sua velha picape, chegando a ficar 30 dias sem dar notícias. Minha mãe, enquanto isso, cuidava dos seis filhos, lavava roupas para nos sustentar e, por ser uma época muito violenta nas regiões de garimpo, vivia naquela aflição de não saber se meu pai estava vivo ou morto.

Quando fiz 8 anos, comecei a trabalhar. Vendi picolé, geladinho, guardanapos de cozinha, depois virei engraxate. Essa luta durou uns três anos. Estávamos nos estabilizando, mas meu pai resolveu mudar para Peixoto do Azevedo MT. Mudamos e mudamos de novo. Chegou uma época que minha mãe não conseguiu mais acompanhar e decidiu se separar. Separou-se de meu pai carregando eu e meus irmãos para Cuiabá. Mas, na capital, sem profissão, sem um lugar para morar, a situação ficou bem pior. Quando eu estava com 11 anos, na segunda série, um fazendeiro, que era conhecido nosso, passou em minha casa e me perguntou se eu não queria ir morar com ele em sua fazenda. Não pensei duas vezes. Sei que mãe nenhuma gosta de se separar de seu filho, mas a situação do momento era difícil, para mim foi a melhor opção. Fui morar com esse fazendeiro e visitava minha casa de 6 em 6 meses. Quando visitava, trazia arroz, banha de porco, carne de porco, ajudava no que podia. Fiquei três anos nessa fazenda, onde, graças a Deus, eu aprendi a trabalhar e as portas se abriram para mim.

Com 16 anos, comecei a trabalhar em outra fazenda, já recebendo salário. Fiquei nela por cinco anos e, nessa fazenda, fiquei noivo. Como a fazenda era pequena, não havia muitas oportunidades, foi quando resolvi procurar serviço em outra região. Fui para Campo Verde MT, entrei em uma fazenda que plantava soja, algodão e milho. Ali as oportunidades apareceram e, depois de um ano e meio nessa fazenda, surgiu uma vaga de coordenador de campo. Porém, para que eu assumisse essa vaga, teria que usar e-mail para me comunicar com os patrões. Eu me sentia desconfortável, então resolvi estudar. Descobri que existia a EJA em uma escola a 12 quilômetros da fazenda, me matriculei, fui eliminando as matérias até chegar à quinta série. Esse período foi difícil, pois chegava à meia noite e meia, mas senti que devia continuar estudando. Fiquei nessa escola até terminar o segundo ano do ensino médio. Então ocorreram uns problemas com a empresa, e tive que sair.

Fiquei mais dois anos sem estudar e comecei a trabalhar na empresa que estou atualmente em Campo Novo do Parecis, MT, a qual é muito longe das escolas. Após um ano de trabalho, fui transferido para Bahia e lá consegui concluir o segundo grau. Depois fui transferido novamente para Campo Novo do Parecis. Mas a vontade de estudar não acabou. Com

as idas e vindas, conversando com uma colega que estava fazendo estágio na empresa, descobri que no IFMT – Campus Campo Novo do Parecis estava ocorrendo uma inscrição para curso Técnico em Administração. Não pensei duas vezes e aqui estou hoje, construindo o meu futuro.

Quem almeja e deseja, um dia começou no
PROEJA

Lucas Eduardo Carlos Cravo
Orientadora: Elayne Hiromi Kanashiro Tavares
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo Câmpus Cubatão



Quando o conhecimento que você almeja se concentra no PROEJA, mas a língua que você compreende não! O que fazer?!

Ir atrás de quem pudesse esclarecer todo o conhecimento que o IFSP – Campus Cubatão me proporcionava, e meus olhos se alimentavam daquilo, do movimento dos lábios e das expressões faciais e corporais. Uma incógnita se criava em minha mente. Passei o ensino fundamental I com muitas dúvidas, e, no ensino fundamental II, eu e muitos amigos na mesma condição minha conseguimos abrir nossos olhos, já tão abertos, para um mundo novo que figurava nas mãos daquelas que chamariam de Intérprete de Libras Educacional.

Em meu IFSP, houve intérprete de Libras, o que me ajudava na compreensão e expressão do mundo ao meu redor. Em 2012, eu entrei no PROEJA noturno. No primeiro ano, tive dois tradutores-intérpretes de Libras, então foi um ano tranquilo. Só que tive uma pequena dificuldade na disciplina da Física porque as provas eram só escritas. Então, como eu sabia bem o português, consegui ir bem de forma superficial, mas meus colegas surdos tiveram mais dificuldades porque sabiam menos português do que eu. E, no segundo ano, teve troca de reitor, o que nos afetou diretamente, porque não tinha mais tradutor-intérprete e tivemos que lutar

bastante para contratar novo tradutor...

Demorou uns oito meses para contratarem. Nesse período sem tradutor-intérprete, tivemos maiores dificuldades. Eu tive que assumir o papel de intérprete para ajudar os meus colegas surdos, porque eu conseguia ouvir melhor o que os professores falavam. Mas a aula de história era impossível de interpretar porque ele só contava histórias bem longas... era bem cansativo! Na aula de Física, piorou! Isso que me fez correr atrás da Elayne Kanashiro, que na época não era tradutora-intérprete no IFSP, mas, sim, da prefeitura de Santos. A Elayne, desde 2015, se tornou professora de Libras do IFSP – câmpus Cubatão, mas, em 2013, época sem intérpretes, eu ia à casa dela para que me ajudasse a entender melhor a leitura da apostila da Física. Infelizmente, eu não consegui passar na disciplina de Física do professor Elifas Levi, por falta de entendimento nas aulas dele devido à fala dele, que era muito baixa, prejudicou-me a compreensão. Aliás, o sinal dele acabou se tornando até hoje “boca pequena”. Na Língua Brasileira de Sinais, nós surdos criamos um sinal para as pessoas, faz parte de nossa cultura. Esse sinal pode ser uma mania, um gesto que se repete, uma característica física, algo que marque, de preferência pela experiência visual.

Em outras disciplinas, professores procuravam nos ajudar e consegui ir bem pelo menos. Então, concluindo, o segundo ano foi mais difícil que o primeiro por esses motivos que me barraram a aprendizagem dentro de sala de aula. Não foi eu não ouvir, mas a barreira linguística trouxe outras barreiras, a comportamental e atitudinal.

Cá estou eu, sempre estudando e escrevendo minha trajetória. Olha um tema de Física aí! Percurso e trajetória, Velocidade média... E foi assim, por nossa causa, que o IFSP Cubatão desenvolveu, com a parceria do professor Elifas Levi, que era um teimoso por não entender a Cultura e Identidade Surda, mas que passou a ser o maior incentivador daqueles que não ouvem, e da professora de Libras, Elayne Kanashiro, juntamente com os surdos, que têm a chance de um ensino de qualidade no IFSP, um processo avaliativo pensado para a Experiência Visual do Surdo, além do Banco de Dados Colabora, no qual os vídeo-Libras estão na nuvem à disposição daqueles que queiram usá-los.

Felizmente, consegui concluir o ensino médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA do PROEJA

do IFSP – Campus Cubatão. Com o ensino que adquiri, com força de vontade de sempre aprender, enfrentando as barreiras já aqui mencionadas, posso, com orgulho surdo, dizer tanto oralmente, mas com determinação em minhas mãos, que passei no vestibular da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM-RS. Mesmo tendo o processo educacional do surdo nos deixado em defasagem quanto à metodologia tradicionalista ouvinte, posso dizer que o conhecimento adquirido, os amigos alunos, os professores e a comunidade escolar marcaram minha identidade surda no IFSP na minha época no PROEJA.

Voltei

Márcia Regina Ferreira e Silva
Orientadoras: Miriam Gomes de Freitas e Roberta Calvano
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais -
Campus Juiz de Fora

Aos quinze anos, parei de estudar, completando assim o que se chamava na época de curso ginásial, que hoje é o Ensino Fundamental. Naquele tempo, eu já trabalhava há dois anos em uma indústria e pensava que estava bom, que eu não precisava estudar mais, vivendo assim no conformismo. Então fiquei naquela rotina de trabalho até vinte dois anos, foi quando me casei. Logo depois vieram os filhos um atrás do outro (quatro lindos filhos!) e eu ainda estava somente com vinte e nove anos.

Meu esposo e eu lutamos muito para criar nossos filhos, pois nós os víamos como quatro bênçãos de Deus, mas que demandavam muitos cuidados. Todos os quatro começaram a estudar bem cedo. Aos vinte e três anos de idade, as meninas ingressaram na Faculdade, uma em Engenharia Civil e a outra em Jornalismo. Quanto aos meninos, um seguiu a carreira do pai, que é militar músico, e o outro é um micro empresário no ramo de concertinas, portanto os dois completaram o Ensino Médio.

Após meus filhos terem finalizado importantes etapas em seus estudos e sido encaminhados às profissões que escolheram, iniciei algumas profundas reflexões sobre mim mes-

ma, e, diante do sucesso dos meus filhos, eu me vi como uma deficiente na educação. Aos 55 anos fui perceber o quanto era importante estudar para crescer nos conhecimentos da vida. Ver meus filhos graduados foi muito importante. Sentí que era minha hora de voltar a estudar, mas tinha medo de não dar conta, pois haviam se passado trinta e sete anos. Porém, ao mesmo tempo, estava com muita vontade de aprender novamente o verdadeiro significado do saber, porque, para adquirir a sabedoria do conhecimento, tinha que estudar. Foi então que, em 2014, fiz as provas do ENEM para me certificar da capacidade de meu aprendizado (do que havia, na verdade, restado na mente) e, para minha surpresa, eu não zerei nenhuma das provas. Esta foi a minha luz no fim do túnel! Assim, fui em frente, organizei meus documentos e me matriculei em 2015 no curso técnico de Secretariado na modalidade PROEJA, oferecido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, Campus Juiz de Fora, sendo, portanto, contemplada com uma vaga para o curso desejado. Dessa forma, concluiria o Ensino Médio e também teria uma formação técnica em Secretariado.

Assim aconteceu. Ingressei nesse curso e prossegui. Hoje estou no terceiro ano e tenho a pretensão de pleitear uma vaga em um curso superior. Nesse caminho escolhido, não há mais que retroceder nem estagnar. Quando nos abrimos para o conhecimento, muitas coisas positivas acontecem e passamos por mudanças muito importantes que nos transformam aos poucos e para sempre.

Nesse percurso todo, tive o apoio total de meu marido e dos meus filhos, genros e nora, e até mesmo minha netinha já chegou a me trazer à escola. Sem esse incentivo da família, talvez essa história fosse outra bem diferente da que aqui escrevo agora. Por isso, agradeço a cada um deles pela paciência e pelas vibrações positivas nos momentos de dificuldade inerentes ao percurso.

Além da família, o apoio e incentivo vieram também por parte dos professores do curso que demonstraram paciência e muito interesse em contribuir nesse processo de aprendizagem pelo qual estou passando agora. Assim, essa conquista compartilhada com familiares e professores tem se tornado uma realidade durante esses quase três anos de estudo. Talvez eu devesse ter iniciado esse ciclo há mais tempo, porém nunca é tarde para recomeçar. O recomeço é um mo-

mento para aprender e agradecer às dádivas que Deus proporciona a nossa vida.

Não existe tempo perdido

Maria Cristina Vieira
Orientadora :Jaqueline Rosa da Cunha
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Rio Grande do Sul -
Campus Porto Alegre

Quando tinha oito anos, tivemos uma perda muito grande na família. Meu pai, que era o nosso protetor, morreu em um acidente de trabalho. Minha mãe, que foi criada para servir o marido, cuidar dos quatro filhos e da casa, ao saber do acidente e falecimento por uma notícia de rádio, ficou sem chão, pois ele era tudo na vida dela e na nossa também.

Passamos por muitas dificuldades. Minha mãe, sem saber do mundo que tinha fora do lar, fechou-se cada vez mais dentro de casa. Então, quando completei 15 anos, tive que trabalhar. Eu não tinha outra opção, pois estudar não ajudaria nas despesas da casa. Passados mais uns anos, me casei e tive dois filhos. Nos meus sonhos, sempre quis estudar. Mas, com algumas dificuldades, coloquei os filhos em primeiro lugar.

Minha filha mais velha um dia chegou em casa muito feliz, pois tinha sido aprovada no curso técnico de secretariado do Instituto Federal Campus Porto Alegre. Eu, mãe-coruja, dei a maior força e sempre a incentivei. Ela, sempre me dizendo: “- Mãe, tu sempre quis estudar, está aí a tua chance.” Um dia, parei na frente do Câmpus, pois ali era o final da linha de nosso ônibus. Fiquei encantada com aqueles alunos entrando no prédio, sorrindo e trocando informações. Decidi entrar e me inscrever. Confesso que sempre tive medo, pois, como fiquei muitos anos sem estudar, achei que jamais conseguiria. Na primeira seleção, não fui feliz, não fui escolhida. Então, disse à minha filha: “-Te disse, meu tempo acabou. Não terei chance.” Um dia, ela chegou em casa e me disse: “- Te inscrevi, mãe, dessa vez tu consegue!” Na semana seguinte, saiu a relação dos sorteados, eis lá meu nome, quanta alegria! Enfim, hoje estou no quinto semestre de Administração (PRO-EJA) e, definitivamente, sou outra pessoa, pois, além dos co-

nhecimentos adquiridos, me transformei em um ser humano melhor, com mais facilidade de me relacionar, de expor as minhas opiniões com mais firmeza e de ver as coisas que me cercam com outros olhos. Vejo que hoje sou uma pessoa mais justa e com vontade ainda de estudar mais.

Minha vida em versos

Maria da Consolação Toledo Costa
Orientadora: Rosa Amélia Pereira da Silva
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Brasília
Campus Taguatinga

Meu nome é Consola
E vou contar a minha história
Pois foi o que pediram na escola!
Depois de uma oficina de cordel,
Ficou mais difícil escrever
Os versos têm que ser em sextilha.

Chegamos a Brasília,
Vindos de Minas Gerais,
Eu, meus irmãos e meus pais.
Vim toda inocente e alegre,
Não sabia de nada,
Da dificuldade dos meus pais.

De família muito pobre,
Pai carpinteiro mãe do lar,
Comi muito angu e mingau de couve.
Era o que se podia comprar.
No domingo tinha um franguinho,
Não podia faltar.

A missa das sete era obrigada
Não tinha como faltar,
Nem mesmo com o pé furado.
Era onde a família passeava
E notícias recebiam na cidade
Jesus do céu espiava,

E tudo era pecado.

A escola era difícil,
O uniforme era obrigado
Camisa branca, saia pregueada.
O medo ali imperava
Era tanto o respeito
Que eu nem falava.

As brincadeiras que brincava
Era de roda, pique- esconde,
Amarelinha, corre-cutia
Não gostava de brincar era de casinha.
Mas tudo era controlado
Minha madrinha vigiava do outro lado,
Às sete horas as brincadeiras acabavam.

Fui crescendo e as brincadeiras deixando,
Com 11 anos dos irmãos cuidando.
Queria muito brincar,
Mas tinha que cuidar do almoço e do jantar
Lavar roupa e meus irmãos banhar.
E os anos foram passando,
E as coisas pra trás ficando.

Já na adolescência, no colegial,
A escola nada mudou,
Ainda muda estou,
O medo me impedia
De expressar, de amigo arrumar.
Era muito seletiva,
Com problema de autoestima.

Aos 16 anos, acompanhando minha prima,
Tive que fazer datilografia,
Como era chata a repetição!
Meus dedos doíam de montão
Pois rápida devia ser,
Foi como aprendi uma profissão.

Meu primeiro emprego,

Aprendi que rápida não precisava ser.
Ficava imaginando
Se pra rasgar papel velho,
Tinha que ter o segundo grau.
E a rapidez da datilografia
De nada me servia.

Casada aos dezenove anos,
Dois filhos eu criei.
O marido pulando cerca,
Os cuidados todos por mim eram feitos.
Muitas separações e muitas voltas
Pois sempre eu abria a porta.

Minha mãe sempre dizia:
“ruim com ele, pior sem ele”.
E os anos foram passando,
Filhos estudando, e eu trabalhando.
Eram duas jornadas cansativas
Mas tudo isso foi superado.

Em 1978, minha primeira greve.
Fui pra rua com tudo,
A trincheira eu cavei.
Gritava “Aparecido cachacinha”,
Pois o homem, governador,
Era dado a uma cachaça
Não cuidava do estado
E de todas as greves eu participava.

Aos 52, fui amenizando,
Pois estava perto de aposentar.
Aos 54, a aposentadoria aconteceu
Aos 55 conheci a RESF¹
E outra chama se acendeu
Outra bandeira de luta apareceu.

Viajando para o Sul,
Para fazer formação,
Vejo as bandeiras feministas
E sinto um aperto no coração.

1 RESF – Rede De Economia Solidária Feminista

Tudo que nós pedimos
Tem reflexo na educação.

Aprendi a dizer não.
Não vou mais cuidar de tudo sozinha,
Pois sozinha não sou obrigada.
E assim vou crescendo,
No PROEJA aprendendo.
E me empoderando mais.

Termino meu cordel.
Sei que falta muita história,
Afinal, passei pela ditadura,
Quando não se falava na escola.
A vida, agora, tem outro sentido,
No PROEJA,
Está voltando toda a memória.

Nunca desista dos seus sonhos

Maria de Fátima Soares Coelho

Orientadores: Heloiza Carneiro Barreto, Julio Cesar Campos Ferreira e Francisca Bivania de Araujo Lins
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - Câmpus Sousa



Eu, Maria de Fatima Soares Coelho, aluna do Curso Técnico de Agroindústria do Instituto Federal da Paraíba, aluna do Curso Técnico de Agroindústria do Instituto Federal da Paraíba na modalidade PROEJA venho, através destes escritos, relatar algumas experiências vivenciadas ao longo do período de discência.

No que diz respeito a minha relação com o IFPB, posso definir como uma experiência muito proveitosa que me motivou a buscar novos horizontes pois no IF encontrei apoio de muitas pessoas embora, também por conta da idade, tenha sido vítima de alguns preconceitos. Voltar à vida escolar depois de muitos anos não é algo fácil de encarar, as dificuldades são presentes e muitas vezes isso faz com que as pessoas desistam de buscar seus objetivos.

Alguns professores que têm uma visão ampla sobre a prática de ensino entendem essas dificuldades e buscam de alguma forma incentivar os alunos a persistirem, a não desistirem no meio do caminho. Contudo, não são todos, posso citar como referência uma experiência que vivi na qual certo professor, me fez o seguinte questionamento: “você está aqui só para passar o tempo?”, o mesmo perguntou isso por julgar desnecessário uma pessoa na minha idade estar enfrentando as dificuldades de uma sala de aula. Para ele, uma pessoa madura não apresenta mais proveito para sociedade. Sabemos que podemos ainda contribuir muito com o desenvolvimento da sociedade. O ser humano está constantemente em construção e é através da educação que podemos fazer a diferen-

ça, independentemente da idade que tenhamos. O questionamento do professor me deixou surpresa, pois como aluna eu esperava receber motivação. Ao contrário, me deparei com um docente que tinha uma visão atrasada sobre a importância da educação na modalidade adulta. Minha resposta quanto a esse questionamento foi que, diferentemente do que ele pensava, eu tinha muitos afazeres em casa, estar ali era difícil para mim, mas tinha decidido romper as dificuldades em busca de um bem maior que era o de adquirir conhecimentos. Esta situação foi uma injeção de ânimo para mim, pois quando pensava em desistir, lembrava que minha responsabilidade de mostrar para a sociedade a importância da educação era maior. Assim, fui construindo meu castelo de sonhos.

Como aluna do Curso Técnico em Agroindústria aprendi muito sobre a área da indústria alimentícia, a higienização na produção de alimentos, como procurar um produto de qualidade no mercado, como fazer para conservar os alimentos e, o mais importante, aprendi a importância de ter uma alimentação saudável no dia a dia, muitas vezes reaproveitando alimentos ricos em vitaminas, fibras e proteínas que outrora eram descartados e jogados no lixo.

Com o conhecimento adquirido, pude mudar não só a minha alimentação, mas também a da minha família, pois muitos alimentos que outrora comprava, passei a produzir de forma mais saudável. Isso também ajudou na minha vida financeira, pois pude economizar na compra de alimentos além de trazer um alimento mais saudável para minha mesa. Como disse Hipócrates, o pai da medicina, “O nosso alimento é o nosso remédio e o nosso remédio é o nosso alimento”.

Por fim, posso dizer que o curso abriu muitas portas para mim, pois desenvolvo os meus trabalhos com maior qualificação e hoje, não só vivencio, mas propago a importância da educação na vida de uma pessoa e como o Curso de Agroindústria na modalidade Educação de Jovens e Adultos, pode colaborar com o meu crescimento.

Diante do que foi exposto, posso dizer que as minhas perspectivas para o futuro são as melhores. Não pretendo mais parar na minha vida estudantil, e o que aprendi tenho intenção de repassar, pois o conhecimento não é algo estagnado e o ser humano está em constante evolução. Tenho intenção de contribuir com o meu trabalho e de ser útil para sociedade. Exercer minha função como ser ativo é o que que-

ro e, tudo o que aprendi no curso será a base para esse novo começo. Diante de todo esse percurso ao longo desses três anos afirmando que apesar das dificuldades enfrentadas, valeu a pena perseverar e “Se chorei ou se sorri, o importante é que concluí o Curso Técnico em Agroindústria PROEJA e venci”.

Esta é minha história e ela merece ser contada

Maria de Lourdes Borges Spadotto
Formada em 2016/02

Orientadora: Vanessa Pires
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - Câmpus Sapucaia do Sul

Aos sete anos cortaram meu cordão umbilical. Eu, que até então dormia na mesma cama com mamãe e tinha um medo enorme que ela morresse e me deixasse! Eu às vezes pensava, “se ela morrer vou deitar dentro do caixão e me vou com ela.”

Essas lembranças são muito vivas na minha memória, tal qual a imagem que tenho gravada do dia que ela me levou até a casa da família para a qual ela prestava serviços domésticos, e só chegando lá ela me explicou que eu ia ficar morando com eles, moraria naquela casa para fazer companhia a uma criança de um ano, filho do casal.

Eu ouvi sem entender muito bem e quando minha mãe saiu se encaminhando pra casa, me bateu um desespero tão grande que, sem pensar, saí rua a fora correndo atrás dela. Quando alcancei minha mãe, ela pegou em meus ombros me disse algo que não lembro exatamente o que era, mas imagino que as palavras que ela me disse me fizeram entender que eu deveria ficar lá. Tomou-me pela mão e levou-me até a casa e lá eu fiquei.

Era uma família muito boa, ela se chama Rute e está viva até hoje. Eu era tão criança que ela tinha que me dar banho.

Daí então imagina como se deu minha história de lá pra cá. Passei a morar com tios, fui doméstica e nunca mais morei com minha mãe. Aos dezessete anos abandonei os es-

tudos, sempre trabalhando e ajudando minha mãe e meus irmãos.

Aos dezoito anos fui mãe de uma princesa, sozinha enfrentei, lutei e sobrevivi. Sempre encontrando pessoas boas pelo meu trajeto. Aos vinte e cinco anos me casei e aos vinte e seis tive outra filha, mas sempre pensando que gostaria de voltar a estudar. Sempre trabalhando e sobrevivendo dia a dia.

Aos trinta e oito anos fui avó, e a minha história se repetiu: minha filha tinha dezoito anos e também parou de estudar.

Com o passar dos anos, meu sonho de voltar a estudar parecia cada vez mais distante, até que um dia meu neto, já com dezesseis anos, estudante do IFSUL Câmpus Sapucaia do Sul, comentou com minha filha a respeito do PROEJA.

Vendo que na época eu passava por maus momentos estava com muitos problemas pessoais e no trabalho encontrava-me em meio a uma depressão e desanimada com tudo e todos, minha filha então, praticamente me obrigou a ir até o IFSUL.

Ela me convenceu, fizemos a inscrição, a redação, a entrega dos documentos e o tão esperado primeiro dia de aula chegou. Foram tantas coisas aprendidas, tanto conhecimento compartilhado, muitas descobertas e cultura adquirida.

No IFSUL obtive o conhecimento que a vida não me permitiu, e conheci o real significado da frase “Nunca é tarde para aprender”. Esses três anos me fizeram gostar de aprender, de ver o quão importante é ter conhecimento. Gostaria de citar o empenho dos professores que de uma maneira ou outra fizeram a diferença em minha vida.

Hoje meu sentimento é só gratidão e vontade de lutar para que mais pessoas como eu venham a ter essa oportunidade.

Meu momento

Maria Inês de Oliveira Nascimento
Orientadores: Miriam Gomes de Freitas e Roberta Calvano
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais -
Campus Juiz de Fora/MG

Após trinta e dois anos afastada do ambiente escolar, decidi pensar em mim um pouco e retornei aos estudos. Mesmo com os afazeres em casa, com o trabalho autônomo que exige muito de mim - pois se não trabalho e não me empenho, não recebo -, eu tomei a decisão de estudar após o incentivo de uma das minhas clientes.

Sou mãe, esposa e sou também o pilar da família. Meu esposo faz uso de bebidas alcoólicas e não contribui com a renda da família. Portanto, as coisas ficam um pouco mais difíceis para mim, pois todos os dias saio para o trabalho e à noite vou para a escola tentar melhorar minha vida.

Depois de todos esses anos sem estudar, meu retorno à sala de aula foi uma das melhores coisas que aconteceu em minha vida. Aqui estou há quase dois anos e me sinto muito feliz, renovada. Pois agora tenho um momento só para mim, para pensar um pouco em mim e em como eu sou capaz de transformar, por mim mesma, a minha vida.

Tenho muita dificuldade em aprender o que me ensinam. Às vezes, quando saio da sala de aula e vou para casa, já esqueci muita coisa do que deveria ter aprendido naquele dia na escola. Mas estou firme no meu propósito. Não desistirei, pois por ter ficado afastada muitos anos desse ambiente escolar, isso fez com que minha memória enfraquecesse. Agora é preciso colocar o cérebro para trabalhar, pois a cada dia aprendo coisas novas. Tudo isso está sendo bom para minha autoestima, pois quando chego em casa, meus filhos ficam felizes quando comento sobre algum assunto relacionado à escola. Vejo nos olhos deles que estão orgulhosos de mim por eu estar estudando.

Graças à ajuda dos professores do curso, hoje eu me sinto mais segura para aprender, mesmo às vezes esquecendo muita coisa, ainda persisto para não desistir e prosseguir em meu propósito, que é estudar e viver esse momento comigo mesma.

Já posso comprar maçã e Danone,
mas isso é só o começo!

Marinete Lopes da Silva
Orientadores: Tiago Alquaz Matias, Karen Guimarães
Cordeiro e Josiane Santiago de Lima
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Mato Grosso –
Campus Campo Novo do Parecis

Hoje com 33 anos de vida e novamente de volta aos estudos, reflito sobre as dificuldades que enfrentei durante minha infância na escola e fora dela. Quando comecei a estudar, minha mãe não tinha dinheiro para comprar meus materiais, logo, tive aquilo que o governo dava para os alunos carentes. Mochila? Não tinha. Meus cadernos me acompanhavam à escola em um saco de arroz.

Nessa época meu pai trabalhava em uma fazenda e ficava até 40 dias sem voltar para casa, ou seja, quem estava diariamente presente no lar cuidando dos filhos, era nossa mãe. Enfrentamos dificuldades, nos dias em que faltava comida, tínhamos pelo menos mandioca para cozinhar. Eu, particularmente, tinha muita vontade de comer maçã e Danone, mas, diante da situação, não era possível comprar.

Na escola quando ocorriam festinhas, infelizmente eu não podia levar nada, e por isso, me senti humilhada algumas vezes, quando meus colegas diziam que, como eu não tinha levado nada, também não poderia comer. Entretanto, mesmo diante de tais dificuldades, consegui chegar até ao 8º ano, quando tive que abandonar a escola para trabalhar. O trabalho era à noite, mas não conseguia mais acordar cedo para ir estudar. Pelo menos, com o trabalho, passei a conseguir comprar a maçã e o Danone.

Nesse trabalho conheci uma pessoa pela qual me apaixonei e começamos a namorar, acabei engravidando. Foi um susto para mim e o início de uma decepção! Quando contei a meu namorado, ele disse que não me queria mais, que amaria o filho, mas que já estava com outra mulher. Fiquei muito triste, arrasada! Entretanto, quando contei para minha família, recebi muita força e ajuda. Após o nascimento de meu filho, vim embora para Campo Novo do Parecis.

Ao chegar a Campo Novo do Parecis, me matriculei na

escola, mas no dia de começar a estudar, arrumei um serviço a noite novamente. Como eu precisava trabalhar, sobretudo por não receber nenhuma ajuda do pai do meu filho, tive que novamente deixar o estudo em segundo plano.

Nesse novo emprego, comecei a namorar e engravi-dei novamente. Dessa vez, recebi o apoio do meu namorado, que assumiu nossa filha e começou a pagar pensão. Como casal, nosso relacionamento acabou não dando certo e ele foi embora da cidade. Entretanto continuou a dar atenção a nossa filha, ligando e visitando-a quanto possível. Infelizmente, devido a um novo relacionamento, que terminou de forma conturbada, por questões judiciais, ele teve que se afastar de nossas vidas. Tive dificuldade em lidar com tal situação, pois optei por não contar para minha filha a real causa do afastamento. Até hoje ela pergunta por ele.

O tempo passou e esse ano eu resolvi mudar. Arrumei outro serviço e decidi voltar a estudar. Fui incentivada por minha patroa a entrar no IFMT. Hoje estou aqui... vivendo, estudando e trabalhando. Não tenho tudo, mas gosto de lembrar que posso comprar a maçã e o Danone.

Vou estudar muito e desejo no futuro ser professora. Cultivo sonhos grandiosos, pois quero atingir meus objetivos e dar um futuro maravilhoso para meus filhos. Desistir, jamais!

Realizando um sonho

Mariza Terezinha Garcia Joaquim
Orientador: Alessandro Soares
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Sul-rio-grandense
Campus Sapucaia do Sul

O IFSUL começou a fazer parte de minha vida em 2014. Através do PROEJA, meu sonho que tinha ficado para trás está se tornando realidade, depois de 30 anos sem estudar. Neste ano de 2017 me formo no Curso Técnico em Administração no qual aproximadamente 75% são mulheres.

O Câmpus Sapucaia do sul RS nos proporciona a escolhermos novas perspectivas de vida, somos testados e incentivados e nos emocionamos com histórias inesquecíveis, as quais já tive a oportunidade de presenciar. Nos dias de hoje, minha experiência de vida tem me mostrado que precisamos valorizar mais as oportunidades no espaço escolar.

Jovens e adultos estão tendo a chance de fazer um Curso Técnico em Administração na modalidade Educação de Jovens e Adultos em uma Instituição Federal, o PROEJA, que completou 10 anos em 2017.

É um orgulho conhecer e fazer parte da história do IFSUL, trajetórias de vidas umas mais diferentes que outras, poder contar com o apoio e incentivo para alcançarmos nossos objetivos dentro do Instituto Federal. Um aprendizado único e com educadores diferenciados, que sempre colocam os alunos em primeiro plano. No IFSUL, é possível encontrar pessoas da mesma família, filhos, filhas, mães, tios, primos, primas e pais.

Pois meu filho também frequentou o IFSUL, na época era o CEFET-RS¹. Agradeço pela oportunidade do Câmpus Sapucaia do Sul nos oferecer um aprendizado diferenciado. Sou imensamente grata ao Instituto por essa oportunidade de realizar meu sonho de voltar a estudar e poder cada vez mais ampliar os meus conhecimentos.

Deixo meus agradecimentos aos gestores, professores, departamento de ensino e coordenadores do curso, enfim a todos que fazem parte da grande família IFSUL. Levarei para sempre a troca de conhecimentos adquiridos, sempre serei

1 Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas.

IFSUL de corpo, alma e coração.

“Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender.”

- Paulo Freire

Minha história na IF

Marli Regina Mallet Grifante
Orientadora: Andréa Ribeiro Gonçalves
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio
Grande do Sul - Câmpus Porto Alegre

Meu nome é Marli Regina...

Entrei no IFRS em 2015, bem tímida, fiquei dias na expectativa de ser selecionada. No dia em que saiu o resultado, fiquei muito feliz, pois não acreditei que seria chamada. Na verdade não tinha intenção de voltar a estudar, pois tinha minhas filhas, uma com nenê pequeno, e outra esperando nenê, queria ficar perto delas, ajudar a cuidar, mas também queria fazer algo para eu poder ser mais útil, do que ajudar uma filha. Entendi que elas precisavam passar por esta etapa que eu já tinha passado. Então, vim toda me achando no dia marcado. Sentei-me no sofá da entrada e pensei: “Meu Deus, que lindo isto aqui”, já me imaginando como uma aluna do Instituto. A primeira pessoa que vi foi a “Janaína”, com seu sapato de salto amarelo... Ouvimos os ex-alunos falarem de suas experiências no Instituto, declarações de alunos com confiança, autoestima e era isso que eu queria, juro que me emocionei.

No primeiro dia de aula entrei na sala 205, que estava cheia. Sentei um pouco acanhada e talvez envergonhada por com minha idade, na época com 44 anos, estar ali, mas depois vi os outros alunos e me senti com confiança. Tinha meu amigo Rubens; a Jaque; o Luiz; a Catarina; a dona Nelba com 65 anos. Tinha o Rogério que vendia lanche; a Fê; a Karina; e outros mais... não posso esquecer do Seu Paulo querido, que chamo de meu gatinho...

Tenho muitas lembranças boas e ruins, como a briga com a Marlene, que hoje já é nossa amiga. Neste semestre ela está mais calma. Muitas vezes, tinha vontade de esgoelar ela,

mas passou.

Hoje, neste dia 15 de setembro, estou bem confiante, penso em continuar estudando quando terminar este curso, só não sei em qual curso. Penso na minha formatura, minha neta amada e meu neto querido, lá na plateia me aplaudindo, junto com minhas filhas e meu marido.

Sonho todos os dias com esse “Dia da Formatura”. Já estou guardando dinheiro. Estou desempregada, esperando perícia médica, mas faço uns bicos com minha filha que faz decoração para festas.

Vou levar comigo muitas lembranças, amigos, amiga Silvia, amiga Seloé, que amo como irmãs. Meu amigo Victor “Vitinho”, amigo fiel. Tem dias que me pego pensando: “Como vou prosseguir sem eles que em momentos difíceis estavam ali para me dar força?” Eu também sempre estive a disposição para ajudar e sempre estarei.

O que falar das professoras? A professora Gleide, sempre séria, dedicada; o professor Éder, nosso querido; a professora Jaque, não tinha como se estressar com ela, nos dava toda a liberdade para falar o que fosse necessário; professora Márcia, uma Diva, autoestima lá em cima; professor Pércio, me fez chorar em uma aula, enfim não vem ao caso; a Andréa, sem palavras, amo muito.

Vou me formar em 2018, se Deus quiser e Ele há de querer. Amo este lugar. Amo meus colegas, minhas professoras e meus professores. Quero que minhas filhas tenham orgulho de mim, e minha neta, que é especial. Vou chorar demais em vê-las na platéia me aplaudindo.

Tenho orgulho da minha pessoa, pois estou me preparando para algo grande. Ainda não sei o que é, só sei que não vou parar por aqui. Pergunto-me por que não comecei antes.

Então sigo em frente...

Uma estratégia de romance

Marlon Gross

Egresso de inclusão, portador de paralisia cerebral
Curso Técnico em Administração – PROEJA

Orientadora: Henrykheta Maria Rodrigues F. Porto
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-
-grandense - Câmpus Sapucaia do Sul

Eu a vi pela primeira vez, quando ela foi convidada para um show de orquestra, ela falava que tinha curiosidade de tudo, de religiosidade à culinária, a gente falava de tudo, a gente conversou, a irmã dela me pediu uma carona e começamos a conversar sobre livros poesia e religião e a irmã ficou no meio de nós e eu gostei dela, e tive vontade de beijá-la, mas naquele dia não consegui, aí tive uma conversa com o meu pai e acertei alguns pontos tortos!

Eu fiz uma estratégia ninja durante semanas, conversamos sobre tudo, de revista em quadrinhos a filmes que ela gostava, aí um dia ela nos pediu uma carona, eu dei, e viemos conversando até que paramos na frente da casa dela e ela voltou para me beijar e aí com a pouca esperteza que tenho, virei o rosto e a beijei na boca. Foi um momento legal pra mim, eu fiquei tão empolgado que contei pros meus colegas, e não sei o porquê, medo ou pensamento de eu ser tão bonito e de não dar certo, ela não me merecia sei kkkk, só sei que ela mentiu para os meus colegas que não tinha me beijado e depois no dia da minha formatura, ela teve a chorrada de me pedir em namoro, aí pedi pra ela raciocinar, e aí a dispensei.

Reaprendendo

Mayk José da Silva
Orientadora: Paula da Silva Alves
Colégio Pedro II - Câmpus Engenho Novo II

Existem vários motivos para se voltar a estudar. Após vinte anos fora da escola, fui incentivado pela minha esposa para me matricular na EJA da Escola Municipal Eng.º Roberto Magno em 2015, onde completei o ensino fundamental.

Os professores foram ótimos, me ajudaram bastante e me deram algumas apostilas da prefeitura. Sempre que terminava as tarefas, eu pegava as apostilas e ia fazendo os exercícios para praticar.

Ao meu lado, sentava-se uma senhora já idosa, a Dona Zélia. Ela chegou na escola sem saber ler ou escrever, por ter ainda muitas dificuldades, constantemente eu estava ajudando-a. Ela sempre dizia: “Não importa a dificuldade, nós temos que ser persistentes.”

Quando foram abertas as inscrições para o PROEJA do Pedro II, a professora de português, Vera e a professora de matemática, Katia logo avisaram a turma. Então, fiz a minha inscrição o quanto antes e fiquei acompanhando todas as publicações no site, até confirmar o meu nome.

Ao iniciar o ano letivo de 2017, já percebi a diferença. As pessoas realmente tem interesse em aprender, muito diferente da turma do Ensino Fundamental. Todos somos participativos. Quando temos dificuldades, pedimos ajuda uns aos outros e os professores sempre encontram uma maneira para entendermos as matérias. Nem sempre dá certo, então continuam tentando.

Estou muito feliz de estar novamente em sala de aula reaprendendo e aprendendo novas coisas. As aulas são muito agradáveis, tem um ótimo astral e são bem descontraídas. Nas vésperas de provas fica tenso, a ansiedade no ar, então, formamos grupos e vamos para a biblioteca tentar um ajudar ao outro.

Para podermos vencer esta jornada, teremos que dar apoio uns aos outros. Somos uma turma, uma equipe, todos precisamos de ajuda para seguir nessa jornada.

Minha entrada no IF

Michele Fátima Luza
Orientador: Claudionor Ferreira Araújo
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio
Grande do Sul - Câmpus Caxias do Sul

Vou lhes contar um caso:
Acreditem ou não,
me inscrevi no curso,
mas não queria, não.

Achei que nunca seria sorteada,
pois nunca ganhei nenhuma batata.
Mas, para minha alegria,
ganhei na loteria.

Tanta sorte era a minha,
que meu nome saiu na primeira linha.
Então, pensei: “Acho que é dessa vez!”.
Ingressei e me superei. Não acreditei!

Apreendi e ri, chorei e me estressei.
Mas, hoje, a três meses do fim,
posso dizer, enfim: “Muito obrigada
pela oportunidade que o IF deu pra mim!”.

Quase formada, descabelada, superei
o medo do desconhecido.
O ensino, que em mim já tinha falecido,
abriu a porta para um mundo novo.

Não foi só o conhecimento das disciplinas.
Foi, sim, uma lição para minha vida.
Sempre fui muito decidida,
por isso estou no rumo da saída.

O medo virou conhecimento;
o estresse não era mais o muro de cimento,
o qual escalei diversas vezes.
Nem parece que já passaram trinta e dois meses.

Chance de ser melhor do que eu era!
Hoje sou mais forte, sou capaz
e nada de me segurar mais!

O papagaio aprendiz

Pedro Cassiano dos Santos
Orientador: Ana Cristina Santos Limeira
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas - Câmpus Maceió



Nascido em uma família simples e humilde, Pedrocas foi o primeiro filho de dezessete, não teve muitas oportunidades de estudar e aos sete anos começou a profissão da qual nunca se aposentou. Para começar a ser escultor, não precisou de estudo, pois talento tinha de sobra. Suas peças eram de barro, de fruta e de argilosa.

A vontade de estudar sempre lhe foi latente, seus pais conseguiram uma vaga numa escola a meia légua de sua casa, onde Pedrocas descobriu uma professora sorridente que admirava seu esforço nas caligrafias que era o que ele mais gostava desde o primário até as séries seguintes.

Pedrocas estudou até a terceira série, quando precisou abandonar a escola para travar as batalhas da vida com a sobrevivência. Aos dezessete anos entrou para o exército, segundo batalhão de caçadores de Maceió; em sua estada no exército percebeu que seu estudo era pouco e precisou se esforçar muito para subir de patente, porém nem todo esforço foi suficiente e mais tarde fora desligado.

Fala-se que, quando Deus fecha uma porta, Ele abre uma janela, dito e feito! Pedrocas recebeu nesse mesmo ano um convite para estudar e trabalhar em um colégio em Be-

lém de Maria- PE, Educandário Nordestino Adventista (ENA) onde concluiu o ginásio e desenvolveu seus dons na arte de trabalhar com madeira, atuando como operador de máquinas, marceneiro, carpinteiro e escultor.

Foi aí que Pedrocas se apaixonou e um ano depois de conhecer a doninha da sua vida se casou; dessa união resultaram quatro filhos pelos quais a luta foi mais intensa. Pedrocas, desde então andou com a família do nordeste a São Paulo. Foi vendedor, modelador de móveis, modelador de fundição, pedreiro, encanador, eletricitista, jardineiro, carpinteiro, estivador, metalúrgico e sempre escultor.

As suas ganas de estudar nunca lhe saíram da mente, nunca lhe faltou vontade, e sim oportunidades. Pedrocas foi professor antes mesmo de ser aluno, quando em São Paulo trabalhou em uma instituição de ensino - Instituto Adventista de Ensino (IAE), no curso de marcenaria.

Pedrocas, senhor de inteligência nata, é um sonhador. Sua busca por conhecimento o levou a nunca desistir de seus sonhos de estudar, participou de projetos do governo, como “MOBRAL” e Supletivo, conseguiu concluir o segundo grau.

O ano de dois mil e dezessete, já com setenta e quatro anos de idade, Pedrocas teve umas das maiores oportunidades para sua formação acadêmica, foi selecionado para fazer um curso técnico em artesanato, o estudo direcionado a sua área profissional que faria na vida.

Começou o curso muito empolgado, esforçado, com muita dedicação, mas como nem tudo são flores, Pedrocas foi impedido de continuar o curso por falta de seu histórico escolar. Ele voltou ao município de Arapiraca, onde tinha concluído seu estudo, mas soube que há alguns anos a secretaria tinha pegado fogo e toda a documentação antiga tinha se convertido em cinzas, ele buscou em outras instâncias conseguir essa documentação para provar que tinha concluído seus estudos, porém não teve êxito. Já triste, desanimou, chorou e já prestes a abandonar a sala de aula e o tão desejado curso, foi conversar com sua professora.

Ana Cristina, a professora com a qual Pedrocas tinha se identificado e criado uma amizade desde a entrevista para o curso, o motivou a não desistir, falou que ele era o aluno de mais idade e um dos mais aplicados, que ele não desistisse que as coisas iam de alguma forma acabar bem.

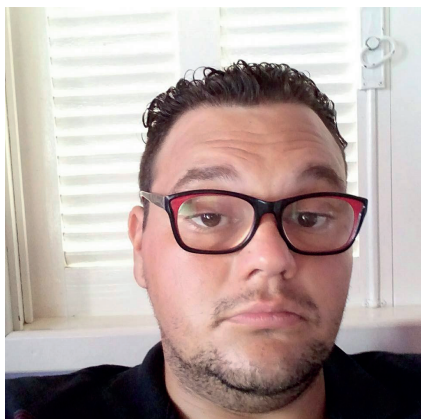
Pedrocas continuou esperando uma solução, ele nunca

desistiu! Teve apoio da coordenadora de seu curso que acreditava em seu potencial e se esforçou e encontrou vestígios nas secretarias do estado, documentos que comprovaram seus estudos. Pedrocas pôde fazer o Curso Técnico de Artesanato. Tal notícia o deixou imensamente feliz e grato a Deus e a sua coordenadora Ana Cristina, pois agora poderia estudar algo que lhe daria qualificação em sua área profissional.

Pedrocas, que por sua turma foi apelidado de papagaio velho, fala hoje com todo orgulho: papagaio velho não aprende, mas se adestra!

Minha vida, meus desafios

Rafael de Souza
Orientador: Rafael Hofmeister de Aguiar
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul Câmpus Rolante



A escola sempre foi um pouco difícil, por sofrer bullying, por não aprender direito e, por outros motivos, parei de estudar! Então com 30 anos resolvi voltar a estudar. Eu estava triste e acomodado, conformado em ter que trabalhar em fábricas no setor de produção. Minha vida era trabalho e casa, sem nenhuma expectativa.

Na escola, algumas crianças e adolescentes sempre foram legais comigo, mas amigos de verdade acho que tive bem poucos, a maioria tinha pena de mim. Sempre fui gordo e uso óculos desde muito cedo, meus colegas sempre tentaram ser legais, mas às vezes ouvia outras pessoas me chamando de gordo, “inhonho” (há alguns anos fiz uma roupa de “inhonho” para ir a uma festinha a fantasia), quatro olho e outros apelidos do tipo.

No início da minha adolescência, foi ficando pior, eu era gordo, usava óculos e só me sentia bem com as meninas,

muitas vezes me sentia sozinho! Eu era gordo e estranho (gay)!

Na 8ª série, mudei de cidade tinha 16 anos, não lembro, mas foi acho que em abril ou maio, em Noia estudava de manhã e em Rolante fui estudar de noite! Fui muito bem recebido pelos colegas, era uma turma bem bagunceira. Por ser gordo ganhei um apelido, assumi e carreguei comigo por anos não sei, mas na época me sentia legal com ele! Hoje acho triste, tenho vergonha! Mas esse de alguma forma não me machucava como um que eu tive no primeiro ano que eu cursei a 7ª série, o da 7ª série me machucava, me humilhava, me fazia querer morrer.

Desde novo sempre trabalhei em obra com meu pai, nunca gostei. Aqui em Rolante tive que ir trabalhar em fábricas, eu era novo não sabia trabalhar em fábrica então era humilhado pelos chefes! Trabalhei em fábrica por um ano e meio mais ou menos, até ter certeza que estava rodado no primeiro ano do ensino médio, daí fui trabalhar com meu pai por um ano! Há alguns meses morando em Rolante fui participar de um grupo de jovens e esse grupo me ajudou a ter mais confiança e a fazer amizades. Fiz muitos amigos nessa época, parei de trabalhar com meu pai porque passei num concurso público.

Fiquei quase cinco anos nesse emprego até pedir demissão. Nessa época, já confiante, em vez de estudar fiz tudo o que não tinha feito na minha adolescência. Saí do grupo de jovens e curti a vida, me assumi gay, perdi amigos, ganhei amigos novos me diverti muito, pedi demissão do emprego, por não ter estudo voltei a trabalhar com meu pai, meus amigos que estudaram se foram. Trabalhei dois anos em obra e cansei, com muito medo fui trabalhar com minha irmã numa fábrica. Desta vez me dei bem, tenho dias bons e dias ruins, trabalho nessa fábrica há quase cinco anos.

Já fazia um tempo que eu queria voltar a estudar, mas não encontrava um lugar para mim! Estava sem esperança, sem um caminho a seguir. Então um amigo me falou do PRO-EJA. Resolvi me matricular, fui com certo receio, mas desde o primeiro momento fui muito bem recebido. A melhor escolha que fiz foi ter voltado a estudar no IFRS, é como se eu fizesse parte de mais uma família!

Tenho ótimos professores, toda equipe do IF é ótima! Olho para eles e vejo que são exemplos a seguir! Hoje es-

tudando nesse campus, com uma turma nota 10, me sinto muito feliz, realizando um sonho, e agora eu vejo um futuro melhor, com várias oportunidades! Meu curso é o Curso Técnico em Comércio Integrado ao nível médio, PROEJA, e esse é só o início, eu quero mais.

Nesse pouco tempo no IF aprendi que posso ir mais longe, quero estudar muito e conquistar uma carreira profissional! Só tenho a agradecer a equipe de profissionais do IFRS Campus Rolante por toda dedicação comigo e com os outros alunos!

Minha trajetória

Renata da Silva Mendes Nascimento
Orientadores: Natalino da Silva Oliveira e
Roberta Brangioni Fontes

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais –
Campus Muriaé

Nasci no interior da zona da mata mineira, no dia 11/09/1987, na cidade de Carangola. A falta de oportunidades fez com que meus pais viessem para Muriaé. Meu pai, com muita luta e sacrifício, conseguiu nos dar uma vida mais tranquila. Como toda criança, sempre tive muitos sonhos, como, por exemplo, ser alguém que pudesse mudar a vida das outras pessoas. Sempre fui muito focada e nunca me deixei abater pelas adversidades da vida, gostava de ir para a roça, onde meus avós maternos tinham uma pequena chácara, e lá gostava de andar descalça, de subir nas árvores e de pescar. Ficava encantada com os artesanatos que minha vó fazia e de ver meu avô tocar violão. Sempre fui muito extrovertida e fazer amigos sempre foi um dom. Falando em dom, não posso esquecer o autor da vida: Deus. Sempre gostei de aprender a palavra dele e aos doze anos me batizei na igreja do Evangelho Quadrangular.

Nada na minha vida foi fácil. Quando completei 16 anos, me casei e tive que mudar para o interior do Rio de Janeiro. Já estava no último ano do ensino fundamental e tive que me afastar dos estudos, pois estávamos passando por al-

guns apertos financeiros e por outras circunstâncias, sendo que esse era um “luxo” que não poderia mais me dar naquele momento. Pensava “Ano que vem eu volto”. Porém, passaram-se anos e a cada dia ficou mais difícil por diversos motivos. Até que um dia recebo a triste notícia de que minha mãe estava doente e de que ela e meus irmãos precisavam de mim. Naquele momento, retornei para Muriaé e tive que ficar cuidando da minha mãe por um mês. Quando tive que retornar para minha casa, deixei para trás um pedaço de mim. A cada dois meses, vinha ver minha mãe, mas minha vida tinha perdido o sentido. Estava tudo tão cansativo e estressante, que meu casamento acabou desgastando-se e eu decidi me separar. E agora? O que fazer?

Eu estava há 12 anos afastada do mercado de trabalho e nem tinha acabado de concluir o ensino fundamental. Agarrei a primeira oportunidade que tive e fui trabalhar à noite em restaurantes. Foi uma luta, pois, aos 24 anos, não sabia fritar nem um ovo, mas sempre fui determinada, e nunca aceitei me dizerem que não sou capaz de fazer algo. Ao contrário, isso me dá mais força para aprender logo.

Após anos trabalhando à noite em restaurantes, decidi voltar a estudar. E agora, para onde eu iria? Arrumei uma vaga no CESEC, mas lá tinha que estudar sozinha e não estava dando conta. Era difícil e muitas vezes eu estava muito cansada de trabalhar a noite toda.

Passado um tempo, Deus colocou um anjo em minha vida, um amigo que futuramente veio ser meu namorado. Um dia, comentando com ele que tinha vontade de estudar, ele me deu o maior suporte para retornar aos estudos. Foi comigo, pesquisou incessantemente, até que ele achou um projeto para jovens e adultos na Escola Estadual Engenheiro Orlando de Farias, onde fui muito bem atendida e consegui concluir o ensino fundamental. Foi muita luta, porque tive que abrir mão do meu trabalho, mas tem valido a pena. Foi quando descobri que estava abrindo inscrições para entrar no IF Sudeste de Muriaé para o PROEJA integrado ao Curso Técnico em Orientação Comunitária. Fui e fiz a inscrição. Consegui a colocação em 1º lugar. Fiquei muito feliz e posso dizer que, com certeza, o PROEJA, juntamente com o IF Sudeste de Muriaé, está me ajudando a realizar o sonho de terminar o ensino médio e fazer uma faculdade.

Nada foi fácil, abri mão de muitas coisas, passei mo-

mentos em que muitas pessoas desistiriam por muito menos, mas nunca pensei em desistir. Aprendi que nunca é tarde para recomeçar. Desejo que o PROEJA possa mudar a vida de muitas outras pessoas como mudou a minha.

É tu, de que precisas?

Ricardo Corrêa Moreira
Orientadora: Maristela Andréa Teichmann Bazzan
Colégio Técnico Industrial de Santa Maria - UFSM

Muitas vezes pensamos que nos falta algo ou alguma coisa, e deixamos de notar a verdadeira riqueza que possuímos bem diante de nossos olhos. Assim aconteceu comigo. Me chamo Henrique Diaz, nasci no dia 06 de julho de 1971, em uma família humilde, porém com muito amor e união.

Cresci passando por muitas necessidades, com nove anos de idade estudava pela manhã e à tarde saía para vender doces e bolachas que minha mãe fazia para ajudar na renda da família. Meus colegas riam de mim, porque eu era pobre, não tinha as mesmas condições que muitos deles. Meus irmãos, por serem mais novos, apenas estudavam e brincavam, e isso me incomodava um pouco. Então passei a reclamar para mim mesmo da vida que levava.

O tempo foi passando e aos treze anos comecei a trabalhar como servente de pedreiro e, aos poucos, fui abandonando os estudos; era muito difícil conciliar ambos, já que ser servente não é tarefa muito fácil, exige muito esforço físico além de ser pouco recompensador financeiramente. Ajudei a construir muitas casas luxuosas, casas em que nunca teria a chance de entrar, apenas ajudar a construí-las. Continuava então, reclamando e me perguntando por que a vida tinha de ser deste jeito para mim.

Ao completar a idade adequada para me alistar no exército, vi uma nova chance de me tornar alguém importante, e assim conseguir ajudar minha família. O sonho logo se tornou pesadelo. Não passei no teste físico, os médicos do exército disseram haver um desvio em minha coluna, nada grave, talvez se não tivesse me esforçado muito sendo servente de obras, teria passado.

Triste, voltei andando para casa, pois minha realidade se concretizava ainda mais em minha vida e chorando muito enquanto andava mergulhado nela, eis que um senhor que aparentava ter uns 50 e poucos anos, vendo meu pranto ao passar em frente à sua casa, nunca me esqueço daquele dia, veio até mim e perguntou se eu estava precisando de ajuda. Orgulhoso que sou primeiramente disse que não, ele então me ofereceu um copo de água, este eu resolvi aceitar. Sentei no degrau da escada do portão da casa dele, me trouxe o copo com água gelada e novamente perguntou se eu precisava de ajuda, bebi um pouco de água e comecei a contar minha história para ele. Ele ouviu tudo o que eu tinha a dizer, e então me deu um conselho, disse para que eu nunca desistisse de lutar na batalha da vida e nem chorasse por coisas pequenas, porque havia pessoas que passavam ou estavam passando por problemas muito maiores que os meus. Na hora fiquei um pouco incomodado com o que ele disse, então levantei, agradei a água e fui embora. Ao ficar em pé, olhei para dentro da casa do senhor e vi uma pessoa sentada em uma cadeira de rodas, não dava para ver quem era, pois apareciam apenas as pernas de quem estava sentado sobre ela. Nem ao menos perguntei o nome daquele senhor, mas seu rosto jamais saiu de minha memória.

Passaram-se quinze anos, e a vida não mudava cada vez mais dura e cruel, assim eu pensava. Nunca me casei, acho que por defesa, uma vez que eu não gostaria que minha futura família, se eu tivesse, passasse pelas mesmas privações que eu passei ao decorrer de minha vida. Por não ter muito estudo, nunca consegui um emprego bom, pelo qual eu fosse bem remunerado; cada vez mais amargurado, vivia sempre reclamando de tudo.

Certo dia, ao sair do trabalho, decidi ir andando para casa, enquanto andava, comecei a pensar em tudo que eu tinha passado e quanto eu estava sofrendo com tudo aquilo. Foi quando ouvi uma voz me chamando, atrás de mim, disse meu nome, rapidamente olhei para trás e não vi ninguém, fiquei parado um pouco olhando para ver se era alguém escondido, mas ninguém apareceu. Quando virei para frente para seguir meu caminho, bem ali, um homem em minha frente disse:

- Henrique Diaz?
- Quem é você, perguntei, e como sabe meu nome?
- Realmente você não me conhece, mas estou aqui a

mando de DEUS, disse o homem.

Sorri como quem debochasse, e disse:

- Tudo bem e o que o homem enviado por DEUS quer comigo?

- Eu não quero nada com você, apenas trago-lhe uma boa nova, algumas pessoas do mundo todo, foram selecionadas para falar pessoalmente com ELE.

- O que ELE quer? Perguntei assustado, pensando se tratar de um louco que iria me matar.

- Você aceita vir comigo agora? Não terá outra chance de falar com ELE e voltar para viver sua vida. Poderá falar tudo que está te causando aflição e LHE fazer um pedido, você vem? Falou o homem.

Pensei um pouco, o que tenho a perder, nada, minha vida está ruim mesmo.

- Vou.

Quando terminei de dizer “vou”, imediatamente fui transportado para um lugar muito bonito, onde já estavam muitas pessoas que, assim como eu, também foram selecionadas naquele dia para falar diretamente com DEUS, todos podiam pedir-lhe o que quisessem que ele iria atender. Fui me aproximando do local onde ELE estava ouvindo as reclamações e realizando aquele único desejo que elas pediam. Eu estava pronto para despejar sobre ELE toda aquela minha amargura e meu sofrimento. Claro que ELE, sendo DEUS, já sabia o que cada um iria reclamar e pedir-lhe, uma vez que DEUS sempre sabe o que temos dentro dos nossos corações. Fiquei ali esperando para ser chamado, vi muitas pessoas pedindo apenas para ficarem ricas, pedindo dinheiro para acabar com seu sofrimento, confesso que também pensava em pedir isso. De repente, ELE chama por Fernando Del Pasos, logo eu sabia que já tinha visto essa pessoa e conversado com ela. Então vi um homem, já bem velho, empurrando lentamente uma cadeira de rodas com uma pessoa sentada sobre ela, vi que pela aparência se tratava de pai e filho. Quando olhei para o rosto daquele senhor, imediatamente o reconheci, era o senhor que um dia me ofereceu ajuda quando eu passava por frustrações na vida, o mesmo senhor, que mesmo me oferecendo sua ajuda e me dando um copo de água e um conselho, eu não tinha sequer perguntado o nome. Então disse a mim mesmo:

-- Fácil. Sei do que ele vai reclamar e o que ele vai pe-

dir, vai reclamar da vida que levou tendo que cuidar de seu filho e pedir que seu filho seja curado e assim livra-se do seu problema e ajuda seu filho a livrar-se do dele. Fiquei muito atento com o que aquele senhor, que um dia me disse palavras duras que eu não tinha gostado nem um pouco, tinha a reclamar. Então ele surpreendeu a todos os que eram como eu, que julgavam os outros sem conhecer, os que reclamavam da vida sem um real motivo, os que não olhavam ao seu redor para notar que há pessoas com problemas que o dinheiro não resolve. Aquele velho homem, em frente a DEUS, olhou bem nos olhos de seu filho enfermo e disse:

- Obrigado por tudo, SENHOR, obrigado por me dar forças todos os dias de minha vida, obrigado por eu amar meu filho todos os dias, obrigado por me fazer sentir amado pelo meu filho, mesmo tendo nascido nestas condições, eu sempre pude notar em seu olhar um amor imenso e sincero por mim, sou muito grato por tudo. Sei que não me resta muito tempo de vida e a única coisa que peço é que o SENHOR encontre alguém que possa cuidar e amar meu filho com o mesmo amor e dedicação que eu tenho, até o último dia de vida dele. Obrigado.

Nesse mesmo instante, toda a amargura de meu coração desapareceu, eu chorava muito, talvez por vergonha de ser uma pessoa assim, incapaz de notar que a vida não tinha sido dura, talvez eu tenha sido assim comigo mesmo e se eu passei por algum momento ruim, talvez tenha sido por alguma escolha errada ou por não ter me esforçado como deveria. Certo mesmo é que nunca parei para pensar na vida que eu ganhara de DEUS, ELE me abençoou com saúde, inteligência. E o que eu dava em troca? Nada, nunca agradei a ELE por tudo, vivia reclamando dos presentes que havia recebido DELE, e se eu passei por tudo o que eu passei, foi por culpa de pessoas como eu, incapaz de ver ou ajudar os outros.

Enfim, eis que o SENHOR me chamou, olhou em meus olhos e perguntou:

- E tu, do que precisas?

Um sonho a ser realizado

Robinson Flores Ribeiro

Orientadora: Maristela Andréa Teichmann Bazzan
Colégio Técnico Industrial de Santa Maria – UFSM

Meu nome é Robinson Flores Ribeiro, tenho vinte e um anos, nasci em Santa Maria, sou filho de Marta Helena dos Santos Flores e Celestino Pompilho Ribeiro. Meus pais separaram-se em alguma época que nem sei qual foi, pois eu era criança ainda, assim fui criado pela minha mãe e meus avós Maria Madalena dos Santos Flores e Antonio Luis Flores.

Tive uma infância muito boa, minhas mães juntamente com meus avós sempre me fizeram feliz, uma família humilde, batalhadora, mas muito guerreira, tenho muito a agradecer por eles terem me ensinado o que é o certo e o errado. Em outubro de 2011 minha mãe adquiriu sua casa própria, com isto mudamos de endereço e acabei me afastando um pouco mais dos meus avós, já que tinha meus afazeres.

Em uma data, que não lembro ao certo, do ano de 2014, no meu serviço resolvi que deveria voltar a estudar para ter um emprego e um salário melhor. Com isto, no mesmo ano me inscrevi para fazer as provas no Mário Quintana, para o ENEM e no curso Técnico em Eletromecânica, modalidade PROEJA, no Colégio Técnico Industrial de Santa Maria (CTISM), o qual meu cunhado tinha recomendado. Realizei as provas do Mário Quintana, passei apenas em uma área, no ENEM tirei notas para concluir quase todas as áreas e disciplinas, porém tirei nota baixa na redação e não consegui aprovação. Acabei sendo selecionado para uma vaga no técnico que iniciaria no ano de 2015 no CTISM.

Com muito entusiasmo e força de vontade para voltar a estudar tive que sair do meu atual serviço, pois meu patrão não disponibilizaria um horário mais flexível para eu prosseguir os estudos. No começo do ano letivo tive alguns problemas (prefiro não apresentá-los agora, agradeço a compreensão) que quase me levaram a desistir do curso, mas com o passar dos dias e meses acabei por vez esquecendo. Tive algumas dificuldades nos estudos, pois já fazia quase quatro anos que não frequentava uma sala de aula, mas com força de vontade e estudo superei todos os obstáculos e consegui avançar para o próximo semestre. No semestre seguinte, já

sabendo que teria novos desafios pela frente, seria bolsista no Departamento de Manutenção do CTISM, encarei todas as dificuldades e consegui seguir nos estudos, porém neste meio tempo eu e minha família descobrimos que meu avô Antonio sofria de uma doença chamada embolia pulmonar, e que seu pulmão já estava em um estado muito crítico. Com o passar dos meses a situação foi piorando, meu avô foi enfraquecendo. No final de outubro começo de novembro ele foi ao HUSM para realizar uma avaliação médica e no meio do procedimento algo não saiu muito bem e ele veio a criar uma bolsa d'água (não lembro o termo certo, mas é algo do tipo) dentro do seu pulmão, que já não estava muito bom. Foi preciso colocar um dreno para melhorar, no terceiro dia após o ocorrido, foi liberado para voltar para casa. Nesse mesmo dia ele não se sentiu muito bem, com muita falta de ar, teve de voltar ao HUSM novamente, com isto foi preciso colocar novamente o dreno e ficar internado por mais uma semana. Ao passar dos dias ficava nítido que ele já não estava muito bem, fraco, debilitado e ao redor de pessoas doentes no pronto socorro... Ao voltar para casa, foi piorando e ele já não saía mais da cama, não comia direito e veio a ter mais complicações: infecção urinária, pneumonia e a descoberta de uma úlcera, tudo isso o enfraqueceu mais ainda e fez piorar o estado de saúde dele. Guerreiro e com muita fé em Deus se manteve firme até onde conseguiu, depois voltou a ser internado, por último na Casa de Saúde de Santa Maria. Com isto fechava-se o ano letivo de 2015, perdi algumas aulas pois tive que ficar com ele no hospital, mas isso não me preocupava muito, o fato de perdê-lo, isso sim, me deixava para baixo. Arrumei um novo serviço no dia 23 de dezembro, na empresa Runna Laser, fiquei contente, mas mesmo assim aquele final de ano não poderia ter sido pior, "Há quantos anos não passava um natal com meus avós?" Talvez três ou quatro, mas esse foi o que mais senti, pois meu avô estava internado no hospital e eu nada podia fazer. Começo de janeiro de 2016, meu avô foi liberado para voltar para casa, pois já não queria mais ficar no hospital. Alguns dias depois teve de fazer uma pequena cirurgia para por uma sonda gástrica, ligada diretamente ao seu estômago, pois estava muito fraco, legitimamente um raquítico, infelizmente, no dia 27 de janeiro, se não me falha a memória, veio a ter uma crise forte de falta de ar e foi levado ao PA do Patronato, nesta mesma noite chegaram as

piores notícias, as quais já eram esperadas, pois o seu estado era muito grave, em um raio X realizado pelo médico e sua equipe de plantão o resultado foi assustador. Em lugar de ter dois lados do pulmão era apenas uma pequena bolinha do tamanho de uma bola de tênis, o médico apavorado com o que viu nem se quer deu o diagnóstico, pegou o raios-X, colocou para dentro do envelope e deu as costas para minha prima, que acompanhava meu avô naquele momento. Passaram-se alguns minutos e veio a enfermeira dar a notícia que ele estava muito fraco. Minha mãe e meus tios logo foram até lá. Eu tinha pedido para ela me ligar no caso de que ele viesse a piorar e assim poder me despedir dele. Quando menos espero o telefone toca e era ela dizendo que deveria ir lá ver o meu avô, não foi muito bom ter recebido aquela ligação, mas então lá fui eu triste, mas fui, chegando no PA chorei ao não entender como uma pessoa que nunca fez mal a ninguém, sempre ajudou a quem pode, fiel a Deus e que jamais tinha bebido ou fumado na vida, poderia estar daquela forma e sofrendo tanto. Tive a oportunidade de ir vê-lo, foi muito triste, pois os médicos avisaram que não tinha o que fazer se entubassem seria pior, pois ele sofreria mais ainda. Na mesma noite, meu avô disse para a minha prima que o acompanhava: “Estou partindo, cuida bem da vó...” Ao criar coragem e entrar na sala onde ele estava, vi ele com a respiração ofegante, chamei-o, mas já não reagia muito, as extremidades de seu corpo já estavam ficando mais brancas, os dedos, as orelhas já estavam bem pálidas e inchadas, todos achávamos que ele não passaria daquela noite, mas guerreiro como sempre foi na sua vida, sobreviveu por mais alguns dias. Não tive coragem de ir visitá-lo no domingo, dia 30. No primeiro dia de fevereiro, às 10h45min, recebi a notícia que meu avô tinha falecido, fiquei muito triste, apesar de saber que ele tinha descansando e parado de sofrer. Fui para casa e encontrei minha mãe chorando, eu sabia que tinha de ser forte para tentar consolá-la, mas também não era nem um super-herói sem sentimento para não chorar a perda.

Foi um começo de semana ruim, eu fiquei triste por não ter dito ao meu avô que o amava muito e também não ter pedido perdão pelos meus erros e falhas com ele, isso carrego comigo ainda no dia de hoje por não ter tido a coragem de ter falado isso ainda quando podia. Minha vó, na sexta feira da mesma semana, foi para SC com um dos meus tios que mora

lá, com isto fiquei de caseiro na casa onde morei por alguns anos juntamente com meu avô, vinham as lembranças... Comecei a beber com um pouco mais de frequência, mas nada que me prejudicasse o dia a dia. No dia 13 de fevereiro, fui para fora onde estavam minha mãe e outros parentes, na ocasião era o último dia de carnaval, com isto nos divertimos e eu acabei bebendo muito, depois do final de semana, na segunda feira, eu ainda não me sentia muito bem. Bom, acreditava que ainda estava de ressaca, com o passar dos dias não melhorava e apenas ficava mais preocupado com a situação. Na quinta feira, saí com outros dois amigos para ir ao cinema e comentei que não estava muito bem e que se fosse o caso iria a um médico, pois aquilo não era normal, parecia que as coisas que ocorriam não tinham ocorrido, me sentia estranho... Ao passar dos dias as coisas foram piorando, eu ia trabalhar e não falava com ninguém, se quer conseguia compreender muita coisa, meus colegas notaram a diferença e tentaram me ajudar, mas eu não tinha mais diálogo com ninguém. As coisas passaram a ser uma rotina eu ia e vinha do serviço pelo mesmo lugar, atravessava a rua no mesmo lugar, não compreendia mais as horas, passei a ser uma pessoa totalmente desligada sem saber quase nada e sem entender...

No final de semana seguinte fui para fora, novamente encontrar minha mãe e mais alguns parentes e ao descer do carro todos me olharam e perguntaram se eu estava dormindo, eu disse que não, mas que não me sentia bem, todos riram achando que era brincadeira e eu voltei a repetir, eu não estou bem. Então minha mãe veio até mim e perguntou o que eu tinha, eu disse que não sabia e comecei a chorar, neste momento, ela, assim como meus outros familiares presentes, notaram que de fato eu não estava bem. Neste mesmo final de semana ainda sem saber o que de fato eu tinha eu não me comuniquei com ninguém, não fiz nada a não ser dormir e dormir, o que de fato ocorria já há alguns dias, quando não estava trabalhando eu apenas dormia... Resumindo um pouco a historia, estava presente nesse mesmo final de semana, a namorada de um primo meu que sofre de síndrome do pânico e entende um pouco mais do assunto, ela disse para minha mãe que eu não estava bem de fato e que deveria ir a um psiquiatra e foi então que minha mãe entrou em contato e marcou um atendimento para mim. Passado alguns dias eu apenas piorava, não suportava barulho, não olhava televisão,

ir trabalhar já era estranho demais até eu pensar em pedir demissão porque não queria mais fazer nada, apenas dormir. Por um momento muito curto, mas sim ocorreu, pensei em suicídio, a minha sorte é que no meio dessa história eu voltei a falar com minha ex-namorada, a qual cuidou de mim neste período também, graças a ela creio que não fiz besteira, pois na ausência de minha mãe, quem ficou comigo e me acompanhou em alguns desses dias que estive “estranho” foi ela.

O que eu posso dizer é que no dia 25 de fevereiro fui ao psiquiatra, e o diagnóstico foi que estaria sofrendo de síndrome de ansiedade e estava também começando a entrar em depressão, em consequência da perda do meu avô e o fato de ter ficado de caseiro e sozinho na casa onde ele morava, mas graças ao apoio de minha família e minha ex-namorada, que agora é minha namorada novamente, pois reatamos, estou bem. O que me ajudou muito a melhorar foi a conversa que tive com muitas pessoas, mas principalmente com a namorada de meu primo Lucas Henkes, que também está fazendo o Técnico em Eletromecânica aqui no colégio, está no primeiro ano. Sigo tomando o remédio que a médica receitou, sinto que estou bem e forte para seguir em frente, tenho meus sonhos e minhas expectativas para um futuro melhor. Quero me formar em Eletromecânica, em homenagem ao meu avô que sempre me incentivou a estudar e desde quando eu era pequeno disse que queria ver eu me formar antes de falecer, infelizmente eu não dei esse presente para ele, mas esse diploma eu devo para ele, pretendo seguir para alguma faculdade, tenho algumas dúvidas ainda, mas até lá pretendo ter decidido.

Minha história de vida

Sandra Janaina Nunes Pacheco
Orientadora: Andréa Ribeiro Gonçalves
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Porto Alegre

Nasci em 1980 e sou filha biológica de mãe professora e de pai operário, mas fui criada pela minha avó materna. No período em que nasci meu pai biológico estava no Iraque em batalha, pois lá era seu país de origem. Três anos depois, quando finalmente terminou a guerra, meu pai retornou para casa e teve uma grande “surpresa” ao me ver, pois não sabia da minha existência. Muito desconfiado sobre minha paternidade, ele intimou minha mãe para que ela me desse para outra pessoa me criar ou ele a abandonaria com três filhos pequenos para criar. Ela não teve alternativa a não ser pedir para que a minha avó materna me criasse. Toda vez que eu ia visitar minha mãe, eu era muito humilhada pelo meu genitor, nossas visitas se tornavam cada vez mais desgastantes. Fui abusada pelo meu progenitor por inúmeras vezes.

Em 1994, conheci um rapaz na escola em que eu cursava a sétima série, Eron foi a pessoa a qual eu considerava meu porto seguro, me sentia feliz e protegida, tinha certeza que eu nunca mais sofreria o que eu vivi até aquele momento. Namoramos por quase quatro anos. No fim de 1997, minha avó que me criava faleceu e eu com medo de ir morar com meus pais acabei decidindo me casar. Eu permanecia estudando e comecei um estágio no IPERGS, para começar a comprar o meu enxoval. Poucos meses depois, nos casamos, em uma cerimônia simples, sem festa, mas eu estava radiante. Algum tempo após o casamento descobri que estava grávida da minha primeira filha. Quando a Bia estava com seis meses, descobri que estava grávida de novo. Com muita dificuldade, continuava estudando. Mas em maio de 2000, meu querido marido faleceu, me vi pequena, insegura e muito abalada.

Pensava o que seria de mim sem ele. Eu, mãe de uma bebê de um pouco mais de um ano e grávida de seis meses do segundo filho. Uma onda de desespero tomou conta de mim, não sabia nem por onde começaria. Tive que abandonar os estudos, contei com a ajuda da minha mãe para supe-

rar aquela fase triste da minha vida. Comecei a me tratar, pois entrei em depressão profunda, minha mãe com o intuito de me ajudar, me mandou para a casa do meu tio, em São Paulo, para eu trabalhar na empresa dele e tentar me erguer novamente. Mas para isso ela acabou ficando com os meus filhos, pois ela dizia que não queria que eles passassem trabalho.

Em São Paulo, morei por cerca de dois anos, onde conheci o pai do meu terceiro filho. Voltei de lá grávida e sozinha, pois mesmo namorando e “tocando a minha vida” como todos falavam não me conformava com a perda do meu marido. Tive que trabalhar, pois tinha que sustentar meu terceiro filho e ajudar minha mãe com os mais velhos que ainda eram crianças. Abandonei de vez os estudos, sem esperança nenhuma de terminar, mas algo dentro de mim dizia que eu não podia desistir de estudar. Sempre tive o sonho de me formar e entrar numa faculdade, porém via aquele “sonho” cada vez mais distante.

Passou algum tempo, meu filho crescendo, quando descobri novamente que estava grávida. Entrei em desespero e ali vi que meu sonho de ser uma formanda tinha chegado ao fim. Imagina eu, mãe de quatro filhos e sozinha. Então só me restava trabalhar, e muito, aprendi da forma mais difícil a ser responsável, trabalhando em até três turnos para dar sustento aos meus filhos.

Conforme eles foram crescendo, comecei a ter a esperança de voltar a estudar e pesquisei sobre diversos cursos para EJA. A maioria era paga ou se não fosse, era muito longe de onde eu morava e trabalhava, não dava tempo de chegar no horário de aula. Quando minha bebê já tinha cerca de oito anos, conheci meu atual esposo, ele me aceitou mesmo sabendo que tinha tantos filhos e até registrou o terceiro que só tinha meu nome. Novamente comecei a amar a vida, pois ele me ajudou em tudo e sempre acreditou que eu era capaz de terminar meus estudos e “ser alguém”.

Com o incentivo dele e muita perseverança minha, descobri através da Internet que estavam abertas as inscrições para concorrer à vaga no PROEJA do IFRS. Fiquei muito empolgada e me inscrevi. Consegui a tão sonhada vaga para terminar o meu ensino médio e fazer a minha faculdade.

Hoje estou cursando o quarto semestre de PROEJA – ADMINISTRAÇÃO, uma grande vitória para mim. Meu esposo resolveu me acompanhar nos estudos e hoje cursa Téc-

nico em Transações Imobiliárias no mesmo campus que eu. Tenho orgulho de fazer parte desta instituição e usar o que aprendo diariamente na minha vida profissional e pessoal.

A volta à escola

Severina da Silva dos Santos Luz de Oliveira
Orientadora: Paula da Silva Alves
Colégio Pedro II - Campus Engenho Novo II

Meu nome é Severina, tenho 40 anos, sou dona de casa e mãe de dois adolescentes que estudam no regular. Deixei de estudar na adolescência para trabalhar. Meu pai foi embora e nos abandonou em Pernambuco e no interior os colégios são longe.

Quando voltei a estudar, foi a diretora do colégio dos meus filhos que me incentivou. Fiquei super feliz porque todos os dias eu ia levar e buscar os meus filhos no colégio e não sabia que tinha projeto para jovens e adultos. A diretora falou comigo e fui me matricular. Fiquei radiante. Eu sempre quis terminar o Ensino Médio porque me interessei por um curso de culinária e não podia me inscrever por não ter o Ensino Médio.

Foi ótimo voltar à escola, fiz novas amizades. Tem sido uma experiência maravilhosa. A equipe de professores sempre nos ajuda, nos incentivam a não desistir, elevando, assim, nossa autoestima. O PROEJA para mim está realizando um sonho de voltar a estudar.

PROEJA: a certeza da mudança

Silvania Aparecida Braga Leite
Orientadores: Roberta Calvano e Miriam G. de Freitas
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais Câmpus Juiz de Fora



Aos 43 anos, depois de 23 anos trabalhando no comércio, recém-separada, com uma depressão terrível, saída do “interior do interior” das Minas Gerais, mãe de duas filhas, que são a razão da minha vida e força para as minhas mudanças, ingressei, em 2011, no Curso Técnico de Secretariado Proeja no IF Sudeste MG, com a esperança de retomar minha vida profissional.

Antes disso, lá em 1985, aos 17 anos, iniciei o curso de Magistério e no ano seguinte comecei a dar aulas para turmas do MOBRRAL em Ubá, MG, trabalho este que muito me satisfazia. Casei-me no final de junho de 1987, parei meus estudos e fui trabalhar no comércio junto com meu ex-marido.

Depois da separação, em abril de 2010, saí de Ubá e fui acompanhar minhas filhas que seguiam estudos em Juiz de Fora. Os atropelos da vida me levaram para uma depressão e um tratamento de oito meses. Tomava oito comprimidos por dia, tive nas minhas filhas e mãe o apoio necessário para que eu me reerguesse. Minha filha mais velha, que tinha feito o ensino médio no antigo CTU¹ (hoje IF Sudeste MG, Câmpus Juiz de Fora), me falou do Curso de Secretariado e disse que era uma área que eu gostava. Seu objetivo era me tirar definitivamente da depressão. Aceitei a sugestão e participei do processo de seleção. Iniciei o curso em 2011. Meu objetivo? Conseguir um trabalho, visto que, apesar da longa experiência adquirida no comércio, eu não tinha concluído o

1 Colégio Técnico Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora.

ensino médio e não tinha como provar através de certificados. Dificuldades? Todas. Percebi que nos anos que passei fora da escola tinha me tornado uma semianalfabeta: não entendia quase nada do que os professores falavam, a sensação que eu não ia conseguir era constante, e junto com ela a de que a minha vida não teria mais jeito.

Nas noites no IF encontrei pessoas que, pelo amor à profissão, não medem esforços para ajudar a quem quer atingir um objetivo. E foi o que aconteceu comigo. Com o tempo vi que não estavam diante de mim apenas professores preocupados em aplicar os conteúdos de suas disciplinas, mas pessoas que estavam preparadas para receber pessoas e fazê-las vencedoras. Todos os meus professores foram de muita importância para meu crescimento, tiveram grande influência na minha vida pessoal e me fizeram acreditar que eu poderia vencer.

No final de 2011 eu já não fazia mais uso de remédios, mas ainda não enxergava nenhuma mudança na minha vida. Conseguir um emprego ainda era impossível - para responder às vagas de emprego era necessário o ensino médio. Vendi roupas e fiz “marmitex” em casa para sustentar minha família, até conseguir um emprego fixo. Precisava enfrentar o mundo do trabalho. Tomei coragem e me lancei em processos de seleção. Em 2012 fui selecionada para ser bolsista do Departamento de Educação e Ciências, dentro do próprio IF. Gostei da experiência e pensei que deveria diversificar: em 2013, fui bolsista da Assessoria de Comunicação. Trabalhei na empresa Alma Viva e no Escritório de Gerenciamento de Projetos da UFJF, com carteira assinada. Em seguida, fui selecionada para ser terceirizada no próprio IF, no setor de Assessoria de Comunicação. Não pensei duas vezes, nunca escondi minha paixão pelo Instituto Federal, lugar que me deu novas oportunidades e onde fiz os melhores amigos.

Concluí o Curso Técnico de Secretariado no final de 2014. Nova visão de vida e uma esperança enorme de que tudo poderia mudar. Me sentia mais segura, eu queria mais. Em agosto de 2016 iniciei o bacharelado interdisciplinar de Ciências Humanas na UFJF². Decidi estudar para concursos: fiz seis. Em cada um deles fui obtendo resultados crescentes - de desclassificada à classificada/aprovada. Fui classificada no concurso para agente administrativo da Prefeitura de Barba-

2 Universidade Federal de Juiz de Fora.

cena, MG. E, a que considero minha maior vitória profissional: tomei posse no dia 16 de janeiro de 2017 como Técnica de Secretariado do Câmpus Juiz de Fora do IF Sudeste MG, em caráter efetivo, como trata o texto da minha nomeação. Estou lotada no Setor de Ensino à Distância. Minha felicidade? Até hoje não consigo expressar!... Talvez a palavra “gra-tidão” resuma todos os sentimentos e pensamentos que se misturam. E a lição que tiro de tudo isso é que não chegamos a lugar nenhum sozinhos, daí a necessidade da família e de amigos.

Gosto muito de repetir a frase que ouvi durante todo o Curso Técnico de Secretariado: “a mudança é a única certeza estável”.

Educação de Jovens e Adultos: Janelas que se abrem

Simone Berizonze Manoel Machado
Orientadores: Natalino da Silva Oliveira e
Roberta Brangioni Fontes
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais
Campus Muriaé

Meus primeiros anos escolares foram bons. Encontrei dificuldades em algumas matérias, mas tive uma professora muito especial que me ajudou bastante com aulas de reforço, sem me cobrar nada. A ajuda dela foi fundamental para que eu não repetisse o ano.

Infelizmente, parei de estudar na oitava série e não concluí o ensino fundamental, pois dei prioridade ao trabalho, ao casamento e aos filhos, que são verdadeiras bênçãos. Na época, não consegui alcançar a gravidade desta atitude de abandonar os estudos. Por muitos anos não percebia o quanto estava me prejudicando.

Com o passar do tempo, alguns trabalhos que antes eu conseguia de forma fácil, passei a não conseguir, devido à minha falta de formação. Fui ficando para trás. Assim, tive que trabalhar em serviços braçais e superexaustivos. Passei e ainda passo por muitas privações e, depois de muitas coisas, Jesus colocou pessoas em meu caminho que me incentivaram

a voltar a estudar.

Fiquei sabendo do projeto do PROEJA por meio de colegas e finalmente resolvi fazer a prova. Antes, repeti todo o ensino fundamental, concluí e vim para o Instituto Federal. No primeiro dia de aula, pensei que ficaria somente uns dois dias, pois não acreditava em mim. Achava que já estava velha demais para aprender alguma coisa, mas qual foi minha surpresa: encontrei professores maravilhosos, com tanto otimismo para com a gente, com palavras acolhedoras que me fizeram realmente amar este primeiro dia! Nunca vou me esquecer...

O primeiro dia no Instituto Federal foi realmente especial: finalmente vamos fazer o nosso tão sonhado ensino médio acompanhado de um ótimo curso técnico em Orientação Comunitária. Não dá para escrever neste texto nem um terço de tantas maravilhas que aprendemos e estamos aprendendo. Aqui cada momento é superespecial. Os professores são verdadeiros mestres na arte de ensinar. É difícil encontrar palavras para defini-los, realmente são presentes dos céus para mim, e, com certeza, meus colegas pensam da mesma forma.

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, e à minha querida filha que muito me incentivou. Ficaram gravadas as palavras dela quando um dia, me lamentando dos duros trabalhos, ela me perguntou: “Mãe, o que você está fazendo para mudar essa situação?” Compreendi com suas palavras que não adianta termos pena de nós mesmos. Falo isso porque sei que muitos colegas também compartilharam do mesmo sentimento, foi difícil demais!

Encontrei no PROEJA e no Instituto tudo o que precisava e muito mais. Os projetos de extensão, por exemplo, nos oferecem excelentes palestras sobre diversos temas importantes, que me ajudaram a abrir a mente e refletir bastante sobre diversos assuntos.

Mande embora a descrença e o desânimo. Hoje me sinto confiante, aprendi que todos somos capazes, basta acreditarmos! Graças a todos professores que são ótimos, excelentes é a palavra que encontrei para melhor defini-los. Antes de serem professores, são pessoas sábias. Serei eternamente grata a esta instituição e toda a sua equipe. Ficarei torcendo para que este curso continue para que outros tenham a mesma oportunidade que tive.

Já na reta final fica a saudade. No próximo ano, pretendo cursar a faculdade de pedagogia. Parar com os estudos, jamais! Ir adiante levando comigo os melhores educadores que tive no coração e, acima de tudo, a humildade dos professores, foi realmente o melhor.

Que Deus os ilumine e que outros possam ter o prazer e a sorte de serem alunos de cada um de vocês, professores. Gratidão eterna. Ficaré a saudade. Parabéns a este projeto, à equipe, à instituição. Aos meus queridos colegas, desejo que também sigam em frente e nunca mais deixem de acreditar em vocês. Amo todos. Cada um é muito especial e valioso. Nunca deixem que ninguém diga o contrário.

Nunca é tarde para recomeçar

Solange Ferrão Chuquel
Orientadores: Soraya Pereira Corrêa e
Alexander da Silva Machado
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Farroupilha – Campus São Borja

Já fazia exatamente 25 anos que eu tinha parado de estudar, estava pensando em voltar, meu marido sempre me incentivava, mas eu tinha um pouco de medo. Quando tive meus filhos, que são cinco, um menino e quatro meninas, decidi ficar em casa com eles e anulei um pouco a minha vida na área dos estudos para ser mãe e dona de casa.

Em uma ocasião, ouvi alguém falar que havia vindo para São Borja o Instituto Federal Farroupilha, que tinha o PROEJA onde se completava o ensino médio junto com um curso técnico.

Um dia estava escutando o rádio e o locutor falou que estavam abertas as inscrições para o Curso Técnico em Cozinha PROEJA, fiquei muito interessada, sempre gostei muito de cozinhar, gostaria de aprender mais sobre essa área. Falei com meu marido e ele me ajudou me levando até o IFFar para me inscrever. Quando cheguei lá, já havia poucas vagas, mas vi que a prioridade era para pessoas que tinham parado

de estudar há mais tempo, isso me deixou confiante de que eu iria conseguir.

Saiu a primeira chamada e eu não tinha sido selecionada. Fiquei um pouco triste, mas não perdi a esperança. Dali a alguns dias saiu a segunda chamada e meu nome estava lá, fiquei muito feliz, era uma etapa nova na minha vida e eu teria que lutar para não desistir.

No começo foi tudo novo para mim, um pouco difícil por eu estar tanto tempo sem estudar, mas fui me aplicando e aprendendo a cada dia, apesar de ter alguma dificuldade de concentração, pois já tenho 48 anos.

A cada dia que foi passando, fui gostando cada vez mais, as amizades aumentando, os professores ajudando com paciência, o que é muito importante, pois tenho um pouco de dificuldades. Isso tudo foi no ano de 2016. No final de maio eu estava muito doente, precisando fazer uma cirurgia. Estava com muita hemorragia e anemia, isso me desanimava. Estava com um cisto e miomas no útero. Pensei em desistir, mas com o apoio das colegas e de meu marido, continuei.

Como estava perto das férias de julho, conversei com meu médico para fazer a cirurgia naquele período para não perder muitas aulas. Saí um pouco antes de começar as férias, fiz a operação, fiquei 30 dias em casa me recuperando. Tive a ajuda de uma colega que foi muito importante para mim, pois ela sempre trazia o material para eu copiar. Também tive toda a assistência do Instituto durante o tempo em que estive me recuperando.

Nesse período poderia ter desistido, mas o apoio de colegas e professores me fortaleceu para continuar. Fiz uma cirurgia bem dolorida, o útero foi retirado, fiquei bastante tempo com dor. Depois do repouso voltei às aulas com a ajuda da minha colega. Ela me pegava em casa e depois da aula me levava de volta. Acho que sem a ajuda dela teria desistido. Hoje faz um ano e meio que estamos no curso e pretendo ir até o fim, pois gosto muito, meu pensamento mudou. Hoje penso em continuar, fazer a faculdade de Gastronomia, adoro cozinhar.

Começamos a turma com 37 alunos, muitos desistiram por ser difícil conciliar trabalho, família, dificuldades com o horário. Hoje estamos em 23 alunos, dois homens e o restante são mulheres. Fala-se que é a maior turma que vai se formar até agora, espero que nenhum mais desista.

O curso está sendo muito importante para mim, estou aprendendo muito e tendo novos pensamentos em relação ao futuro. Como eu me arrependo de ter desistido de estudar anos atrás! Hoje vejo que faz muita falta em nossas vidas. Neste ano tivemos a comemoração dos 10 anos do PROEJA. Vi como é importante nós mais velhos voltarmos a estudar e também vi que muitos colegas que já cursaram o PROEJA tiveram novas oportunidades.

O amor que os professores dedicam a nós é um grande incentivo, com dedicação e paciência repetem muitas vezes o conteúdo se alguém não conseguiu acompanhar. Amo estar aprendendo, não quero desistir, quero seguir em frente, fazer uma faculdade e aprender mais para ter novas oportunidades.

Nunca é tarde para recomeçar.

O resgate da credibilidade em instituições públicas de ensino por meio da inclusão social

Suelen Mendonça Nogueira Sousa de Lima
Orientadora: Wanda Silva Rodrigues
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia São
Paulo Câmpus Cubatão

Morei por 15 anos no bairro do Jardim Casqueiro, em Cubatão, e não conhecia o Câmpus do Instituto Federal São Paulo que havia lá.

Meu namorado, na época, estudava Tecnologia em Automação Industrial, curso superior desse Instituto, e me informou que havia também matrículas para o Ensino Médio voltado para aqueles que há muito tempo estavam fora da escola.

Sempre cursei escolas públicas. Interrompi meus estudos por problemas pessoais, que exigiram minha dedicação por mais tempo, para cuidar dos meus familiares. A má impressão que eu tinha de Institutos de Ensino Público era a de que faltava muito comprometimento, tanto da parte dos professores e dos funcionários, quanto dos alunos. Compreendo que isso ocorre devido aos mais variados obstáculos que surgem, predominantemente, por questões sociais. No entanto, o desapontamento permanecia.

Minha maior surpresa ao ingressar no curso foi descobrir que todos os envolvidos estavam realmente comprometidos com o ensino e o aprendizado. E isso fez toda diferença. Mudou a mentalidade que eu tinha sobre instituições públicas e isso fez com que me sentisse mais motivada a estudar.

A diversidade e a inclusão foram visíveis no decorrer do curso e, na minha visão como aluna, a compreensão do perfil variado e diferente do aluno do PROEJA faz com que ele se sinta mais bem-vindo. Isso traz benefício a todos. Por exemplo, por conta do contato com alunos surdos, acabei por conhecer LIBRAS e cursei a disciplina extracurricular sobre o assunto oferecida no Câmpus. Acredito que compreender as diferentes maneiras pelas quais cada um interpreta o seu meio, é compreender que existem várias maneiras de educar. Ter LIBRAS como primeira língua é passar por uma experiência educacional completamente diferente de quem tem

o Português como primeira língua. Isso me ajudou a compreender o quanto a didática deve ser versátil e o quanto a educação é importante para a formação de pessoas com uma consciência mais ampla de como a sociedade funciona, deveria funcionar e como podemos realizar mudanças, em pequena ou grande esfera, para assegurar os direitos a todos.

Quando concluí o Nível Médio, minhas perspectivas estavam ampliadas e dei continuidade à minha formação, cursando Ensino Superior, também no IF. Fiz minha matrícula no Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, por intermédio do SISU. Conforme o curso avançou, foi necessária, cada vez mais, dedicação, e isso estimula o aluno a se superar ao longo do curso enquanto os semestres avançam.

Minha experiência com o PROEJA foi marcante, de tal maneira que meu Trabalho de Conclusão de Curso teve como proposta relacionar a área do meu curso com o PROEJA. Meu TCC partiu de um projeto de extensão já realizado no Instituto. Buscava-se promover a percepção e o estudo do local no qual o aluno está inserido, valorizando a cidadania e o acesso à cultura.

O Instituto requer excelência no que o aluno faz, pois é ciente da sua habilidade para produzir algo de grande qualidade; ele não é subestimado. A oportunidade de realizar um projeto de Iniciação Científica foi uma experiência que trouxe, também, contribuições inestimáveis no meu processo de aprendizado.

Atualmente estou apenas cumprindo o estágio do curso de Gestão de Turismo.

A oportunidade de cursar o PROEJA representou um momento decisivo na minha vida. Estava saindo da adolescência sem uma visão clara do que esperar dos meus estudos e o Instituto Federal me fez recuperar a confiança em instituições públicas de ensino e ainda me deu uma profissão.

Reencontro

Tânia Maria Conceição dos Santos
Orientadora: Paula da Silva Alves
Colégio Pedro II - Campus Engenho Novo II

Redigir estas primeiras linhas está sendo bastante difícil! No primeiro momento, me apego ao desespero, tento me acalmar! Em meio ao nervosismo e à necessidade de vencer minhas emoções, escuto o compasso dos batimentos acelerados do meu coração! Estranhamente, num suspiro, me acalmo e neste exato momento tenho a dimensão correta da oportunidade de estar podendo relatar o quanto sou afortunada por, mais uma vez, ter na educação o caminho para mudar minha vida. Poder relatar esta conquista é recompensador!

Desde criança, sempre fui motivada a estudar e o fiz enquanto deu. Porém, de um dia para o outro, sem perceber, vi-me perdida em meio aos horrores das peças que a vida, às vezes, nos prega, deixando-me levar pela tristeza, pela dor e pela escuridão. Tentei encontrar respostas para o meu encolhimento diante da vida, eu buscava diariamente a força necessária para vencer uma severa depressão, que me afastou de todas as minhas conquistas.

Sentindo-me confusa e impotente, acabei pedindo demissão de um emprego numa empresa pública, na qual trabalhei durante dez anos.

Porém, num belo domingo de verão, mais precisamente, no mês de novembro de 2013, ao me deparar frente a frente com a morte, tive que fazer uma escolha: levantar-me e viver! Foram dias difíceis, porém estas dificuldades foram o trampolim para que eu pudesse ver o quanto eu podia ir além da escuridão que assolava a minha vida. A escolha por vencer e tornar-me um ser humano melhor deu-me a coragem de seguir em frente, mas logo tive a constatação de que todos aqueles anos parados realmente haviam encolhido a minha vida. Mas, determinada a não ser derrotada por nenhuma circunstância e a vencer custasse o que custasse, fiz de cada um dos desafios o degrau necessário a alcançar novos rumos para minha nova vida. Decidi que esse começo deveria ser através da busca por minha autonomia financeira, mas, quando comecei a procurar uma nova colocação no mercado

de trabalho, percebi que meu currículo era ultrapassado e as oportunidades que eu buscava, necessitavam de qualificações e eu não as tinha. Só encontrava propostas medíocres, mas as propostas eram do exato tamanho do que eu tinha a oferecer. Claro que, como pessoa, eu era muito mais do que isto, só que currículo nada tem a ver com o que nós somos. Para o mercado de trabalho, o que importa é o que você tem a oferecer de conhecimento aliado à sua experiência profissional. Encorajada e motivada a concretizar os meus sonhos, decidida a jamais desistir deles, mesmo que tudo parecesse estar caminhando na direção contrária, foquei o meu olhar para dentro de mim com a decisão de que elevaria o meu nível de vida rompendo a escuridão fundamental, iluminando o meu interior e tudo a minha volta! O que mais importa é ter levantado a cada tombo que levei e o fato de ter vencido a mim mesma saindo do labirinto que me aprisionava. Hoje, agradeço a oportunidade de reencontrar minha vida através do retorno à sala de aula. Encontrei no PROEJA, o caminho para me levar de volta ao encontro dos meus sonhos.

Resolvi transformar a tristeza em coragem e dar luz à minha vida através da EDUCAÇÃO. Esta luz que rompe toda e qualquer ignorância, que transforma todo ser humano, deu novo sentido a minha vida. Resolver voltar a estudar foi maravilhoso! Do dia da minha inscrição até o dia em que participei do sorteio das vagas, tinha certeza de que através do meu retorno à sala de aula, minha vida teria um novo rumo. Sei que não é fácil, porém a cada desafio vencido, tenho a certeza de estar no caminho certo. Muito obrigada! Muito obrigada!

Posfácio: Frente Parlamentar fortalece luta pela EJA no Rio Grande do Sul

Stela Farias – Deputada Estadual PT/RS

Apesar dos notórios avanços nos últimos 12 anos, a Educação para Jovens e Adultos tem sido alvo preferido da agenda política interessada em acessar os recursos públicos para contemplar os grandes conglomerados de Educação Privada, em um cenário que só se consolidou devido ao golpe de Estado em curso no país.

Numa comparação entre as matrículas iniciais da EJA pode-se entender esse processo. Em 2014 tínhamos, no Rio Grande do Sul, 1.372 matrículas na esfera federal, em 2016 este mesmo número caiu para 307, segundo dados da Secretaria de Educação do RS. Nos municípios houve queda de duas mil matrículas no período. Enquanto isso, o número de matrículas na rede particular saltou de 9.488 para 17.573.

Aumentar a oferta da educação para os trabalhadores é urgente. Os impactos da EJA na sociedade podem ser medidos não só pelo acesso ao mercado do trabalho ou ao Ensino Superior, mas sobretudo pela redução da violência e da criminalidade, e aí reside sua principal importância. Esse é um elemento destacado recentemente no Mapa da Violência produzido pelo IPEA. O acesso à Educação, juntamente com políticas públicas de geração de emprego e renda, reduz diretamente a criminalidade.

No atual contexto do Brasil não surpreende que os primeiros cortes de recursos sejam para programas como a EJA. O descaso e o uso da Educação como mero objeto de mercantilização ameaça o presente e o futuro do país e, infelizmente, tem se reproduzido nas três esferas de poder.

Por isso a Frente Parlamentar em Defesa da Educação de Jovens e Adultos da Assembleia Legislativa é tão importante. Infelizmente, vivemos tempos sombrios e perigosos, que necessitam de unidade e esforço conjunto. Neste sentido, lutaremos para preservar nossos mais altos valores como povo, como nação e como brasileiros e brasileiras de verdade. De agora em diante é resistência e unidade.

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas

Enaltecer histórias de mulheres e homens estudantes do PROEJA, através de suas próprias palavras, é também ilustrar o quanto a educação pode ser um exercício de empoderamento e fortalecimento das classes populares. "Histórias que merecem ser contadas" convidou estudantes dos Institutos Federais brasileiros a narrar acontecimentos relevantes de suas histórias e agora te chama a mergulhar nesses textos e viajar por essas experiências.



INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Farroupilha



INSTITUTO FEDERAL
Sul-rio-grandense



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul



**Assembleia
Legislativa**

Estado do Rio Grande do Sul



Colégio Técnico Industrial de Santa Maria



FACULDADE DE EDUCAÇÃO
UFRGS

**FRENTE
PARLAMENTAR
EM DEFESA
DA EDUCAÇÃO
DE JOVENS
E ADULTOS**



**FÓRUM
ESTADUAL DE
EDUCAÇÃO DE
JOVENS E
ADULTOS-RS**



PROEJA
10 anos